**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

WELLINGTON PASCOAL DE MENDONÇA

A CONSAGRAÇÃO DE GRACILIANO RAMOS

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2018

WELLINGTON PASCOAL DE MENDONÇA

A CONSAGRAÇÃO DE GRACILIANO RAMOS

VERSÃO CORRIGIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Jackson

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M539c Mendonça, Wellington Pascoal de
A consagração de Graciliano Ramos / Wellington Pascoal de Mendonça; orientador Luiz Carlos Jackson.
- São Paulo, 2018.
109 f.
Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Sociologia. Área de concentração: Sociologia.
1. Graciliano Ramos. 2. Roda de Maceió. 3. Consagração literária. 4. Literatura brasileira. 5. Sociologia da cultura. I. Jackson, Luiz Carlos, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do orientador

Nome do aluno: Wellington Pascoal de Mendonça

Data da defesa: 19 de dezembro de 2019

Nome do Prof. orientador: Luiz Carlos Jackson

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 15 de fevereiro de 2019.

Luiz Carlos Jackson

MENDONÇA, Wellington pascoal de. **A consagração de Graciliano Ramos.** Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Dedico este trabalho aos meus avós, Alziro
e Dagmar.

AGRADECIMENTOS

Além do trabalho individual que a realização da pesquisa exige, vários foram aqueles que, de maneiras diversas, se fizeram presentes durante esses anos e contribuíram para que eu a concluísse. Assim, agradeço:

À instituição que financiou a pesquisa, pois o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Aos funcionários do Arquivo e da Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros, da Biblioteca Florestan Fernandes e da Secretaria da Pós-Graduação em Sociologia.

Aos professores Fernando Pinheiro, Marcos Moraes e Mariana Chaguri pelas leituras sempre atentas e generosas do meu trabalho, bem como pelas trocas intelectuais realizadas ao longo do mestrado.

Ao professor Luiz Carlos Jackson pela orientação e exemplo profissional. Mais do que isso, pela parceria e amizade.

Ao neto do Graciliano, Ricardo Ramos Filho, pela atenção e gentileza dispensadas a mim no dia em que nos encontramos ocasionalmente no Instituto de Estudos Brasileiros, e à Ieda Lebensztayn pelas trocas e conversas.

Aos companheiros do Núcleo de Sociologia da Cultura, especialmente aos amigos João, Marcello, Darlan, Aline, Allana, Flávia, William, Paula e Márcia. Incluo entre os amigos Gustavo, Jéssica, Ugo, Anouch e Ellen.

À minha tia Ivone e aos meus irmãos William e Cláudia.

À Vivian pelos anos de companhia.

À Sarah, Nataly, Thamires e Vanessa por todo apoio.

Especialmente à Dayana, que além da parceria e troca intelectual, tornou meus dias mais alegres.

RESUMO

MENDONÇA, Wellington Pascoal de. **A consagração de Graciliano Ramos**. 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Esta dissertação investiga a trajetória social e intelectual de Graciliano Ramos com o objetivo de problematizar o processo de sua consagração literária. Nesse sentido, as diversas instâncias de legitimação do campo literário brasileiro da primeira metade do século XX são interrogadas do ponto de vista sociológico. A análise baseia-se na reconstrução das relações a um só tempo de disputa e cooperação entre escritores, editores e críticos pela arbitragem literária no período.

Palavras-chave: Graciliano Ramos; roda de Maceió; consagração literária; literatura brasileira; sociologia da cultura.

ABSTRACT

MENDONÇA, Wellington Pascoal de. **The consecration of Graciliano Ramos**. 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

This study investigates the social and the intellectual trajectory of Graciliano Ramos in order to problematize his process of literary consecration. From a sociological perspective, it questions the various instances in which the legitimation process takes place in the Brazilian literary field during the first half of the twentieth century. The analysis reconstructs the relations among writers, editors and critics while they mutually cooperated and disputed for the literary arbitration in the period.

Keywords: Graciliano Ramos; group of Maceió; literary consecration; Brazilian literature; sociology of culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CAMINHO DAS PEDRAS	14
2 A RODA DE MACEIÓ	39
3 A CHANCELA DOS CRÍTICOS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
PERIÓDICOS CONSULTADOS	109
ARQUIVOS CONSULTADOS	109

Introdução

A princípio, pode-se supor que na literatura bastaria um conjunto de bons livros para que os escritores alcançassem a consagração. Essa proposição é relativamente verdadeira, pois explica apenas em parte o processo de consagração literária, que envolve instâncias e mediadores sociais diversos.

A despeito de haver no Brasil alguns polos literários importantes, desde as primeiras décadas do século XIX há uma tendência que se perpetuou, pelo menos, até meados do século XX: a necessidade de os escritores de regiões periféricas do ponto de vista da produção terem de migrar para a região central, mais exatamente, para o Rio de Janeiro.

O grande número de editoras, a intensidade da atividade jornalística e da crítica de rodapé, a criação de instituições literárias e organizações de escritores, a existência de várias rodas intelectuais, enfim, todas essas instâncias atuaram para que a então capital do país se tornasse um polo de atração.

A história literária mostra que foram muitos os escritores que migraram para o Rio de Janeiro com o objetivo de darem continuidade às carreiras iniciadas em suas regiões de origem, e não apenas porque a cidade figurava como a mais importante do ponto de vista da produção, nela eram formulados os juízos da crítica, lugar onde as reputações se firmavam. Tratava-se, pois, da possibilidade de projetar-se nacionalmente.

Jogo intrincado, envolvendo escritores, jornais, editores e críticos, que se movimentavam conforme seus interesses e de acordo com os trunfos que possuíam, bem entendido, a qualidade das obras, a posição ocupada por eles e por seus aliados, a eficácia das estratégias de que se valiam para se posicionarem melhor nas disputas, e tudo isso baralhando as relações de força, daí não ser suficiente tão somente um conjunto de bons livros para se legitimar e, mesmo, chegar ao cânone.

É disso que se trata essa dissertação: tornar inteligível o processo de consagração literária. Nesse sentido, analisarei a trajetória do escritor Graciliano Ramos a fim de demonstrar quão complexo é o referido processo. A escolha do escritor alagoano ocorreu, num primeiro momento, devido à existência de poucos trabalhos, principalmente sociológicos, acerca de sua trajetória intelectual e social, bem como que dessem conta de explicar como ele se consagrou. Acreditava, também, que por ele ser um escritor inscrito no cânone literário, o estudo de sua trajetória seria

representativo, ajudaria a esclarecer o processo de consagração de outros escritores que fazem par com ele. Finalmente, intrigava-me o fato dele ter publicado seu primeiro livro quando tinha aproximadamente 40 anos, enquanto que outros romancistas que estreavam na mesma época tinham em torno dos 20 ou 30 anos, o que me fez pensar que algo singular pudesse ter ocorrido e adiado sua estreia.

Procurando compreender e explicar o referido processo, dividi esse trabalho em três capítulos, nos quais analiso as instâncias e os mediadores sociais que concorreram para a consagração do escritor. Importante para a compreensão da pesquisa, não se deve perder de vista que uma dimensão temporal perpassa toda a análise, já que ela acompanhou de perto a trajetória do escritor alagoano desde sua infância, passando por sua origem social, formação intelectual e carreira literária.

O primeiro capítulo, “Caminho das pedras”, discute a origem social, familiar e a formação educacional de Graciliano Ramos, e narra suas primeiras tentativas de construir uma carreira intelectual e literária ao migrar para o Rio de Janeiro em meados dos anos 1910. Essa primeira tentativa fracassou, pois ele não conseguiu reunir apoios suficientes para ocupar uma posição estável e legitimada na imprensa. No andamento do texto, o travejamento geral do incipiente campo literário brasileiro, fortemente dependente do núcleo de escritores reunidos na Academia Brasileira de Letras, é esboçado para que se possa entender a dificuldade do jovem alagoano para se inserir.

O capítulo seguinte, “A roda de Maceió”, descreve o momento de inflexão na carreira de Graciliano a partir de seu retorno a Alagoas e participação nesse grupo cultural. Apoiado nessa convivência e nos trunfos detidos pelo grupo, decisivo à publicação de seus primeiros romances, conseguiria finalmente se inserir nos meios literários e efetivar-se como escritor. O capítulo tenta dar conta da complexidade com que diversas instâncias de legitimação se imbricavam, permitindo o reposicionamento dos escritores, em função, sobretudo, das relações estabelecidas com outros escritores, editores e críticos, em meio às disputas vigentes pela consagração literária.

Por fim, o terceiro capítulo, “A chancela dos críticos”, recupera o julgamento da crítica acerca da obra de Graciliano Ramos. Nesse passo, pretendo discutir as relações, a um só tempo de disputa e de apoio recíproco, que vinculavam escritores e críticos no campo literário brasileiro, e como tais mediações seriam decisivas às pretensões dos escritores de ingressar no cânone literário. Na contracorrente, os

críticos também reforçaram seus próprios nomes no reconhecimento de seu prestígio pelos escritores.

1 Caminho das pedras

Primeiro dos dezesseis filhos de Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro e Ramos, Graciliano nasceu em Quebrangulo, Alagoas, em outubro de 1892.¹ Seus pais descendiam de famílias de proprietários rurais que desfrutavam de prestígio e situação financeira distintas. Em suas memórias, o avô paterno foi retratado como

um velho tímido, que não gozava, suponho, muito prestígio na família. Possuía engenhos na mata; enganado por amigos e parentes sagazes, arruinara e dependia dos filhos. Às vezes endireitava o espinhaço, o antigo proprietário ressurgia, mas isto, rabugice da enfermidade, findava logo e o pobre homem resvalava na insignificância e na rede. Bom músico, especializara-se no canto. [...] A grandeza e a harmonia singular hoje desdobram a figura gemente e mesquinha, de ordinário ocupada, apesar da moléstia, em fabricar miudezas. Tinha habilidade notável e muita paciência. Paciência? Acho agora que não é paciência. É uma obstinação concentrada, um longo sossego que os fatos exteriores não perturbam. [...] Meu avô nunca aprendera nenhum ofício. Conhecía, porém, diversos, e a carência de mestre não lhe trouxe desvantagem.²

Dessa descrição emerge a figura de um homem hesitante, que durante a vida teria oscilado entre o comércio e a arte. Sem tino para os negócios, teve seu patrimônio dilapidado. Daí não ser prestigiado pelos parentes, que provavelmente valorizavam o desenvolvimento de uma atividade econômica em detrimento de um meio de vida voltado ao mundo simbólico. Indo além, suponho que esse aspecto se remeta à atribuição desigual de valor entre atividades tidas como masculinas ou femininas. Localizando-as em polos opostos, esperava-se dos homens uma postura pragmática – nesse caso representada pela condução do engenho –, enquanto que as mulheres poderiam se perder em “miudezas”. Ao traçar o perfil do avô materno essa imagem ganha contornos mais nítidos, já que ele

não desperdiçava tempo em cantiga nem se fatigava em miuçalhas. De pernas, gibão e peitoral, as abas do chapéu de couro, repuxado para a nuca, a emoldurar-lhe o rosto vermelho, impunha-se. [...] Homem de imenso vigor, resistente à seca, ora na prosperidade, ora no dismantelo, reconstruindo corajoso a fortuna, em geral não se expandia. Escutava sereno as conversas, o lenço encarnado no ombro ou nos joelhos, o olho azul perdido na capoeira familiar, percebendo sinais invisíveis ao observador comum. Possuía conhecimentos infusos a respeito de tudo quanto se refere a bichos: indicava com segurança as crias das vacas paridas no mato, adivinhava o

¹ MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 23. Graciliano tinha, ainda, uma irmã (natural) mais velha, a quem chamavam de Mocinha (Ramos, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 163-170).

² RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 22-23.

peso exato dos bois de era. Para vender o seu gado nunca precisou de balança.³

Caracterizado como um homem forte e austero, dedicado à criação de gado e com pleno domínio do ramo em que atuava. Obstinado, soube, diferentemente daquele, recompor-se das perdas financeiras, gozando, talvez por isso, maior prestígio. Retratos de duas personalidades distintas, servem como parâmetro, em escala micro, da hierarquização estrutural a que me referi, pois suscitam as posições que cada indivíduo – de acordo com idade e sexo – deveria ocupar. Até mesmo a maneira como ambos se expressavam evidencia isso: enquanto o avô paterno, ocupando uma posição em falso, expandia-se demasiadamente, o avô materno, desfrutando de maior estabilidade, conseguia conter-se.

Graciliano, rememorando seus primeiros anos, refere-se ao avô paterno como aquele que o transmitira o gosto pelas coisas sem importância.⁴ É claro que não se deve afastar dessa avaliação retrospectiva a possibilidade de ter ocorrido um processo de ressignificação de sua experiência, pois quando *Infância* foi publicado, em 1945, ele já passava dos cinquenta anos e tinha uma carreira consolidada, pelo menos do ponto de vista do reconhecimento simbólico. Não obstante, é significativo que o jovem tenha se afeiçoado a esse parente, pois, por um lado, tinham interesses relativamente comuns e, por outro, experimentaram, cada um ao seu modo, o desprezo da família. No caso do menino, isso não demorou a descambar para atitudes violentas praticadas pelos pais.

A mãe, Maria Amélia Ferro e Ramos, teve-o aos quatorze anos. Já o pai, Sebastião Ramos de Oliveira, bem mais velho, tinha, à época, trinta e oito.⁵ Segundo Graciliano,

Nesse tempo meu pai e minha mãe estavam caracterizados: um homem sério, de testa larga, uma das mais belas testas que já vi, dentes fortes, queixo rijo, fala tremenda; uma senhora enfezada, agressiva, ranzinza, sempre a mexer-se, bossas na cabeça mal protegida por um cabelinho ralo, boca má, olhos maus que em momentos de cólera se inflamavam com um brilho de loucura. Esses dois entes difíceis ajustavam-se. Na harmonia conjugal a voz dele perdia a violência, tomava inflexões estranhas, balbuciava carícias decentes. Ela se amaciava, arredondava as arestas, afrouxava os dedos que nos batiam no cocuruto, dobrados, e tinham dureza de martelos.

³ RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 24.

⁴ RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 22.

⁵ MORAES, Dênis de. *O velho Graça*: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 23.

Qualquer futilidade, porém, ranger de dobradiça ou choro de criança, lhe restituía o azedume e a inquietação.⁶

Eram, conforme depreende-se da descrição, pessoas rudes, que ao menor aborrecimento mudavam abruptamente de humor. A violência dispensada a Graciliano, bem como o sentimento de injustiça diante da gratuidade das atitudes agressivas dos pais parecem ter marcado sua personalidade.⁷ Todavia, o sofrimento dele não se encerrava nisso, ele sentia-se rejeitado.⁸ São, talvez, consequências dessas coisas tanto o sentimento de inferioridade, que volta e meia aflorava, quanto a resignação diante das várias situações marcadas pela intolerância e descaso dos pais.

Financeiramente, a condição dos Ramos oscilava entre bons e maus momentos. Enquanto Maria Amélia Ferro e Ramos descendia de um casal de fazendeiros, que a despeito de experimentar condições adversas, mantinha-se relativamente bem amparado, Sebastião Ramos de Oliveira vira o pai, senhor de engenho, falir. No início dos anos 1890, a família de Graciliano vivia modestamente dos ganhos obtidos do comércio de tecidos levado adiante por seu pai em Quebrangulo, Alagoas. Em meados dessa década, persuadido pelos sogros, Sebastião Ramos vendeu sua loja e migrou para Buíque, Pernambuco, onde adquiriu uma fazenda com o objetivo de aumentar os ganhos por meio da criação de gado.⁹ No entanto, a escassez de chuvas atrapalhou o novo negócio, fazendo-o perder vários animais, situação que teria comprometido a sobrevivência da família. Buscando uma alternativa, decidiram-se por mudar para uma vila, na mesma cidade, onde retomou a

⁶ RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 16-17.

⁷ Certa vez, seu pai, ao deitar-se na rede, não percebeu que o cinturão que usava desprendera do corpo. Não o encontrando ao se levantar, culpou o filho pelo sumiço. Sem conseguir reagir diante da acusação do pai, foi, mais uma vez, agredido (RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 33-37). Essa e outras situações marcadas pela violência, não apenas física, parecem ter contribuído para que Graciliano, pelo menos durante a infância, se resignasse.

⁸ Na juventude, Graciliano foi acometido por uma doença nos olhos que o deixava sem enxergar de tempos em tempos. Isso causava a impaciência da família, sobretudo da mãe, que o deu dois apelidos: bezerro-encourado e cabra-cega. O primeiro deles relacionava-se ao fato de ser desengonçado e, de certo modo, deixava clara a antipatia da mãe. A expressão era utilizada para se referir a um bezerro órfão, que, vestido com o couro de uma cria morta, aproxima-se da progenitora deste e, assim, pode se amamentado. Já o segundo, remetia-se diretamente à doença, e aborrecia-o por conta da possibilidade de lhe insultarem por meio de um jogo infantil jocoso. Além das dores e desconfortos físicos, a enfermidade causava-lhe sofrimento emocional (RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 143-150).

⁹ MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 23-24.

atividade comercial.¹⁰ Negócio transitório, tocado com cautela, serviu a Sebastião como meio de obter recursos para voltar a Alagoas,¹¹ e assim os Ramos fizeram. Instalando-se, desta vez, em Viçosa, Sebastião firmou uma sociedade comercial, por meio da qual – mirando parentes em melhores condições financeiras –, perseguiu a ascensão econômica.¹² Com o sucesso do negócio, comprou uma pequena propriedade destinada à criação de gado.¹³

Outro marcador importante é a formação educacional de Graciliano. Notadamente irregular, entrecortada por violência, causou-lhe, ambas as coisas, sofrimento. O pai foi quem tentou ensinar-lhe as primeiras letras, mas, sem familiaridade com o ensino, a paciência logo se esgotava, e sua ira era toda direcionada ao filho.¹⁴ Ao relembrar desse período, demonstrou sua aflição:

Muitas infelicidades me haviam perseguido. Mas vinham de chofre, dissipavam-se. Às vezes se multiplicavam. Depois, longos períodos de repouso. Em momentos de otimismo supus que estivessem definitivamente acabadas.

Agora não alcançava esse engano. As três manchas verticais, úmidas de lágrimas, estiravam-se junto à mão doída, as letras renitentes iriam afligir-me dia e noite, sempre. As réstias que passeavam no tijolo e subiam a parede marcavam a aproximação do suplício. Dentro de algumas horas, de alguns minutos, a cena terrível se reproduziria: berros, cólera imensa a envolver-me, aniquilar-me, destruir os últimos vestígios de consciência, e o pedaço de madeira a martelar a carne machucada.¹⁵

Ainda em Buíque, Pernambuco, matriculado na escola de d. Maria, iniciou os estudos formais. Cessaram as agressões, e o aluno obteve algum progresso,

¹⁰ Ao rememorar as dificuldades enfrentadas pela família durante uma seca severa, Graciliano indica que o pai estava inserido num estrato social médio, ambicionando ascender, ainda que lutasse contra o descenso (RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 27-31).

¹¹ RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 171. Ainda que os Ramos tenham se instalado provisoriamente nessa vila, em Buíque, e que o comércio aberto por Sebastião fosse transitório, ele adquiriu um sítio na mesma localidade. Essa aquisição ajuda a esclarecer a real situação financeira da família, que, apesar das dificuldades que surgiram como consequência da condição climática adversa, possuíam capital tanto para o comércio quanto para aquisição de uma propriedade rural. Em uma passagem de suas memórias, Graciliano discorre sobre a condição econômica de seu pai à época do retorno para Alagoas. Tratava-se, conforme esclarece, de uma situação razoável, mais exatamente, localizada em um patamar médio (RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 176).

¹² RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 177; 179. A sociedade comercial constituída por Sebastião Ramos e Manuel Costa – Ramos & Costa – possuía três funcionários e comercializava mercadorias variadas (RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 179).

¹³ MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 29.

¹⁴ RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 109-114.

¹⁵ RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 113-114.

festejado pela família, sobretudo pelo pai. Nova dificuldade: as cartilhas o desestimulava, interrompendo, assim, os avanços iniciais.¹⁶ Ao transferir-se para Viçosa, Graciliano passou a frequentar a escola pública da professora Maria do O.¹⁷ Devido à uma nova mudança da família, matricularam-no em outra escola e, pouco depois, em outra.¹⁸ Em comum, a má qualidade dos estabelecimentos e o ambiente hostil. O resultado desse estado de coisas: o desinteresse e a aflição. Não demorou para que Graciliano passasse a frequentar uma nova escola¹⁹ e, corroborando a irregularidade que caracterizou seus estudos, foi transferido para um colégio que se instalara na cidade.²⁰ Ao sentir manifestar o gosto pela leitura, solicitou a uma prima, Emília, que o auxiliasse, já que se julgava incapaz. Contrariando o juízo dele, ela instigara-o a enfrentar os livros sem que ninguém o tutelasse, e assim o fez.²¹

Foi por esses tempos que Graciliano aproximou-se do tabelião Jerônimo Barreto. Dono de uma biblioteca particular, emprestou livros para o jovem, que, a despeito da irregularidade de seus estudos, adquiria paulatinamente o gosto pela leitura – primeiro de romances, depois de assuntos os mais variados –, que concorreu para sua formação. Com pouco mais de onze anos, e evidentemente sem maturidade intelectual, entusiasmou-se com a possibilidade de fundar um periódico. Ao lado de um primo, Cícero, e de um funcionário dos Correios, Mário Venâncio, que também era professor de geografia no colégio em que estudava, ajudou a fundar *O Dilúculo*,²²

folha impressa em Maceió, com duzentos exemplares de tiragem quinzenal, trazidos pelo estafeta Buriti, que vendia revistas e declamava pedaços do *Moço Louro*. O desgraçado título foi escolha do nosso mentor, fecundo em palavras raras.²³

Nesse periódico saiu o primeiro conto de Graciliano, intitulado *O Pequeno Mendigo*.²⁴ Modesto, circulou menos de um ano, totalizando dezessete números.

¹⁶ RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 121-133.

¹⁷ RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 179-185.

¹⁸ RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 193-197.

¹⁹ RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 212.

²⁰ RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 232.

²¹ RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 208-210.

²² Graciliano esclarece que ele e o primo – nomeados como diretores do periódico – eram, na verdade, testas de ferro de Mário Venâncio, quem, de fato, conduzia a publicação (RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 248).

²³ RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 246.

²⁴ Esse conto foi remendado por Mário Venâncio. Segundo Graciliano, esses e outros trabalhos “saíram com tantos arrebiques e interpolações que do original pouco se salvou” (RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 248).

Como índice do incipiente desenvolvimento das atividades intelectuais na cidade, pode-se tomar a organização de uma sociedade teatral, a Escola Dramática Pedro Silva e a Instrutora Viçosense, que, excetuando-se as ocasiões em que os diretores tomavam posse de seus cargos, não tinha atividades regulares. De todo modo, desse momento em diante Graciliano conseguiu emplacar algumas publicações, além de envolver-se em outro projeto editorial.²⁵ Ainda que seu gosto e disposição para a leitura, bem como o envolvimento com esses “projetos editoriais” – certamente pífios – tenham uma carga anedótica, não deixam de evidenciar a disposição autodidata de Graciliano Ramos.

Em 1905, devido à inexistência de ginásios em Viçosa, o que impediria a continuidade dos estudos formais, seus pais o matricularam no Colégio Quinze de Março, de Maceió, para onde, por causa disso, se mudaria, retornando apenas nos períodos das férias. Em uma dessas ocasiões, e mais uma vez por iniciativa de Mário Venâncio, contribuiu com a edição do jornal *Echo Viçosense*, cujo fim se abreviou por causa do suicídio daquele, após a veiculação de apenas dois números.²⁶ Ao lado dos estudos regulares, Graciliano escrevia poemas e sonetos,²⁷ e muitos foram publicados na revista carioca *O Malho*, no *Jornal de Alagoas*, *Correio de Maceió* e na revista *Argos*.

No entanto, o acontecimento mais sugestivo desses cinco anos em que permaneceu em Maceió foi o fato do *Jornal de Alagoas* tê-lo convidado, em 1910, para participar de um inquérito literário. O jornal, assim, reconhecia-o como literato. Ainda que o significado disso deva ser matizado, pois se tratava de um periódico local, de um estado periférico do ponto de vista da produção literária e da construção dos juízos, não me parece sem importância, já que nos anos subsequentes Graciliano intensificará suas investidas com o propósito de ingressar numa carreira intelectual, e esse momento pode ter servido como um primeiro momento de inflexão para ele, pois, com isso, adquiria o estatuto social de escritor.

Ao concluir os estudos, foi de Maceió para Palmeira dos Índios, cidade na qual ficava a nova residência da família. Em princípio, apenas Sebastião Ramos tinha

²⁵ RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 245-250.

²⁶ MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 32-33.

²⁷ Já na juventude Graciliano dizia preferir a prosa à poesia, no entanto, segundo seu próprio julgamento, não tinha talento para aquele gênero e, além disso, os trabalhos poéticos ocupavam menos espaço nos jornais (SALLA, Thiago Mio; LEBENSZTAYN, Ieda (Org.). **Conversas**: Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 52-53).

mudado.²⁸ Ao adquirir casa, loja e fábrica para descaroçar algodão, convocou o filho mais velho para ajudá-lo. Deixando os encargos da loja a ele, o pai dedicou-se à lavoura e à pecuária.²⁹ Mais do que isso, a atitude do pai talvez tivesse o propósito de evidenciar ao filho o que havia reservado a ele: a transmissão do patrimônio e, em consequência, as responsabilidades concernentes à reprodução material da família.

Imediatamente, o retorno de Graciliano representou, por um lado, a suspensão de qualquer intenção de transitar em alguma eventual roda de intelectuais de Maceió³⁰ e, por outro, o fim dos seus estudos formais. Ainda que o autodidatismo pudesse compensar a interrupção dos estudos, a falta de um título escolar poderia limitar suas possibilidades de deixar o comércio e ingressar numa atividade intelectual prestigiada. Soma-se a isso o parco cabedal de relações sociais que possuía, resumido nos amigos Mota Lima, que também migrariam para o Rio de Janeiro a fim de fazerem carreira na imprensa.³¹

Nos quase quatro anos em que permaneceu em Palmeira dos Índios, Graciliano dividiu-se entre o trabalho na loja da família e a criação literária, intensamente compartilhada com seu amigo, desde a infância, Joaquim Pinto da Mota Lima Filho,³² que, assim como ele, praticava a literatura. Num trecho extraído de uma carta enviada a Joaquim, de 27 de outubro de 1911, pode-se vislumbrar ambas as coisas:

Tens continuado a escrever? Finalmente, creio que cultivas o realismo, mas em tudo que escreves aparece claramente o imaginário, o impossível. Eu

²⁸ A mãe de Graciliano e seus irmão permaneceram em Viçosa por mais algum tempo, até que a mudança pudesse ser realizada (MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 37).

²⁹ Descendentes de senhores de engenho e pecuaristas, a família de Graciliano parece ter priorizado o comércio, tendo como atividades subsidiárias a agricultura e a pecuária. Conforme foi visto, Sebastião Ramos investiu na criação de gado, contudo, as adversidades climáticas comprometeram o negócio, fazendo-o migrar, como alternativa, para a atividade comercial.

³⁰ Por ora, não foi possível verificar se havia qualquer roda intelectual, em Maceió, no início da década de 1910. Todavia, a aplicação do já referido inquérito literário pelo *Jornal de Alagoas*, e a existência de uma revista literária, *Argos*, indicam que alguma atividade literária era praticada, daí a suposição de que pudesse haver formações daquele tipo.

³¹ Ainda que o mercado de postos públicos fosse incipiente, condição que seria alterada com a ascensão de Vargas ao poder central (MICELE, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. In: MICELE, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.), suponho que um título escolar poderia trazer vantagens mesmo na obtenção de postos mais vantajosos, por exemplo, no interior das redações dos jornais, determinando, ainda, o ingresso em jornais mais ou menos prestigiados.

³² Filho do farmacêutico Joaquim Pinto da Mota Lima – conhecido como Dr. Mota –, Joaquim Pinto da Mota Lima Filho mais tarde se tornaria jornalista, trabalhando no Rio de Janeiro. Seus irmãos – Rodolfo, Pedro e Paulo Mota Lima – também se dedicaram ao jornalismo. A família mantinha relações com políticos locais, dentre os quais, Pedro da Costa Rego, governador de Alagoas no decênio de 1920 e Álvaro Paes, que também esteve à frente do Estado, mais exatamente, no momento em que Graciliano dirigiu a Imprensa Oficial (RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2012).

tenho sido caipora, porque tudo quanto produzo é miseravelmente assassinado pelos senhores tipógrafos. Apenas um dos meus trabalhos, uma coisa parecida com juízo crítico sobre o *Il cacciatore di smeraldi*, de Carlo Parlagreco, teve poucos erros, malgrado ter sido estragado um trocadilho com que eu fechava o troço. Eu escrevi: “Se o senhor Carlo parla greco”, saiu publicado: “Se o senhor Carlo parla grego”. Ora não há grego em italiano – há greco. Demais o Sr. Carlo é Parlagreco e não gosta que lhe mudem o nome, como disse Eça de Queiroz.

Aí está, meu Pinto velho dos pés compridos. Eu sou um mártir dos revisores e dos tipógrafos. Em dois sonetos meus houve estas encantadoras trocas: pranto em vez de ponto, triste em lugar de tonto, bramido por brunido. É verdade que bramido e brunido são quase a mesma coisa – quase não houve alteração.³³

Em outra correspondência, de 2 de fevereiro de 1914, mais um exemplo da criação e das trocas literárias entre os dois amigos:

Que é dos sonetos, miserável? Que é da correspondência francesa que prometeste? Não te mando agora alguma coisa, como combinamos, porque ainda estou a trabalhar naquele conto que me deixaste a fazer. Desenvolvi-o, ampliei-o, estão escritas já quase setenta tiras. Se chegar a concluí-lo – o que acho difícil, quase impossível, porque caí na tolice de me meter em certas funduras – talvez te mande uma cópia.³⁴

Se as referências à sua produção, bem como a publicação esporádica de sonetos e crônicas no *Jornal de Alagoas*, *Correio de Maceió* e *O Malho* vão tornando claros os investimentos de Graciliano numa possível carreira literária, o incomodo manifestado pelo fato de dividir-se entre a literatura e o trabalho ordinário, na loja da família, corrobora suas intenções. Em carta de 20 de julho de 1914, remetida ao amigo Joaquim, há indícios disso:

Depois de procurar por muito tempo alguma ocupação, resolvi-me a ensinar alguma coisa à rapaziada palmeirense. Tenho quinze alunos. Posso dizer que, pela primeira vez em minha vida, tenho ganho algum dinheiro honradamente. [...] Finalmente, parece-me que, com a chegada da Paulista aqui, seu Sebastião Ramos resolve-se a procurar outro meio de vida. Tenho a vaga esperança de abandonar esta porcaria. E pergunto a mim mesmo que é que vou fazer. Tenho pensado em ser padre. (Seriamente, tenho pensado em ser padre.) Parece-me que é a única profissão compatível com meu gênio.³⁵

A atuação como professor e a esperança de deixar o comércio – ainda que a incerteza quanto às possibilidades profissionais também apareçam nesse trecho de

³³ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 15-16.

³⁴ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 20-21.

³⁵ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 34-35. Ao que tudo indica, o gênio de Graciliano compatibilizava-se com o trabalho intelectual, daí, talvez, a referência à carreira eclesiástica.

carta – servem como amostras de suas pretensões na esfera intelectual, ensejadas pelo binômio incomodo-expectativa experimentados pelo então jovem comerciante-escritor.³⁶ A hesitação de Graciliano acerca de uma profissão alternativa é logo dissolvida, emergindo uma solução, para ele, conciliadora. Os excertos seguintes, extraídos da mesma carta de 20 de julho de 1914 são, nesse sentido, esclarecedores.

Ontem, durante o dia e durante a noite, tomei uma grande resolução. Parece-me que vou para o Rio. Queres ir comigo? Se estás firme em teu propósito de azular e se te não desagrade a companhia deste selvagem da Palmeira, podemos cavar a vida juntos.³⁷

Tratar-se-ia de migrar para o Rio de Janeiro, “bandas onde dizem que há gente civilizada”,³⁸ enquanto que o emprego seria buscado na imprensa, conforme depreende-se da carta remetida ao pai em 21 de agosto de 1914:

Creio que em Maceió não tenho amigos que se possam interessar tanto pela minha vida e pelo meu bem-estar. Que é que essa gente de Maceió sabe a respeito de minhas resoluções? Não quero emprego no comércio – antes ser mordido por uma cobra. Sei também que há dificuldades em se achar um emprego público. Também não me importo com isso. Vou procurar alguma coisa na imprensa, que agora, com a guerra, está boa a valer, penso.³⁹

O lugar que Graciliano ocupava no interior de sua família ajuda a compreender a recomendação que seu pai o faz ao ter notícia de sua partida para o Rio de Janeiro. Primogênito, teve de lidar com as exigências que recaiam sobre os filhos homens nessa situação quando a família não contava com uma rede de solidariedade que pudesse colocar em funcionamento para que o filho pudesse estudar, no sentido mesmo de efetuar uma reconversão do capital social em capital cultural.⁴⁰ Assim, o comércio e o emprego público, para Sebastião Ramos, figuravam como carreiras possíveis ao filho. A recusa de Graciliano às sugestões do pai – a ida do filho para Maceió e o emprego no comércio – torna patente a opção de Graciliano por uma carreira intelectual. Mais do que isso, demonstra a clareza que tinha sobre as

³⁶ Alusão à condição de funcionário-escritor (MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. In: MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001). Utilizei o termo comerciante-escritor no sentido de demarcar a situação adversa vivenciada por Graciliano Ramos, que tinha de deixar em segundo plano a atividade que lhe custava mais caro.

³⁷ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 36-37.

³⁸ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 36.

³⁹ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 37-38.

⁴⁰ MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. In: MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

possibilidades de levar adiante tal projeto, pois não vacilou em optar por migrar para a capital federal – local onde os juízos e as reputações eram formados – ao invés de Maceió, tampouco em qual ramo profissional tentar se inserir, a imprensa, que, à época, figurava como a principal opção para aqueles que almejavam a carreira literária, empregando vários escritores.⁴¹

No início do século XX, o Rio de Janeiro passava por um processo de revitalização urbana. A cultura, por sua vez, não ficou incólume às transformações em curso. Diante disso, e a fim de compatibilizar o ambiente que se ia transformando e o modo de vida da cidade, o prefeito Pereira Passos passou a incentivar espetáculos mundanos, os quais, ao lado de outros assuntos, foram aproveitados pela literatura com o propósito de atrair o público.⁴²

Nesse quadro de transformações, a boêmia – um conjunto de valores e atitudes que orientava os escritores em face da vida e, também, do fazer literário – perdeu espaço. A dinâmica social em que se sustentava foi sendo superada conforme a cidade do Rio de Janeiro se transformava. Os espaços nos quais os boêmios circulavam e construíam suas reputações foram, de certa maneira, reduzidos, arrastando-os juntos.⁴³

Em relação direta com o espírito mundano que emergiu na cidade, acompanhou-o toda uma readequação das condutas, modeladas segundo os padrões dos centros europeus. Pulularam clubes e solões, e a literatura foi, nesses círculos, cultuada como um artigo de luxo.⁴⁴ Contudo, não foram apenas os clubes e salões acentuadamente mundanos que caracterizaram a nova paisagem carioca, pois

O famoso salão de Coelho Neto, na Rua do Rozo, não possuía o mesmo cunho de alto mundanismo, esse tom afetado e esnobe. Ali predominava a literatura, a cordialidade, e até mesmo uma certa sem-cerimônia. A casa de dois andares, com um jardim ao lado, estava sempre aberta a todo mundo, aos plumitivos que vinham dos pontos mais distantes da província, com um manuscrito e uma carta de apresentação para o escritor, cuja fama corria o Brasil inteiro. As duas primeiras décadas do século foram, por excelência, o

⁴¹ Mais adiante, ao tratar das condições do campo literário no Rio de Janeiro dos 1900, voltarei a discutir a importância do emprego nos jornais para os escritores.

⁴² BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil. 1900.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 36-37.

⁴³ BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil. 1900.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 40. A intelectualidade boêmia transitava sobretudo pelos cafés e confeitarias localizados na rua do Ouvidor ou nas suas imediações. Esse reduzido espaço de circulação teria contribuído para a construção da reputação dessas personagens singulares na medida em que favorecia os meios utilizados por elas. Assim, a construção da avenida Central – e a consequente ampliação do espaço no qual circulavam – contribuiu para que perdessem a visibilidade que outrora lhes garantia algum prestígio (BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil. 1900.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 40; 55; 71-75).

⁴⁴ BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil. 1900.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 55.

período do apogeu de Coelho Neto, quando exerceu ele sensível influência em nossas letras, aclamado não somente aqui como em Portugal.⁴⁵

Portanto, pelo menos em uma de suas faces, a conquista de prestígio estava ligada à adequação ao novo estilo de vida que começou a ser cultivado no Rio de Janeiro por volta dos primeiros decênios do século XX e, principalmente, ao pertencimento aos salões mundano-literários que foram criados durante o mesmo período.

Para essa readequação das condutas concorreu, ainda, a fundação da Academia Brasileira de Letras.⁴⁶ O oficialismo com que essa instituição se revestiu, exigindo de seus membros efetivos e postulantes comedimento, contribuiu sobremaneira para o aburguesamento dos escritores.⁴⁷ Essa seria, pois, a outra face dos requisitos que deveriam cumprir aqueles que almejavam o reconhecimento oficial.

Daquele trecho já se pode extrair uma característica que marcou, por bom tempo, a literatura brasileira: o fato de os provincianos terem de migrar para o centro da produção cultural, lugar onde também se formavam as reputações. Mais do que isso, a passagem indica ainda a necessidade de haverem “medalhões” para que as distâncias entre as regiões se encurtassem, e a recepção do pretendente pudesse ocorrer a um custo menor.

Dessa maneira, a presença nos salões, mais exatamente, fazer parte dos grupos restritos que neles circulavam, a adequação ao tipo de sociabilidade vigentes nesses espaços, bem como a moderação exigida pelo oficialismo literário, num movimento de afastamento em relação ao estilo de vida boêmio, evidenciam que a vida literária estava sendo reorganizada e, nesse processo, outros expedientes entraram em cena no sentido de orientarem as disputas no campo literário⁴⁸ que ainda se estruturava.

⁴⁵ BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil. 1900.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 62. O salão de Sousa Bandeira também possuía uma orientação predominantemente literária, e era frequentado pelos autores consagrados da época, como José Veríssimo, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, além de alguns estreantes, a exemplo de Alceu Amoroso Lima. Já o salão de Inglês de Sousa recebeu os escritores mais jovens, como Renato Lopes e o próprio Alceu Amoroso Lima (BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil. 1900.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 65).

⁴⁶ BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil. 1900.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 39-40.

⁴⁷ BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil. 1900.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 40.

⁴⁸ Ao utilizar a noção de campo literário, apoio-me nos estudos de Bourdieu acerca do caso francês (BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.), diverso do brasileiro. Não ignoro o fato de no Brasil não haver, pelo menos até a década de 1940, as condições que concorreram para a autonomização do campo na França. Contudo, havia já, em seu interior, regras de funcionamento, valores e interesses compartilhados por aqueles que se lançaram na vida literária a fim de se tornarem escritores profissionais. Para uma discussão

Não obstante, o acesso a esses grupos seletos requeria alianças, e espaço privilegiado para o estabelecimento de laços de cumplicidade recíprocos, como esses se caracterizaram, foi encontrado nas livrarias. No final do século XIX e início do XX, muitas delas serviram como ponto de encontro dos escritores.

Frequentavam a Livraria Quaresma, por exemplo, Machado de Assis, Catulo Cearense e João Ribeiro. Na Livraria Brigueit, circulavam o barão Homem de Melo, Artur Orlando, Pandiá Calógeras, Graça Aranha, Cândido de Oliveira e Rui Barbosa. Já na Livraria Laemmert, Figueiredo Pimentel, Jarbas Loretto, Elísio de Carvalho e Euclides da Cunha eram os mais assíduos. Na Livraria Azevedo, reuniam-se Carlos de Laet, Fausto Barreto, Hemetério José dos Santos e Castro Lopes.⁴⁹ A Livraria Garnier, por sua vez, era frequentada por diversos escritores.

Dentre esses, destacava-se o grupo composto por Lúcio de Mendonça, Nabuco, Taunay, José Veríssimo, Coelho Neto e Machado de Assis – que se reuniam na Livraria Lombaert e, depois, passaram a se encontrar na *Revista Brasileira* –, responsável pela fundação da Academia Brasileira de Letras.⁵⁰ A roda formada por esses escritores diferenciava-se das demais por reunir as personalidades mais celebradas do período e, sobretudo, porque controlava o acesso à Academia, que conferia distinção, pelo menos simbólica, àqueles que eram eleitos para ocuparem uma de suas poucas cadeiras.⁵¹ Num momento de incipiente ou nenhuma diferenciação profissional, onde a crítica literária era feita pelos próprios escritores, os quais, ao mesmo tempo, opunham-se nas disputas para alcançarem prestígio, a constituição de alianças a fim de fazerem parte do grupo que regulava essas disputas

esclarecedora sobre o tema, consultar JOHNSON, Randal. A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945). **Revista USP**, São Paulo, n. 26, p. 164-181, ago. 1995.

⁴⁹ BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil. 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 83. Se vários desses escritores foram prescritos – não figurando, portanto, entre aqueles que compõem o cânone literário brasileiro –, à época gozaram de algum prestígio.

⁵⁰ BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil. 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 80-82.

⁵¹ O entendimento de que a Academia Brasileira de Letras conferia reconhecimento aos seus membros pode ser apreendido pelas tentativas de organização de instituições similares, em flagrante oposição. Acompanhando o inventário de Broca, foram três iniciativas nesse sentido. A primeira delas, encabeçada por Paula Nei, deu-se logo que a Academia Brasileira de Letras fora fundada. Tratava-se, objetivamente, de uma oposição, pois dela participariam intelectuais que não figuravam naquela. O projeto, entretanto, não se efetivou. Em 1911, agora por iniciativa do jornal *A Imprensa*, de Alcindo Guanabara, foi lançado o projeto da Academia dos Novos, que a despeito de causar interesse entre as rodas literárias, fracassou ainda no período de realização das eleições para a escolha dos seus membros. Anos depois, em 1914, nova investida. Dessa vez, no entanto, a instituição teria uma finalidade de cunho profissional. A Sociedade Brasileira dos Homens de Letras pretendia atuar na proteção dos escritores, contudo, a esse respeito, pouco ou nada fez, promovendo principalmente conferências, palestras e saraus artísticos (BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil. 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005).

ou, então, ficarem sob sua órbita, era fundamental para quem mirava o reconhecimento.⁵²

Nesse momento, o campo literário carioca comportava, ainda, outro expediente que concorria para dar visibilidade aos escritores e, eventualmente, dar-lhes prestígio. A propaganda, e mesmo a autopropaganda, foi vastamente utilizada. Para tanto, os escritores valeram-se das conferências, que se multiplicavam nos primeiros anos do século XX.

Tratava-se de uma reunião social, onde as mulheres, geralmente, iam com o espírito com que se vai ao chá-dançante, e os homens acorriam, em parte, para ver as mulheres. Além do que, uma circunstância importantíssima pesava no caso: em Paris se fazia assim, esse era o chique em Paris. O Instituto Nacional de Música tornou-se nossa Université des Annales. Quanto aos escritores, inclinavam-se para o gênero, não somente pelo lucro financeiro, como porque nessa época, em que o sensacionalismo começava a se implantar em nossas letras, e ainda não se dispunha do sistema de propaganda literária de hoje, pronunciar uma conferência constituía um dos melhores meios de dar na vista, de chamar a atenção para a própria pessoa, fazer o próprio reclame, enfim.⁵³

No mesmo sentido poderia incorrer a crítica literária. De caráter militante, geralmente ocupava-se em orientar os leitores acerca das novas edições de livros. Não surpreenderia se os críticos – por vezes os próprios escritores, portanto, diretamente interessados, e que, devido à reduzida diferenciação profissional, atuavam em ambas as frentes – privilegiassem seus companheiros de roda intelectual fazendo-lhes propaganda.

Além dessas particularidades que regiam o mundo das letras, outro requisito mostrava-se igualmente decisivo para aqueles que investiam na carreira literária. Em vários estados a literatura dava sinais de desenvolvimento – atestado pela criação de grêmios, academias e periódicos –, todavia, as possibilidades concretas de ocupar posições vantajosas, bem como de se manter nelas, demandavam a migração para a então capital federal, que, à época, era também o centro da produção cultural. E uma maneira disso efetivar-se encontrava lastro no emprego nos jornais, já que

⁵² O episódio da eleição de Mário de Alencar em detrimento de Domingos Olímpio para a cadeira antes ocupada por José do Patrocínio, na Academia Brasileira de Letras (BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil. 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005), evidencia a força dessas alianças no período, pois aqueles que estavam vinculados a Machado de Assis e, portanto, frequentavam a Livraria Garnier, votaram conforme seu patrono. Tratam-se de estratégias de promoção dos companheiros de roda intelectual, que, a despeito de variarem as formas, perpetuaram-se como um expediente vastamente utilizado por outros grupos. Voltarei a esse assunto ao tratar da roda de Maceió.

⁵³ BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil. 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 198.

não se pode negar que os jornais, proporcionando trabalho aos intelectuais, mesmo quando se tratava de simples rotina de redação, sem nenhum cunho literário, facilitava a vida de muitos deles, dando-lhes um *second métier* condigno, no qual podiam, certamente, criar ambiente para as atividades do escritor. Lembremo-nos de que a imprensa propiciara, como continua a propiciar, a mudança para a metrópole de grande número de intelectuais, que não conseguiriam realizar-se literariamente se permanecessem no recanto nativo da província.⁵⁴

Conforme visto, duas alternativas abriram-se para Graciliano Ramos: ganhar a vida em Maceió, trabalhando no comércio – hipótese que o manteria, provavelmente, afastado da atividade intelectual –, ou migrar para o Rio de Janeiro na tentativa de encontrar alguma ocupação na imprensa – passo inicial no caminho de alcançar seu objetivo, que era a efetivação da carreira de escritor, atestada pela intensa troca literária observada nas correspondências com seu amigo Joaquim Pinto da Mota Lima Filho e pela publicação de trabalhos em jornais e revistas de Alagoas e Rio de Janeiro. E ele não hesitou diante delas, partindo para o Rio em agosto de 1914.

Com quase 22 anos, Graciliano chegava à capital do país. Algumas semanas após desembarcar na cidade, conseguiu empregar-se como foca⁵⁵ no jornal *Correio da Manhã*, passando, depois, a suplente de revisão. Num primeiro momento, procurando meios de estabelecer-se, recorreu a duas modalidades de redes de relações sociais. Uma delas, mais antiga e, portanto, mais sólida, baseava-se em laços de amizades antigas. Conforme visto anteriormente, Graciliano, desde a infância, estabelecera amizade com a família Mota Lima – principalmente com Joaquim, parceiro na criação literária e com quem veio para o Rio de Janeiro, onde seu irmão, Rodolfo, já residia e trabalhava como jornalista – com os quais pôde contar durante sua permanência no Rio de Janeiro.⁵⁶ A outra, por sua vez, foi fundada num tipo de solidariedade relacionada ao pertencimento geográfico. Tratava-se de um cabedal de relações mais frouxo, do qual participava pessoas que, assim como ele, haviam migrado de Alagoas para o Rio de Janeiro. Exemplo disso é dado num trecho

⁵⁴ BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil. 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p. 286.

⁵⁵ Termo utilizado, à época, para se referir aos iniciantes nos jornais.

⁵⁶ Em carta remetida à irmã Leonor Ramos, de 05 de outubro de 1914, Graciliano ratifica a estreiteza dos laços de amizade com os irmãos Mota Lima, já que nos momentos de folga ele frequentava a casa de Rodolfo (RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 42). Quanto à mobilização dessa relação a fim de obter apoio ou vantagem, ainda que não haja elementos para afirmar que foi Rodolfo quem o ajudou na obtenção do trabalho no *Correio da Manhã* – situação plausível, pois este era jornalista e, provavelmente, com trânsito entre os colegas de profissão e, talvez, nesse momento, fosse um dos poucos conhecidos de Graciliano na cidade –, mais tarde ele auxiliaria o amigo na tentativa de lhe conseguir uma ocupação na *Gazeta de Notícias*.

extraído da correspondência remetida à sua mãe, Maria Amélia Ferro Ramos, de 20 de outubro de 1914:

Encontrei-me uma segunda vez com o Pedro Constant. Não sei se ele terá escrito, para aí, segundo o desejo de d. Iaiá. Talvez não. Tenho visto pouquíssimos alagoanos. Têm-me dito que a colônia alagoana aqui é a pior de todas. E eu creio que é mesmo. O sujeito que me prometeu arranjar um lugar na redação do *Século* é o tipo que eu mais aborreço. Tenho-lhe uma antipatia medonha. O mesmo deve ele dizer de mim. Que valor merece uma promessa assim? O Brito também não fez nada. Promessas...⁵⁷

Aos poucos Graciliano foi gestando novas amizades mais ou menos vantajosas, passíveis, de todo modo, de serem mobilizadas em seu favor. Indicado pelo diretor de revisão do *Correio da Manhã*, assumiu a suplência de revisão de mais um jornal, *O Século*. Ambas as ocupações eram subalternas – na prática, ele somente exercia alguma atividade quando os titulares dos cargos não apareciam nas respectivas redações dos jornais – e remuneravam mal.⁵⁸

Apesar dos parcos rendimentos que obtinha com os trabalhos de revisor, que representavam as possibilidades de ocupação possíveis para um autodidata – portanto, sem títulos escolares que o cacifasse nas disputas por melhores postos na imprensa –, e destituído de um consistente cabedal de relações sociais do qual também pudesse tirar mais que indicações para posições subalternas em jornais, Graciliano dispunha de algo precioso para quem desejava levar paralelamente uma carreira na literatura: tempo ocioso.⁵⁹

Várias das correspondências que remeteu à família nesse momento dão ideia de sua produção literária, servindo, ainda, como atestado de que mais do que exercer alguma atividade intelectual, nutria esperanças de levar adiante a carreira de escritor. Escrevia para pequenos jornais por encomenda dos amigos de redação, conforme dois excertos extraídos das cartas enviadas à irmã Leonor Ramos, com quem dividia as notícias sobre suas investidas literárias. Na primeira, de 8 de dezembro de 1914, diz: “Vou escrever agora um soneto para o jornal de um amigo que me pediu qualquer

⁵⁷ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 46.

⁵⁸ Com o propósito de complementar a renda auferida com os trabalhos desenvolvidos nos jornais, a família de Graciliano lhe enviava os rendimentos referentes a algumas cabeças de gado que ele possuía (RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 63).

⁵⁹ Conforme foi visto, o trabalho nos jornais representava uma segunda ocupação até mesmo para escritores que já tinham conquistado algum prestígio, ou mesmo obtido a consagração literária. Daí enfatizar o caráter subalterno do trabalho desenvolvido por Graciliano Ramos nos jornais, bem como as irrelevantes possibilidades que se abriam a ele devido aos parcos capitais de que dispunha.

coisa para publicar. Quanta honra para um pobre marquês...”.⁶⁰ No mesmo sentido, em 14 de dezembro de 1914, alega estar “condenado a entregar, dentro de quatro dias, um soneto e um artigo para dois jornalecos de dois rapazes que trabalham na revisão do Correio”.⁶¹

Não se restringindo aos pequenos jornais, publicou tanto no *Paraíba do Sul* quanto no *Jornal de Alagoas*.⁶² Isso não representava, todavia, inserção vantajosa nos meios literários carioca, que exigiam mais dos escritores recém-chegados e sem qualquer recomendação de um conterrâneo que conhecesse alguém bem situado na capital. Como foi visto, os escritores que ocupavam posições favoráveis restringiam-se a um seleto grupo que orbitava em torno daqueles que controlavam o acesso à Academia Brasileira de Letras, à época, principal instância de consagração literária.

Já as disputas exigiam dos contendores pelo menos dois expedientes: por um lado, a constituição de alianças que, de alguma maneira, pudessem ser mobilizadas a fim de se obter benefícios como, por exemplo, votos nas eleições para a Academia e indicações para postos mais vantajosos nos jornais e, por outro, a propaganda, ou a autopropaganda, cuja finalidade era obter visibilidade, necessária na construção das reputações.

Claro que para um desconhecido, como era Graciliano, os benefícios que poderia receber restringiam-se à indicação para cargos na imprensa que remunerassem melhor e lhe dessem tempo para escrever seus trabalhos e, também, auxílio para que pudesse publicar em jornais e revistas de prestígio. Sem ter com quem contar, ele logo compreendeu a força de tais imperativos. Num longo trecho extraído de carta endereçada à sua mãe, Maria Amélia Ferro Ramos, de 4 de fevereiro de 1915, isso fica claro:

O que eu sinto é morar numa terra onde só se pode conseguir alguma coisa com muito reclamo. Aqui tudo se resume nisto: cada sujeito faz propaganda de si mesmo. Um indivíduo que é burro fala em voz alta, de papo, grita, diz e às vezes chega a fazer figura diante de outros que são mais burros do que ele. Um animal que tem algum talento afeta uma atitude ultra-humana, quase divina – não conversa: prega; não dá sua opinião sobre coisa nenhuma: afirma, assevera, pontifica. É dogmático e é intolerante. Não admite que se diga nada que vá contrariar suas doutrinas. É como os padres da Igreja. Enfim

⁶⁰ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 49.

⁶¹ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 51.

⁶² Ao se tomar como referência os textos publicados em RAMOS, Graciliano. **Linhas tortas**. Rio de Janeiro: Record, 2015, durante sua primeira passagem pelo Rio de Janeiro Graciliano teve três publicações no *Jornal de Alagoas* e treze no *Paraíba do Sul*. Isso vai ao encontro do que foi dito sobre sua intenção de se firmar como escritor.

tudo reclamo. Um tipo escreve um livro e vai, ele próprio, engrandecer, pelos jornais, o livro que escreveu. Muitas coisas más conseguem tornar-se boas assim. Eu digo comigo mesmo que o meu vizinho é um asno; mas tenho interesse em dizer em público que ele é um gênio. É o elogio pago. Tudo reclamo, em toda parte, a toda hora, sob todas as formas. Há joias tentadoras nas vitrines, sobre uns estofos magníficos: as mulheres enfeitam-se, pintam-se, estudam gravemente a importante questão do vestuário, para aumentar o valor de uns encantos fictícios; os jornalistas escrevem, convictamente, que “o sr. Barão Fulano, falecido ontem, em seu palacete à Rua X, era a maior manifestação literária de nossos tempos”. Uma praga! Às esquinas, às portas dos bares, sujeitos sérios, rigorosamente vestidos em vastas sobrecasacas negras, dirigem-se, em altas vozes, à multidão: - “V. Exa. conhece a Tomatina? Os senhores já provaram os biscoitos do sr. Sicrano? Experimentem as pílulas do sr. X”. Está a gente muito tranquilamente tomando uma xícara de café, quando um indivíduo se levanta e põe-se a gritar: - “Escândalo! Patifaria! Maroteira!”

Voltam-se todos. Será algum barulho? E o homem bate com a cadeira no chão, dá um murro na mesa e continua a berrar: - “Imoralidade! Então os senhores já viram tão grande indecência? Miséria! Em que terra estamos nós?”

Junta-se gente, formam-se grupos em torno do sujeito, que brada sempre: - “Onde já se viu isso? Não há polícia aqui? Miséria! Escândalo!”. E, quando a curiosidade dos circundantes chega ao máximo, o homem sorri e diz muito calmamente: - “Descansem, meus senhores. Não é aqui, nem agora. É hoje à noite, no Recreio. É a nova peça A moratória conjugal, uma peça de gênero livre, somente para homens. Uma verdadeira imoralidade! Vão hoje lá. Uma pândega!”

Veja a senhora como as coisas aqui são. Tudo reclamo. E o pobre-diabo que for tímido, que não declarar que é um gênio, é uma criatura morta. Ora eu estou arrependido de ter feito hoje uma asneira. Um rapaz meu conhecido apresentou-me a um poeta, dizendo que eu era um literato. E eu caí na tolice de dizer que o não era. Dei uma grande patada, não há dúvida. Eu devia ter ficado calado ou, melhor, ter entrado a dizer sandices sobre arte e sobre outras coisas que não conheço. Era o que eu devia ter feito. É o que todos fazem...⁶³

Não apenas tomou conhecimento das regras do jogo como lamentou por ter se furtado a participar dele. Sem propaganda, ficaria invisível, sem alianças, tornar-se-ia custoso ser reconhecido como escritor num meio literário que privilegiava esses expedientes.⁶⁴ Ademais, do excerto pode-se extrair características mais gerais da imbricação entre o mundanismo e a cultura, nesse caso, apreendida tanto pelo tipo de conduta que tal relação suscitava – marcada, às vezes, pela afetação, esnobismo

⁶³ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 59-61.

⁶⁴ Não estou defendendo, com isso, que a obra não desempenhasse qualquer função tanto na inserção dos escritores nos meios literários quanto no processo de consagração. É evidente que sim. Todavia, num campo pouco autônomo – ainda que avalie que essa autonomia é sempre relativa, já que alguma dependência sempre existirá em relação a algum agente externo (conforme SAPIRO, Gisèle. Elementos para uma história do processo de autonomização: o exemplo do campo literário francês. **Tempo Social**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 93-105, jun. 2004) –, e em virtude do instrumental teórico-metodológico adotado, optei por tratar das condicionantes não literárias que atuavam no campo literário ainda em estruturação.

e superficialidade –, bem como pelo tratamento dispensado à cultura, notadamente espetaculoso.

Em maio de 1915, Graciliano demonstrava certo desconforto com sua situação, que se mantinha praticamente inalterada desde que desembarcara no Rio de Janeiro em meados de 1914. Em meio às dúvidas desencadeadas por esse estado de coisas, deixou os jornais para os quais trabalhava, admitindo, inclusive, a possibilidade de retornar para Palmeira dos Índios. Aparentemente incrédulo, condicionou sua permanência na capital do país à efetivação em algum jornal e, para tanto, contava apenas com o reduzido cabedal de relações sociais forjado em Alagoas – os irmãos Joaquim e Rodolfo Pinto da Mota Lima – e nos jornais *Correio da Manhã* e *O Século* – Falcão, respectivamente, diretor e redator desses jornais, além de Cordeiro, companheiro nos tempos em que trabalhavam no último e, então, chefe de revisão do *Rio*.⁶⁵ Mês e meio depois, suas perspectivas já eram outras, beirando mesmo o entusiasmo devido às brechas abertas a ele no âmbito literário. Numa longa carta remetida à irmã Leonor Ramos, de 10 de julho de 1915, Graciliano, entre outras coisas, discorre sobre o assunto:

Rio, 10 de julho de 1915. Leonor: Desculpa-me escrever-te neste miserável papel comercial. É que as tiras já lá se foram, umas bem empregadas, as que mandei a meu pai e a minha mãe, outras mal, talvez, as que lá embarcaram para Paraíba do Sul, cobertas de traços. Tu me perdoas, de certo, o grande pecado que eu cometi não te enviando, logo após tua chegada, minhas felicitações por tua boa vinda, etc., etc.

A culpa é do padre. Sim, do padre, um padre ordenado por mim há pouco, em uma novela que me tomou alguns dias e que há de ter por aí um êxito considerável.

Querida Leonor del mio cuore, vou conversar contigo como se aqui estivesses, contar-te um bando de coisas agradáveis e desagradáveis, ser egoísta falando exclusivamente de minha pessoa, como se minha pessoa fosse alguma coisa. A demora desta resposta a tua carta de maio será remediada, porque vou roubar-te muito tempo com a leitura destas garatujas. Tu, decerto, não pensaste que eu tinha morrido ou que me havia esquecido de ti. Nem uma nem outra coisa. A morte é uma sujeita incoerente como o diabo... Estou vivo. E de boa saúde.

Queres que fale contigo sobre o que ultimamente, nestes dois próximos meses, tenho feito? É uma história comprida e muito maçadora. Mas vou contar-ta. Se te não agrada, tem paciência. Nem sempre estamos com disposição para escrever coisas amenas. Ouve, portanto, e faz por atenuar

⁶⁵ Conforme correspondência de 24 de maio de 1915, endereçada ao pai, Sebastião Ramos de Oliveira, Cordeiro havia dito a Graciliano que tentaria arranjar-lhe emprego na revisão do *Rio* por quatro mil-réis diários. Rodolfo, por sua vez, procuraria alguma ocupação na *Gazeta de Notícias*. No entanto, para Graciliano se tratava de coisas “muito difíceis. Eu tenho bons camaradas, capazes de fazer um favor... se pudessem. Um sargento do exército não pode fazer nada. Mas são bons amigos, não tem dúvida. Ao menos a gente sabe que eles não podem ter intenção de explorar-nos, porque nada temos. Também nós não podemos explorá-los.” (RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 73).

o efeito que, naturalmente, devem em ti produzir estas coisas reles. Queres que te fale de minhas produções? Pois falemos, já que o não posso fazer com minha mãe, que não entende nada disso, nem com meu pai, homem de negócios, muito positivo.

Eu, minha querida amiga, tenho andado com alternativas de fecundidade e de estupidez, o que não é mau de todo. Imagina que os miseráveis traços que tens tido o desgosto de ler não têm sido inteiramente desagradáveis. Isso não é Arte, é claro, nem mesmo chega a revelar talento – uma certa habilidade, talvez. São feitos de graça, mas têm-me arranjado algumas amizades que podem ser úteis. Já o velho Balzac dizia que as amizades mais fortes eram as que tinham base no interesse. Não sei se o digno francês teria razão. Creio mesmo que houve naquilo uma pontinha de malícia. Mas não deixa de conter alguma verdade.

Pois, como te disse, tenho feito alguns traços. O diretor do jornal que os publica, meu amigo Falcão, foi meu inimigo até o segundo dia de carnaval. Tolice, uma rápida teima no Correio, e ficamos de mal. Pelo carnaval fizemos as pazes. Depois ele, que é redator do Século, pediu-me para escrever uma notícia sobre um livro. Fi-la. Parece-me que já te contei essa coisa. Não me lembro. Se já sabes, vai aqui uma duplicata. O homem gostou da notícia, pediu-me um artigo para o jornal dele. Depois insistiu para que eu sustentasse uma seção. Ficamos bons amigos. Ele, que a princípio me julgava burro, pede-me opiniões sobre seus versos e veio, há coisa de um mês, passar um dia comigo e mostrar-me os originais de um livro seu que se está a imprimir. Uma tarde magnífica, que o Pinto ainda mora comigo. Passamos algumas horas comentando todos os trabalhos. Eu mostrei-lhe minha Maldição de Jeovah. Ele já tinha lido A carta e O discurso.

Há coisa de uma semana apareceu-me no Café do Rio, com o álbum de uma poetisa, a pedir-me que escrevesse nele uns versos. Depois me disse que um redator da Revista Americana lhe havia pedido um trabalho. Como ele não tem nada por enquanto, exigiu que eu lhe desse uma de minhas novelas. Dei-lhe, para que escolhesse, as duas que ele já conhecia e uma terceira, Um retardatário, sobre a qual o homem prometeu dar-me uma opinião sincera. Ontem encontramos-nos no mesmo café, nosso ponto de reunião à noite. É lá que eu, Rodolfo e outros indivíduos assim nos encontramos sempre. Discutem-se coisas transcendentais e pedem-se aos criados copos de água... gratuitos. Às vezes há o extraordinário de uma xícara de café ou de um cálice de anis. Quem se permite sempre semelhantes luxos é o velho Cordeiro. Nós outros bebemos água e falamos de literatura, da guerra, de cavações, etc.

Mas dizia eu que havia encontrado ontem o Falcão. Enquanto dava um recado ao Pinto, abraçava-me e atirava-me uma récula de parabéns. Segundo ele, aquela joça está magnífica. Contou-me os trâmites que havia seguido o pobre Retardatário. Antes de entregá-lo à revista de que te falei, encontrou o secretário da Concórdia, que abriu a historieta casualmente e leu a primeira tira. Depois da primeira, leu a segunda. Depois a terceira, a quarta, a quinta, assim por diante até a vigésima quinta. E tomou-a, para publicar em sua revista. O Falcão veio ter comigo, satisfeito. O homem tinha feito elogios à novela em quantidade. E as lamentações do estilo – “um rapaz de talento... e vive obscuro... e não consegue nada porque tem talento... aqui só vencem os cabotinos...” Uma caterva de patranhas enfim.

Esse amável Mecenas, que tomou a difícil tarefa de fazer que eu aparecesse, não ficou muito contente por ter dado outro destino ao conto que ele destinava à Revista Americana, uma publicação dirigida por sujeitos muito graúdos. Mas consolou-me – a Concórdia não é coisa acanhada, é uma ótima revista, muito benfeita, no formato da Ilustração Francesa, impressa em papel couché. Demais ainda havia duas novelas que podiam ser publicadas na Revista Americana.

Se prestarem... Eu acho-as ruins, minha querida Leonor, palavra! Entretanto, se os outros insistirem em dizer que elas prestam, creio que acabarei convencido de que, realmente, não são más.

O pior é que esse bom amigo pediu-me dois miseráveis traços, já publicados em seu jornal com uma infinidade de pastéis, para entregar à Gazeta de Notícias. Não sei se o deva fazer, porque aquilo é rabiscado ao correr da pena, sem preocupações de forma. Entretanto, devo dá-las hoje.

Também me desgosta saber que o sujeito da Concórdia exigiu um retrato meu e umas notas sobre minha pessoa. É uma coisa extremamente desagradável, principalmente quando a gente não tem retrato e vive encolhido no seu canto, com medo de aparecer. Mas o meu amigo do Paraíba quer que eu apareça. E quer escrever as notas, ele próprio, malgrado lhe haver eu rogado com insistência que desistisse de semelhante ideia. Debalde. Já me obrigou a prometer que depois de amanhã iria fotografar-me com ele. Enfim manda-se a modéstia ao diabo. Vive sempre a gente a ter dúvida sobre se vale ou não alguma coisa. Quando se é moço, é-se arrojado a valer, tem-se o desplante impagável de andar jogando à publicidade todas as sandices que vão pingando do bico da pena. Depois, com a idade, vem o receio, a dúvida. “Isto prestará? Valerá apenas lançar isto?” E o que fazemos hoje e nos parece bom afigura-se-nos amanhã detestável. E perguntamos a nós mesmos: - “A opinião de Fulano terá sido sincera? Essa gente procederá de boa fé?”

Vem-nos por fim uma reflexão decisiva. Se nossas produções ficarem inéditas, nunca poderemos, por nosso próprio julgamento, saber se elas prestam.

É preciso ser afoito, imodesto, cínico até. Não poderás saber a quantidade de pedantismo necessária a um tipo desta terra, onde tudo é fita, para embair a humanidade.

Eu sou de uma timidez obstinada. Não posso corrigir-me. E, contudo, preciso modificar-me, fazer reclame, estudar pose. Santo Deus! É terrível!

Mas talvez consiga a gente mandar a modéstia à fava. Aqui um sujeito calado é um sujeito burro. Fala-se, portanto, embora para não dizer nada. E, pensando bem, chega-se a esta conclusão – um animal que, aos treze anos, publicava sonetos idiotas no Correio de Maceió e no Malho (barbaridades, está claro!) pode, talvez, aos vinte e três quase, não tendo perdido todo seu tempo, fazer qualquer página passável. É verdade ou não é verdade? E aí está por que eu vou publicar em revistas sérias, onde gente grande colabora, coisas sobre a vida em Palmeira dos Índios, o único lugar que mais ou menos conheço, porque lá vivi quando já tinha idade de pensar. Dize, pois, a meu pai que não estou perdendo o tempo de todo. Se não me sair mal, pode ser que, para o futuro, faça alguma coisa. Se me sair mal, paciência... O que é verdade é que nunca estou desocupado.

Já não vale a pena falar sobre tua vinda de Maniçoba, pois que de lá vieste há muito. Mas que história de doença é essa? Tuberculose, tu? Estás doida? Não digas tolice. Tu estavas gorda quando de lá vim. Eu, que sempre fui magro, graças a Deus, nunca pensei em tal doença. Manda as apreensões ao diabo.

Já não há assunto. E eu tenho muito que fazer ainda hoje. São três horas da tarde. Às seis tenho de estar com umas quinze tiras prontas. Adeus. Abraços em toda a gente de casa, até em Otília. Lembranças a d. Iaiá, ao senhor Antero e família, ao sr. Benjamin, ao padre Lessa, ao Chico Pinto, aos Cavalcanti, etc., etc. Como vai o noivado jurídico de Mlle?... Graciliano.

N.B. Se as tais novelas forem publicadas, eu t'as mandarei. Mas imponho condições – não as mostrarás a ninguém daí, absolutamente a ninguém. Lê e guarda. É que aludo a certas personalidades... Compreendes, não é verdade? Não quero provocar animadversão de ninguém. É natural. Há por lá pessoas muito suscetíveis. Dediquei a um amigo daí um soneto que se intitulava Cobra Mansa, e o homem ficou pensando que eu lhe havia chamado cobra... Graciliano

Que penetração imensa!!!!!!! Salta!!!!!!⁶⁶

Criação e trocas literárias, constituição de alianças vantajosas, produção por encomenda, superação do acanhamento e publicidade. Todos esses assuntos, que depreendidos dessa correspondência, levam-me a afirmar que a intenção encetada por Graciliano quando migrara de Alagoas não se bastava em desenvolver alguma atividade intelectual. Seu projeto era outro, tornar-se escritor, desejo que provavelmente nutria desde que começara a publicar em jornais e revistas ainda na adolescência.

E, definitivamente, ele não apenas compreendera as regras do jogo como parecia disposto a jogá-lo. Ainda sem dispor de um cabedal de relações robusto que o colocasse em contato direto com as rodas literárias, Falcão passou a figurar como seu “mecenas”, já que foi ele quem fez a mediação com as instâncias literárias que detinham maior prestígio e que, de alguma maneira, poderiam recompensar simbolicamente Graciliano. Daí, talvez, não ter se oposto a produzir por encomenda – algo que o incomodaria por ser “rabiscado ao correr da pena, sem preocupações de forma” – e a ceder diante da necessidade de fazer propaganda de si, quinhão que teria de pagar para não permanecer invisível.

Valendo-se, ainda, das modestas prerrogativas de suas relações sociais, conseguiu um posto no jornal *A Tarde*, portanto, mais um passo no sentido de manter-se no Rio de Janeiro com o propósito de apostar na carreira literária. Antes disso, porém, recebera notícias alarmantes vindas de Palmeira dos Índios sobre a saúde de familiares. Assim, natural que colocasse em xeque tanto sua permanência na capital do país quanto suas perspectivas acerca da carreira. Em carta de 26 de agosto de 1915, endereçada ao pai, diz:

Fala o senhor em ser minha carreira prejudicada por minha volta para o Norte. Eu, com franqueza, não sei bem se tenho carreira. O que acho natural, acessível a mim, é o que acima disse – Trabalhar em dois jornais, ter um ordenado medíocre, viver modestamente e só. Futuro de outra espécie, coisa maior, não tenho, não posso ter. Pelo menos é o que me parece. Tenho o bom-senso de julgar-me aproximadamente analfabeto. É claro que há muitos analfabetos que vencem, mas são criaturas que sabem cavar. E eu sou uma espécie de idiota. Se me dessem qualquer coisa superior às bagatelas de que falei, ficaria eu surpreendido.⁶⁷

⁶⁶ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 75-81.

⁶⁷ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 88.

Prova cabal de que o encaminhamento dos fatos – o retorno para Alagoas e, em consequência, a suspensão do seu projeto literário – causava-lhe ressentimentos pode ser visto no trecho final da mesma carta:

N.B. De lá recebo frequentemente conselhos e pedidos para que volte; aqui estão sempre a aconselhar-me que fique. O que é mau é abandonar uma coisa que começa a aparecer depois de uma espera longa.⁶⁸

Tratava-se, de um lado, da obtenção de um trabalho que garantisse, ao mesmo tempo, sua reprodução material, bem como tempo livre para dedicar à literatura – ambos requisitos satisfeitos pelo emprego, relativamente vantajoso, obtido no jornal *A Tarde* – e, por outro, de um mediador que o tornasse visível nos meios literários, condição que começava a ser cumprida pela mediação feita pelo amigo Falcão, que conseguira publicá-lo numa revista “séria”.

A frustração das expectativas de Graciliano veio com a confirmação do falecimento de membros de sua família, vitimados pela peste bubônica, que o fez regressar para Palmeiras dos Índios, de onde havia saído, há pouco mais de um ano, com o objetivo explícito de atuar na imprensa. Todavia, ao se levar em consideração suas investidas no âmbito literário – como a produção sistemática, inclusive por encomenda, o estabelecimento de alianças relativamente vantajosas com a intenção de obter melhores condições para publicação, que envolviam mediação e publicidade –, evidenciadas pelas correspondências trocadas com familiares, pode-se assumir que seu alvo era mesmo a carreira literária. Assim, seu retorno para Alagoas ocorreu num momento em que ele parecia dar alguns passos mais firmes nesse sentido – passos tímidos, evidentemente, pois se tratava de alguém desconhecido nos círculos literários cariocas e sem trunfos a serem mobilizados em seu favor –, portanto, antes que tivesse esgotado todos os meios de levar adiante seu mais caro propósito.

Fator determinante para o insucesso de Graciliano – por não ter conseguido superar as barreiras impostas aos de fora –, não se pode negligenciar a existência de regras estruturantes num campo literário em formação nas duas primeiras décadas do século XX, que parecem antecipar alguns dos aspectos que o caracterizaria nos decênios de 1930 e 1940. Nesse caso, tratar-se-ia de uma série de regras que

⁶⁸ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 88.

demandaria, por sua vez, um arranjo peculiar por parte daqueles que se envolveriam com o fazer literário e em busca do reconhecimento simbólico.⁶⁹

O malogro experimentado por Graciliano Ramos, somado a outros dissabores referentes à sua vida pessoal,⁷⁰ afastaram-no da literatura por algum tempo. Estado de coisas que foi se alterando aos poucos, até que o trabalho intelectual novamente passasse a fazer parte da sua rotina.⁷¹

Nada fortuita, acredito, foi sua aproximação da oligarquia situacionista de Palmeira dos Índios. Entre 1924 e 1928, o governador de Alagoas era Pedro da Costa Rego, que tinha como seus aliados, na cidade, o deputado federal Álvaro Paes e os irmãos Otávio e Francisco Cavalcanti.

Antes de ascender ao governo estadual, Pedro da Costa Rego fizera carreira nos jornais cariocas *Correio da Manhã* e *Gazeta de Notícias*, além de exercer cargos políticos no âmbito estadual e federal.⁷² Parente dos Mota Lima, Graciliano talvez tenha convivido com ele em sua primeira passagem pelo Rio de Janeiro.⁷³ Álvaro Paes, natural de Palmeira dos Índios, dedicou-se ao jornalismo e, na esfera da política local, envolveu-se nas disputas oligárquicas pelo controle do poder. Indicado por Costa Rego, assumiu a direção da Imprensa Oficial de Alagoas, mas, pouco depois,

⁶⁹ Voltarei a esse assunto ao tratar das estratégias de promoção mobilizadas pelas rodas intelectuais entre as décadas de 1930 e 1940.

⁷⁰ Entre 1915 e 1920, Graciliano casou-se com Maria Augusta, com quem teve quatro filhos. Esta, devido a problemas durante o parto do último filho do casal, faleceu aos 24 anos. Viúvo, ocupou-se da criação dos filhos e da loja que assumira integralmente pelo fato de seu pai ter se concentrado na pecuária e na agricultura (MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 48-50).

⁷¹ Pode-se constatar esse movimento de Graciliano por meio das correspondências remetidas ao amigo Joaquim Pinto da Mota Lima Filho entre 1921 e 1926. Nesse intervalo, ajudou a redigir, por alguns meses, um pequeno jornal da cidade, retomou leituras e a produção propriamente literária (RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 93-111). Aliás, Graciliano teve doze textos publicados entre janeiro e abril de 1921 em *O Índio*, de Palmeira dos Índios (RAMOS, Graciliano. **Linhas tortas**. Rio de Janeiro: Record, 2015).

⁷² Cf. www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/regos-pedro-da-costa. Consulta realizada em 15 de maio de 2017.

⁷³ Em carta de 9 de fevereiro de 1915, enviada à irmã Leonor Ramos, Graciliano refere-se ao fato do amigo Joaquim Pinto da Mota Lima Filho frequentar a casa de Costa Rego e, também, de ter conseguido recomendações dele “para o diretor da *Tribuna*, para o secretário e para o Álvaro Paes.” (RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 63-64). Já a menção ao parentesco de ambos extraí da carta enviada a Joaquim em 10 de maio de 1921, mais exatamente na ocasião em que comentava a produção literária de Costa Rego (RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 94). Outra situação sugere alguma proximidade entre Graciliano Ramos e Pedro da Costa Rego: no momento em que aquele demonstrava certo incomodo com a vida que ia levando no Rio de Janeiro, Rodolfo Pinto da Mota Lima, que já havia trabalhado no *Correio da Manhã*, tentou arranjar-lhe uma ocupação na *Gazeta de Notícias*, jornal para o qual Pedro da Costa Rego trabalhava. Como Graciliano contava com um cabedal de relações restrito, anteriormente presumi que, talvez, Rodolfo tivesse intermediado sua entrada no *Correio da Manhã* – no qual Pedro da Costa Rego trabalhava – quando chegou ao Rio de Janeiro. Daí, agora, imaginar que Rodolfo tenha recorrido, em ambos os casos, a Pedro da Costa Rego.

exonerou-se e migrou para a capital federal, atuando na imprensa e na política. Em 1927 foi eleito deputado federal por Alagoas e, no ano seguinte, governador do Estado.⁷⁴ Francisco e Otávio pertenciam à família Cavalcanti, que há décadas dominava a política local. A amizade da família de Graciliano com eles vinha da época em que moravam em Viçosa.

O estreitamento das relações entre Graciliano e a oligarquia situacionista de Palmeira dos Índios e, também, de Maceió, pode ser apreendido por meio das posições que foi ocupando na administração pública. Em 1926, ele foi designado para presidir a Junta Escolar do município. No ano seguinte, por acordos selados entres os chefes políticos locais, lançou sua candidatura à prefeitura. Vitorioso, exerceu o cargo de janeiro de 1928 a março de 1930, quando, a convite do então governador Álvaro Paes, assumiu a Imprensa Oficial do Estado. Apesar da deflagração do movimento oposicionista, em outubro de 1930, que culminou na ascensão de Vargas ao poder central e, no âmbito estadual, na renúncia de Álvaro Paes, Graciliano manteve-se no cargo até dezembro de 1931, quando se demitiu. Em 1933, por indicação do interventor Afonso de Carvalho, que frequentava as rodas literárias de Maceió, assumiu a Instrução Pública de Alagoas, cargo que ocupou até ser preso no início de 1936.

Diante desse quadro, seria equivocada afirmar que Graciliano planejara galgar posições na administração pública a fim de obter vantagens. Não obstante, talvez seja ingenuidade admitir que sua aproximação das elites políticas de Alagoas tenha sido meramente casual. Longe de sustentar que ele tenha servido aos interesses oligárquicos, interpreto essa incursão na esfera político-administrativa como uma alternativa à rotina no comércio e, indo mais além, como uma possibilidade de apostar mais alto no projeto literário que fora interrompido com sua volta para Alagoas, em 1915 e, a partir daí, toda uma sorte de constrições que o deixou afastado do trabalho intelectual, retomado anos depois por meio da produção já referida e, principalmente, da escrita do seu primeiro romance, *Caetés*, que remonta ao ano de 1925.⁷⁵ E, ainda

⁷⁴ Cf. www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pais-alvaro-correia. Consulta realizada em 15 de maio de 2017.

⁷⁵ Segundo Moraes, biógrafo de Graciliano Ramos, a “Prefeitura jamais estivera em suas cogitações, ainda mais agora que a retração nas vendas o obrigava a dar o couro na loja. Sem falar nas horas que sonexaria a *Caetés* e nas dores de cabeça que teria com querelas políticas” (MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 60). Para o biógrafo, o convite foi aceito porque “espalharam pela cidade que ele estava fugindo das urnas com medo de fracassar como prefeito e pôr a perder o seu prestígio” (MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 61). Ainda que a prefeitura

que fique no plano das especulações, foi devido ao seu envolvimento com as elites políticas situacionistas que lhe foi possível voltar para Maceió, onde havia feito os estudos durante a adolescência e, até surpreendentemente, respondido ao inquérito literário promovido pelo *Jornal de Alagoas*, em 1910, que lhe conferiu o estatuto de escritor.

Antes de retornar para a capital do Estado, quando ainda estava à frente da Junta Escolar de Palmeira dos Índios, e por intermédio do então governador Pedro da Costa Rego, conheceu José Lins do Rego – adepto e divulgador das propostas do regionalismo tradicionalista, cujo principal articulador, em Pernambuco, era Gilberto Freyre⁷⁶ –, que havia se mudado para Alagoas para exercer o cargo de fiscal de tributos. Se a essa altura o Rio de Janeiro estava distante de suas possibilidades, não me parece sem sentido interpretar a ida de Graciliano para Maceió como uma chance de envolver-se incisivamente tanto nas discussões literárias quanto com os grupos intelectuais reunidos na capital alagoana,⁷⁷ portanto, de colocar-se no jogo mais uma vez.

não estivesse nos planos de Graciliano, entendo que seria insuficiente atribuir-lhe a decisão de concorrer ao cargo somente por ter sido desafiado. O descontentamento de Graciliano tanto com a maneira como vivia em Palmeira dos Índios quanto com o tipo de trabalho que executava é evidente, e isso pode ser constatado em algumas correspondências, como as que remeteu ao amigo Joaquim Pinto da Mota Lima Filho, em 10 de maio de 1921: “Já teria voltado para aí, se tivesse ficado só. Malgrado as desilusões, a cidade ainda me tenta. Se um dia me for possível, voltarei. É um sonho absurdo, talvez. Para voltar necessito de uma fortuna, e, apesar da guerra, estou quase nas condições em que estava quando aqui cheguei” (RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 95); e em 4 de agosto de 1921: “Vives tranquilo? Eu não vivo. Em geral ninguém está bem cá por baixo. A respeito dos que estão em cima, nada sabemos, ou apenas sabemos o que nos dizem, o que é saber mal. [...] Continuas a ilustrar-te. É claro. Não podia ser de outra forma. Eu também leio às vezes, não por higiene como tu, mas por hábito, digo quase por vício, pois não sei bem para que serve meter para dentro coisas que de nada nos servem na vida prática. Refiro-me a mim, é claro, que Palmeira não é o Rio.” (RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 96). Apesar dessas cartas terem sido escritas no início dos anos 1920, atestam seu desejo de seguir por outro caminho, isto é, voltar para o Rio de Janeiro e, provavelmente, retomar o projeto que lhe era caro: a carreira literária.

⁷⁶ ROCHA, Tadeu. **Modernismo e regionalismo**. Maceió: EDUFAL, 2014.

⁷⁷ Ao tratar da ida de Graciliano para Maceió devido à sua nomeação para a Imprensa Oficial, Moraes parece matizar sua posição inicial, já que a “capital prometia-lhe o reingresso nos meios literários, a possibilidade de trocar a vida no comércio por um degrau na administração pública” (MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 74).

2 A roda de Maceió

Como foi visto, barreiras quase intransponíveis colocavam-se aos escritores que migravam das regiões periféricas para o centro da produção literária quando não dispunham de um cabedal de relações que pudesse mobilizar para que passassem a integrar as rodas literárias do Rio de Janeiro durante, pelo menos, o fim do século XIX e o início do XX. Esse deslocamento era necessário porque as instâncias de consagração – os principais críticos e a Academia Brasileira de Letras – estavam concentradas na capital do país.

Após a realização da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, a centralidade da produção deixou de ser uma prerrogativa do Rio de Janeiro, sendo compartilhada, pelo menos nos anos 1920, com os paulistas. A década de 1930, na esteira do que ocorrera no decênio anterior, foi marcada por nova revitalização da literatura, e a produção se deslocou por outras regiões do país, criando, assim, polos importantes no Nordeste e no Sul, além de expandir-se no Sudeste. No entanto, ainda que a produção tenha se deslocado por essas regiões, as instâncias de consagração continuavam concentradas no Rio de Janeiro, e a migração ainda era necessária pelo menos para aqueles que pretendiam ser reconhecidos.

Entre as décadas de 1930 e 1940, os críticos e as editoras figuraram como as principais instâncias legitimadoras. Mais exatamente, ser bem avaliado pela crítica e, também, ser publicado por uma editora prestigiada concorriam para o sucesso dos escritores. Nessas disputas, mais uma vez se impuseram com força as rodas intelectuais. Além de darem lastro institucional aos seus integrantes, atuaram no sentido de conseguirem condições vantajosas tanto para edição dos trabalhos quanto para a recepção deles.

Graciliano tivera uma experiência anterior, assim, sabia que sem uma rede de solidariedade provavelmente experimentaria outra frustração. Daí a importância das relações que foi constituindo com membros da oligarquia local, que lhe arranjaram empregos na administração pública, fazendo-o, inclusive, prefeito de Palmeira dos Índios, e, mais importante, foram esses vínculos que lhe permitiram voltar à capital alagoana, onde pode frequentar a roda intelectual que ali se formava.

Alagoas, entre o final dos anos 1920 e a primeira metade da década de 1930, tornou-se um importante centro de produção cultural, sobretudo literária, já que de lá saíram em direção ao Rio de Janeiro a maior parte daqueles que ficariam conhecidos

como os romancistas do Nordeste, e isso se relaciona justamente com a descentralização da produção literária ocorrida nesse segundo momento do movimento modernista.

Há pouco mais de um ano da realização, em São Paulo, da Semana de Arte Moderna, foram esboçadas, em Pernambuco, as primeiras manifestações do regionalismo tradicionalista. Iniciado por Gilberto Freyre, em 1923, por meio de artigos publicados no *Diário de Pernambuco*,⁷⁸ nos anos subsequentes o movimento foi fortalecido e, assim, ganhou espaço na imprensa e entre os intelectuais.⁷⁹ Nesse mesmo sentido pode-se avaliar a fundação do Centro Regionalista do Nordeste, em 1924, a realização do 1º Congresso Regionalista do Nordeste, em 1926 e, também, a atuação e a projeção de Freyre, bem como a de outros colaboradores – principalmente José Lins do Rego. Todas essas coisas contribuíram tanto para o fortalecimento dos pressupostos do movimento em Pernambuco quanto para levá-lo aos outros estados da região, notadamente Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte.⁸⁰

Sem o prestígio político, social e econômico que a região experimentara durante o período de apogeu da produção açucareira, a cultura aparecia como uma possibilidade concreta de removê-los de uma situação incômoda, talvez marginalizada. Tratava-se, pois, de projetar-se nacionalmente, dessa maneira, ao mirarem a tradição – defesa do Nordeste como guardião da autêntica cultura brasileira –, tencionavam fazer frente à hegemonia do Centro-Sul.⁸¹

Ainda que o regionalismo tradicionalista tenha sido definido em oposição ao modernismo carioca e paulista,⁸² negando, assim, eventuais influências, não me parece exagerado assumir que ambos – enquanto projetos estéticos e ideológicos – mantivessem uma relação de complementariedade⁸³ e, também, devido ao diálogo

⁷⁸ ROCHA, Tadeu. **Modernismo e regionalismo**. Maceió: EDUFAL, 2014, p. 11.

⁷⁹ Índice disso foi a fundação, em 1923, da *Revista do Norte*. Dirigida por José Maria de Albuquerque e Melo, nela despontaram Joaquim Cardozo, Manuel Lubambo e João Vasconcelos. Além deles, colaboraram com a revista Gilberto Freyre e Osório Borba (ROCHA, Tadeu. **Modernismo e regionalismo**. Maceió: EDUFAL, 2014, p. 12).

⁸⁰ ROCHA, Tadeu. **Modernismo e regionalismo**. Maceió: EDUFAL, 2014, p. 12.

⁸¹ Segundo D'Andrea, Gilberto Freyre recorreu à economia para justificar a supremacia cultural do Nordeste, pois, para ele, a oligarquia cafeeira paulista, ao adaptar-se às exigências do capital – substituindo a mão-de-obra escrava pela imigrante –, comprometeu seu prestígio patriarcal. Assim, a inadaptação das oligarquias nordestinas, que concorreu para o seu declínio econômico, acabou por preservar o prestígio cultural oriundo das relações características do período colonial, que representariam a verdadeira identidade nacional (D'ANDREA, Moema Selma. A polêmica revisitada: Regionalismo e Modernismo. **Estudos de Sociologia**, Pernambuco, v. 1, n. 1, 1995, p. 54).

⁸² ROCHA, Tadeu. **Modernismo e regionalismo**. Maceió: EDUFAL, 2014, p. 13.

⁸³ Conforme D'Andrea, há pontos de contato entre o Modernismo e o Regionalismo: ambos refletiram uma preocupação comum da intelectualidade brasileira, qual seja, a busca da identidade nacional; as

que travaram, tenham fomentado novas perspectivas de criação para aqueles que estavam envolvidos com a produção cultural nas regiões sobre as quais tiveram influência. Nesse sentido, pode-se admitir que houve certa preponderância do regionalismo tradicionalista sobre a intelectualidade alagoana⁸⁴ na medida em que suas propostas respondiam melhor ao problema que enfrentavam: o esfacelamento das sociedades tradicionais, portanto, de todo o arranjo estrutural proveniente delas.

Esse modelo, na verdade, teria representado uma dupla acomodação, já que ao defender a hegemonia cultural da região, bem como o convívio harmonioso das classes, o ideário de Gilberto Freyre – principal líder e articulador do movimento – correspondia ao sentimento da oligarquia açucareira em declínio e, para além do Nordeste, esse modelo sem tensões figurava como uma alternativa aceitável, adequando o patriarcalismo à nova conjuntura socioeconômica.⁸⁵

Geralmente é tomado como marco da emergência do regionalismo tradicionalista em Alagoas a transferência de José Lins do Rego para Maceió. Isso remete-se, certamente, à influência que passou a exercer, a partir de 1927, sobre a intelectualidade local ou que migrara para o estado, evidenciada pela adesão ao ideário por ele trazido tanto dos “velhos”, como o então parnasiano Jorge de Lima, quanto dos “novos”, reunidos no Grêmio Literário Guimarães Passos.⁸⁶ Não obstante, a fase propriamente criadora do movimento iniciou-se apenas no início da década seguinte,

com a circulação de uma revista semanal – *Novidade* – dirigida por Valdemar Cavalcanti e Alberto Passos Guimarães, o fortalecimento do grupo renovador, acrescido de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, e a publicação de livros de ficção e ensaios, em que os temas profundamente humanos, apesar dos cenários regionais, permitiram sua definitiva inclusão no primeiro plano da literatura nacional.⁸⁷

origens deles eram aristocratas; e, finalmente, os dois movimentos propuseram uma síntese conciliatória entre manifestações de tempos diversos. Há, evidentemente, e mesmo nesses pontos de contato, diferenças que os caracterizam distintamente, isto é, cada um lidou de maneira diversa com essas questões comuns. Daí, inclusive, ela falar em pontos convergentes e divergentes entre o Modernismo e o Regionalismo e, também, de suas relações ambíguas (D'ANDREA, Moema Selma. A polêmica revisitada: Regionalismo e Modernismo. **Estudos de Sociologia**, Pernambuco, v. 1, n. 1, 1995, p. 55-57).

⁸⁴ A matriz ideológica do Nordeste dos anos 1920 é tributária do pensamento de Gilberto Freyre (D'ANDREA, Moema Selma. A polêmica revisitada: Regionalismo e Modernismo. **Estudos de Sociologia**, Pernambuco, v.1, n. 1, 1995, p. 54).

⁸⁵ D'ANDREA, Moema Selma. A polêmica revisitada: Regionalismo e Modernismo. **Estudos de Sociologia**, Pernambuco, v.1, n. 1, 1995, p. 54-55.

⁸⁶ ROCHA, Tadeu. **Modernismo e regionalismo**. Maceió: EDUFAL, 2014, p. 27-28.

⁸⁷ ROCHA, Tadeu. **Modernismo e regionalismo**. Maceió: EDUFAL, 2014, p. 13.

Ainda que alguns elementos presentes nessa avaliação pareçam provenientes de uma interpretação retrospectiva dos fatos, isto é, informada pelos desdobramentos das trajetórias individuais dos componentes do grupo e da repercussão que suas obras tiveram entre as décadas de 1930 e 1940, extraíndo-se disso a consolidação do regionalismo tradicionalista, não a invalido, pois, do ponto de vista que me interessa – a consagração literária, focalizada, aqui, por meio da trajetória de Graciliano Ramos –, concordo que esses fatores devam ser tomados como momento de inflexão para a literatura que se produzia em Alagoas. Portanto, ao matizar aquela interpretação, quero chamar a atenção para o fato de que a entrada e a consolidação dos escritores no campo literário não serem tributárias apenas de suas ações individuais ou da qualidade de suas obras, devem-se, também, às estratégias a que recorreram, e que somente puderam ser mobilizadas devido à uma rede de solidariedade forjada pelo grupo que se articulou em torno da revista *Novidade*.

Essa revista circulou semanalmente entre abril e setembro de 1931, somando 24 números. Conforme visto anteriormente, essa publicação é tomada como um dos fatores que concorreram para a consolidação do regionalismo tradicionalista em Alagoas. Em termos das filiações programáticas, o primeiro editorial da *Novidade*, escrito por um de seus fundadores,⁸⁸ Valdemar Cavalcanti, é sugestivo:

Cartão de visita

Sobre essa geração de hoje – uma geração de vinte anos desencantados – sobre a nova geração intelectual de Alagoas recai agora a responsabilidade de cometer loucuras. De afirmar-se, de ter convicções. É preciso abafar o platonismo com que poderíamos ficar tecendo sonhos cor-de-rosa, em detrimento das realidades da vida. Se é grande a ânsia de novos ideais, maior deve ser o esforço pela sua conquista. A mocidade carece não somente de olhar a vida, mas viver a vida. Principalmente viver a vida. Porém com esse tradicional comodismo de atitudes e esse romantismo molengo da herança étnica, é que não podemos entrar em luta pelos ideais. Só se, encarando as coisas por outro lado, levarmos em conta os ideais de burocracia e de casamento.

A outra geração já vai longe da nossa. Ela acreditava em milagres estilísticos de Alencar e Chateaubriand. Deixava-se atrair pelo perigoso ceticismo renaniano. Olhava a vida com o mesmo doloroso monóculo anatóliano de ironia, de amável descrença. Uma geração para quem Darwin existiu.

A nossa tem um destino a cumprir: vencer primeiramente os erros da outra e passar adiante; como no programa de Psichari, apurar os defeitos e as virtudes de nossos pais, buscando no exemplo do passado aquelas como marcas de passos que Nabuco dizia ser dever dos bons pais deixarem pela vida para orientar os filhos. E – aproveitando a imagem admirável dum ensaísta brasileiro – juntar, pedaço a pedaço, os restos do crucifixo quebrado pelo avô de Renan.

⁸⁸ Alberto Passos Guimarães foi o outro fundador da revista.

Porém uma geração moça de Alagoas está abafando os seus gritos de idealismo, de independência, de vida mesmo, sob um assassino silêncio de caverna. Um silêncio tanto mais criminoso quanto está sangue sugando todas essas energias dispersas mas capazes. Com a ausência de um porta-voz para os seus impulsos, acentua-se então uma coisa a que podemos chamar o pudor de ter vinte anos.

De uma reflexão assim sobre a situação dessa gente moça (incluo aqui, paradoxalmente talvez, muitos trinta-anos independentes, gente a quem os horizontes novos fizeram exilar-se de sua própria geração), foi que *Novidade* nasceu.

Não será apenas se rebolando de deleites intelectuais por essa coisa atraente a que Flaubert chamava de sacrossanta literatura que a nossa geração cumprirá esse destino.

Novidade quer controlar os esforços dispersivos desses moços que entre nós começam a evadir-se das condenações do meio. O que não quer dizer que se afastará dos mais velhos. Antes procurará ouvir-lhe a voz. Mesmo que ela não combine com o ritmo desordenado da mocidade – um ritmo desordenado resultante dessa nossa nervosa procura de ordem. O que vale é que essa voz não seja somente uma cantiga sem o puro interesse das ideias.

Assim, *Novidade* vem preencher uma lacuna em a... etc. etc. Por aqui é que ia começar o artigo de fundo.⁸⁹

Ao fazer alusão a Gilberto Freyre – referido como um “ensaísta brasileiro” –, retomou uma palestra proferida por ele, em 1924, na qual fez a defesa da necessidade de sua geração tomar parte da vida e, por meio dessa atitude, voltar-se aos assuntos inerentes ao país. Logo, a postura crítica diante da realidade, reclamada por Valdemar Cavalcanti, vai ao encontro dos pressupostos do regionalismo tradicionalista.⁹⁰ Além de tornar clara a filiação da revista – e muito provavelmente do grupo mais restrito de intelectuais que convivia em Maceió –, serve como justificativa à afirmação que fiz anteriormente acerca do regionalismo ter tido maior ascendência sobre os intelectuais que viviam, naquele momento, em Alagoas.

De acordo, ainda, com o editorial escrito por Valdemar Cavalcanti, a revista fora criada para “controlar os esforços dispersivos” da nova intelectualidade alagoana, funcionando, inclusive, como porta-voz dela. Há indícios, portanto, de que o grupo pretendia construir e emitir juízos não apenas sobre os assuntos aos quais a revista se dedicava, mas, também, acerca da maneira como se viam, bem como queriam ser vistos: gente nova, que não pretendia se evadir da realidade, disposta a atuar criticamente.⁹¹ Diante disso, interpreto a roda de intelectuais que se formou em

⁸⁹ “Cartão de visita”, *Novidade*, apud. LEBENSZTAYN, Ieda. **Graciliano Ramos e a Novidade: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis**. São Paulo: Hedra, 2010.

⁹⁰ LEBENSZTAYN, Ieda. **Graciliano Ramos e a Novidade: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis**. São Paulo: Hedra, 2010, p. 6-11.

⁹¹ Como os colaboradores da revista não se limitavam aos intelectuais reunidos em Maceió, parece-me equivocado procurar alguma unidade nos artigos. Assim, entendo que o referido editorial, enquanto orientação da revista e, talvez, do grupo mais restrito, seja um meio eficaz de verificar a hipótese de haver uma tendência de emitir juízos que os caracterizassem como grupo.

Maceió, no início do decênio de 1930, como um grupo de sociabilidade restrita. Na avaliação de Rachel de Queiroz:

Éramos grandes amigos, eu, ele, a mulher dele. A gente se frequentava muito. Nesse período em Maceió, por coincidência, Zé Lins morava lá, engraçado. Ele era fiscal de imposto e consumo e morava lá. E o Aurélio Buarque de Holanda também morava lá, era de lá. Era uma roda de tantos que depois vieram para cá! Então a gente tinha um botequim, um café, um ponto chique de Maceió onde a gente se reunia todas as tardes pra tomar um chopinho, um cafezinho, pra conversar. Depois viemos para cá, Alberto Passos Guimarães; Valdemar Cavalcanti, um político; Aurélio Buarque de Holanda, do dicionário; Graciliano; eu; Zé Lins. Nos reunimos em Maceió nesse período.⁹²

Rachel, nessa entrevista, aludiu aos “grandes amigos” Graciliano Ramos e Heloísa de Medeiros Ramos, esposa dele, e aos demais companheiros de roda, José Lins do Rego, Aurélio Buarque de Holanda, Alberto Passos Guimarães e Valdemar Cavalcanti. No entanto, ao admitir que o grupo de intelectuais de Maceió não estava unido apenas por laços de amizade – conforme a escritora, retrospectivamente, tratou-o –, mas, também, por interesses comuns, que, por sua vez, deviam-se a aspectos relacionados às suas trajetórias sociais e intelectuais, pode-se tomá-lo como um agrupamento cultural,⁹³ já que

a roda funcionava no domínio privado de algum membro, em cafés ou em outros espaços públicos, e esparramava uma sociabilidade sem etiqueta, entre iguais. Nas rodas, os indivíduos sintetizavam formas de identificação estéticas e políticas como grupo, base de distinção de outras rodas locais, regionais e, inclusive, de outros países.⁹⁴

Nesse mesmo sentido, ao se analisar as trajetórias sociais e intelectuais de alguns dos integrantes do grupo, pode-se ver algumas semelhanças que vão ao encontro da minha hipótese.⁹⁵

⁹² Entrevista de Rachel de Queiroz concedida a Gustavo Sorá em 25 de fevereiro de 1997, apud SORÁ, Gustavo. **Brasilianas**: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp, 2010, p. 147.

⁹³ Segundo Williams, os valores e hábitos compartilhados são relevantes para a formação interna do grupo e, além disso, fornecem o elemento de distinção – efeito externo, que os fazem ver como distintos e que poderia fazer com que os outros os vissem como um grupo (WILLIAMS, Raymond. O Círculo de Bloomsbury. In: WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2011, p. 207-208).

⁹⁴ SORÁ, Gustavo. **Brasilianas**: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp, 2010, p. 96.

⁹⁵ Como meu objetivo é analisar a trajetória de Graciliano Ramos a fim de compreender seu processo de consagração literária, selecionei os integrantes da roda que cumpriram uma dupla função: os que tiveram maior importância no campo literário – supondo que seus posicionamentos e trajetórias refletissem melhor o grupo –, bem como aqueles que atuaram de maneira direta para a emergência

Valdemar Cavalcanti nasceu na capital alagoana, em 1912. Desde cedo interessou-se pelo jornalismo e pela literatura, publicando, ainda jovem, contos e poemas. Aos 15 anos já era redator de *O Semeador* e, anos depois, passou a exercer a mesma função no *Jornal de Alagoas*. Participou de várias atividades culturais em Alagoas, como a fundação do Grêmio Literário Guimarães Passos, da revista *Novidade*, além de organizar, junto de outros jovens intelectuais, a Festa da Arte Nova – reação ao academicismo, e voltada aos assuntos brasileiros e à tradição. Aos 20 anos tornou-se chefe de gabinete do prefeito de Maceió, de quem era sobrinho. Foi jornalista, tradutor, crítico literário, cronista e poeta. Ao longo da vida ocupou diversos cargos em jornais de Maceió, Pernambuco e Rio de Janeiro, além de trabalhar, nessa cidade, no IBGE. Recebeu algumas distinções e prêmios pelos trabalhos que realizou nas letras: foi agraciado pelo governo francês com o título de Oficial da Academia de França por difundir a cultura francesa; recebeu o Prêmio Prefeitura Municipal de São Paulo por cooperar com as letras do país; além de conquistar os prêmios literários da Academia Brasileira de Letras e União Brasileira de Escritores pela obra *Jornal Literário*. Foi membro do Instituto Histórico de Alagoas e da União Brasileira de Escritores.

Outro alagoano, de Passo do Camaragibe, Aurélio Buarque de Holanda nasceu em 1910. Sua mãe descendia de proprietários de engenho, enquanto que o pai, de família modesta, dedicava-se ao comércio. Realizou os estudos iniciais nas cidades em que a família residiu, Porto de Pedras e Porto Calvo, e mais tarde, já em Maceió, deu continuidade a eles. Na capital alagoana, trabalhou em empresas privadas e como professor – particular e no Ginásio de Maceió. Participou do Grêmio Literário Guimarães Passos e da Festa da Arte Nova. Em 1932, ingressou na Faculdade de Direito do Recife, mas manteve-se em Maceió por causa do emprego que tinha como professor no Orfanato São Domingos. Migrou para o Rio de Janeiro em 1933 e, sem sucesso, retornou para Alagoas. Após formar-se, foi professor de português, literatura e francês no Liceu Alagoano, diretor da Biblioteca Municipal de Maceió e do Departamento de Estatística e Publicidade. Em nova passagem pelo Rio de Janeiro foi estagiário no IBGE, secretário da Revista do Brasil, professor de português no

dele, cuja trajetória está sendo reconstituída ao longo deste trabalho. Assim, cheguei aos seguintes nomes: Valdemar Cavalcanti, Aurélio Buarque de Holanda, Santa Rosa, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego. Mais adiante, ver-se-á em que medida atuaram, e qual importância tiveram no funcionamento de uma rede que mobilizou estratégias para colocá-los no centro das disputas.

Colégio Pedro II, no ensino médio do Estado do Rio de Janeiro e no curso de preparação à carreira diplomática do Itamaraty. No exterior, ofereceu o curso de Estudos Brasileiros na Universidade Autônoma do México. Dedicou-se à lexicografia, atividade que o distinguiu. Além disso, escreveu poemas, contos e fez crítica literária. Integrou a Academia Brasileira de Letras.

Tomás Santa Rosa Júnior, por sua vez, nasceu na capital da Paraíba, em 1909. Ainda pequeno, seu pai, modista, abandonou a família, composta por seis filhos – duas mulheres e quatro homens, mas ele foi o único dos filhos homens que alcançou a vida adulta. Sua iniciação artística começou aos nove anos em instituições vinculadas à Igreja Católica. Com quatorze, além de trabalhar num escritório de contabilidade do governo, concluiu o curso secundário no Liceu Paraibano. Aos dezenove, assumiu a direção da Contabilidade da Repartição Pública do Saneamento da Paraíba. Aprovado num concurso para contador do Banco do Brasil, foi para Salvador, depois Recife e Maceió, onde se juntou aos intelectuais do lugar. Expos suas telas na Noite de Arte Moderna, organizada pela Liga Contra o Empréstimo de Livros, fundada por Valdemar Cavalcanti, Alberto Passos Guimarães e Moacir Pereira. Mas sua passagem por Maceió foi breve, já que logo foi para o Rio de Janeiro com o objetivo de obter maior retorno com sua arte.

Única mulher do grupo, a cearense Rachel de Queiroz nasceu em 1910. Viveu na fazenda de sua família até 1930, quando foi para o Rio de Janeiro para receber o Prêmio Graça Aranha por ocasião de seu romance de estreia, *O Quinze*. Toda a sua família tinha inclinação para as letras. Além de ser fazendeiro, seu pai tinha sido juiz, mesma profissão do avô. Realizado o magistério, trabalhou por algum tempo como professora na Escola Normal de Fortaleza e, aos dezesseis, já atuava como jornalista no jornal *Ceará*. Ajudou a fundar o *Jornal do Povo*, para o qual escreveu até o fim da vida. Casada com o poeta e funcionário do Banco do Brasil José Auto, foi morar em Maceió devido à transferência dele para trabalhar em uma sucursal do banco. Mais tarde divorciaram-se, e Rachel casou novamente.

Paraibano de Pilar, José Lins do Rego nasceu em 1901. Sua família era grande proprietária de terras. Separado dos pais muito cedo – órfão de mãe pouco depois de nascer, e afastado do pai em seguida ao seu outro casamento –, foi criado por uma tia nos engenhos do avô materno. Com o falecimento dessa tia, seu avô o destinou a internatos católicos. Permaneceu três anos no Instituto Nossa Senhora do Carmo, em Itabaiana, de onde partiu para o Colégio Diocesano Pio X, em João Pessoa e, depois,

já no Recife, passou pelo Instituto Carneiro Leão e pelo Ginásio Pernambucano. Na adolescência publicou ensaios e, em 1919, entrou para a Faculdade de Direito de Recife. Durante os anos em que permaneceu na faculdade, envolveu-se em questões políticas e fundou o jornal *Dom Casmurro*. Ao terminar o curso, em 1923, conheceu Gilberto Freyre, que o influenciou decisivamente. Em 1926, participou do 1º Congresso Regionalista. Por intermédio do sogro, à época senador pela Paraíba, conseguiu um emprego como promotor público em Manhuaçu, Minas Gerais. Promovido, tornou-se fiscal de bancos, mudando-se para Maceió, onde exerceria o novo cargo.

A análise comparativa dessas trajetórias, guardadas as especificidades de cada caso, mostra algumas constantes. Excetuando-se Graciliano Ramos, representante da geração anterior, nascido no decênio de 1890, os demais tinham aproximadamente a mesma idade. Todos, por vias formais ou não, iniciaram-se ainda cedo no mundo das letras ou das artes e, assim, pode-se compreender a continuidade dos estudos – acidentado para alguns, que contornaram essa relativa dificuldade pelo autodidatismo –, bem como suas investidas futuras no âmbito cultural. A experiência do descenso social – atestada pelos postos subalternos ocupados em empresas privadas, ou mesmo na administração pública, pelas várias migrações que fizeram ao longo de suas vidas e, ainda, pelo esfacelamento de alguns núcleos familiares –, também foi inerente a esse grupo.

Esses elementos reforçam o diagnóstico que fiz acerca da roda de Maceió, de interpretá-la como um agrupamento cultural. Dessa maneira, torna-se claro que a amizade não era o único fator que os ligava, pois os componentes da roda compartilhavam, além disso, pontos de vista semelhantes – evidenciados pelo “programa da geração” descrito no primeiro editorial da revista *Novidade* –, e experiências sociais e intelectuais relativamente comuns.⁹⁶

Outro aspecto não negligenciável é a intensidade dos relacionamentos entre os membros do grupo. Num trecho extraído de carta remetida à Heloísa de Medeiros Ramos, de 22 de março de 1935, Graciliano trata da composição de seu terceiro

⁹⁶ Conforme Williams, caso se questione sobre o que teria fundamentado essa amizade (formação e diferenciação do grupo), a resposta seria esses fatores sociais e culturais, imprescindíveis para interpretá-los como agrupamento cultural (WILLIAMS, Raymond. O Círculo de Bloomsbury. In: WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2011, p. 203).

romance, *Angústia* e, nela, observa-se o vigor do seu convívio social e intelectual com os escritores José Auto e Rachel de Queiroz:

Em seguida retomarei o trabalho interrompido há cinco meses. Julgo que continuarei o *Angústia*, que a Rachel acha excelente, aquela bandida. Chegou a convencer-me de que eu devia continuar a história abandonada. Escrevi ontem duas folhas, tenho prontas 95. Vamos ver se é possível concluir agora esta porcaria. [...] Vou dormir. E, às seis horas, quando acordar, conversarei com a Marina e com Luís da Silva, excelentes criaturas, na opinião da Rachel e de Zéauto.⁹⁷

Em outra passagem retirada de correspondência enviada novamente à sua esposa, de 24 de março de 1935, outros integrantes da roda de Maceió aparecem. Graciliano, mais uma vez, refere-se ao trabalho de composição do seu novo livro e ao convívio e trocas literárias com os companheiros:

No Relógio Oficial encontrei Zélins, que foi comigo à Nordeste liquidar o negócio das cauções. Daí fomos ao palácio, abraçar o Osman e dizer nossos endereços. Ao descermos, o autor de *Banguê* quis por força levar-me à casa dele: capítulo do romance novo e almoço. A Naná muito amável. Estou convencido de que ela é uma excelente moça. Em seguida rodamos para casa do Zéauto, onde ouvimos as últimas páginas do livro da Rachel. Zélins deu o fora e eu fiquei, na amolação, conversando literatura e esquecido da política. Rachel falou várias vezes em v. Sempre encantada com as meninas, especialmente com a Clarita, por causa da lembrança que ela tem da Clotildinha. De vez em quando dizia-me uns desaforos por não me resolver a meter a cara no *Angústia*, que ela acha melhor que os outros dois. Falta de entusiasmo. Sapequei uma folha ontem à noite, mas frio, bocejando.⁹⁸

E, com todos esses elementos que os caracterizavam distintivamente, lançaram-se em várias frentes da atividade intelectual, ou mesmo incrementaram suas investidas, num momento particularmente importante, do ponto de vista da criação artística, para Alagoas. Esse estado de coisas torna-se mais claro quando se atenta para o fato de que

José Lins do Rêgo e Graciliano Ramos escreviam romances, Valdemar Cavalcanti fazia crítica literária, Mário Marroquim trabalhava em pesquisas linguísticas, Carlos Paurílio redigia contos poéticos e Aloísio Branco publicava os seus inesquecíveis poemas. Raul Lima, Diégues Júnior, José Auto, Aurélio Buarque de Holanda, Alberto Passos Guimarães, Paulo Malta, Carlos Duarte e Arnon de Mello, em Maceió, no Recife ou no Rio de Janeiro, cometiam também os seus poemas, escreviam os seus contos ou crônicas e começavam a encaminhar-se pelos mais diversos roteiros da vida prática. [...] Rachel de Queiroz levou ali uma parte daqueles quatro anos decorridos entre

⁹⁷ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 187-188.

⁹⁸ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 190.

a conclusão de *João Miguel* (dezembro de 1931) e a elaboração do *Caminho de pedras* (outubro de 1936).⁹⁹

Tendo em vista meus propósitos, a roda de Maceió ganha mais importância por ter constituído uma rede de sociabilidade e, sobretudo, pelo tipo de ação empreendida pelos seus integrantes no sentido de promoverem-se mutuamente.

Graciliano começou a redigir *Caetés* em torno de 1925, concluindo-o em 1930. Conforme foi visto, até o início dessa década permaneceu em Palmeira dos Índios, cidade na qual se dividia entre o comércio, contribuições para um jornal local, cargos na administração municipal, chegando, inclusive, à prefeitura. Em 1928, Graciliano casou-se pela segunda vez. Heloísa de Medeiros, filha de Américo Medeiros – secretário do Tribunal de Justiça de Alagoas –, era então uma jovem de aproximadamente 18 anos prestes a concluir o curso normal e que, para satisfazer a mãe, pretendia ir para o Rio de Janeiro a fim de estudar música no Conservatório Brasileiro.¹⁰⁰

Em meados de 1930, assediado pelo multifacetado poeta, crítico, editor e empresário Augusto Frederico Schmidt e por seu secretário, Rômulo de Almeida, Graciliano iniciou as conversas para editar seu primeiro romance, *Caetés*. Quanto a essas tratativas, vale a pena acompanhar algumas das correspondências remetidas por Rômulo ao escritor alagoano, bem como as cartas que este enviou para sua esposa dando conta das negociações acerca da publicação do livro.

Rio, 17/06/1930.

Meu caro Graciliano.

Só hoje obtive resposta à minha carta de 9 de maio. Já estava pensando que V. queria se ver livre dos incômodos de mais uma afeição. Já estaria farto delas...

Hoje lhe mandei, registrada, uma prova em 2 volumes da simpatia do Tristão de Athayde.

Quem me disse que o Álvaro Paes era seu cunhado, foi um outro admirador seu, que atende pelo nome de Arthur Gaspar Vianna.

Quanto à sua obra, já não lhe direi mais nada além disso. V. conta com os dois maiores críticos do Brasil, Tristão e Agripino; V. obterá um êxito formidável.

Fiquei muito satisfeito com a sua resolução no post scriptum: "Vou publicar os *Caetés*".

Estou pronto a lhe prestar a chusma de favores. A Livraria Católica se encarregará, se lhe convém, da distribuição e reclamo do livro. Espero que

⁹⁹ ROCHA, Tadeu. **Modernismo e regionalismo**. Maceió: EDUFAL, 2014, p. 77.

¹⁰⁰ MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 61.

V. me diga alguma coisa sobre esta sugestão. Eu sou empregado dessa Livraria, da qual é sócio o Schmidt.

V. lê muito? Qual é o gênero de leitura que prefere? Terei muito prazer em lhe enviar, de vez em quando, alguns livros.

Bem, Graciliano, por hoje chega. À sua inteira disposição está o seu amigo de fato.

Rômulo de Almeida

P.S.

la-me esquecendo de lhe responder quanto à “história de folhetins”; é que pretendíamos publicar nalgum jornal ou revista daqui, o seu romance, em folhetins. Mas em vista da sua resolução de publicá-lo, “mortus est printus in casca”.

Rômulo

Sr. Graciliano Ramos.

Pedi licença ao meu amigo e companheiro de trabalho Rômulo para reforçar o pedido dele Rômulo, para que fique a Livraria aqui depositaria do seu romance Caetés.

Estou absolutamente certo do sucesso do seu livro, me autorizando a pensar assim o capítulo que mandou ao Rômulo. A edição deve ser grande. Quem sabe se o sr. não logrará o êxito, de “A Bagaceira”, por exemplo.

Saudações

A. F. Schmidt.¹⁰¹

Duas coisas chamam a atenção nessa correspondência. A primeira é a forma como a negociação estava ocorrendo, pois Graciliano foi procurado pelo editor, que soubera da existência do livro. Isso é curioso porque, à época, os aspirantes a escritores, principalmente aqueles que estavam distantes dos grandes centros, geralmente procuravam os editores e, quase sempre, com uma “carta de recomendação” de algum padrinho.

A biografia do escritor apresenta duas versões sobre o caso: uma delas, de tom anedótico, diz que Augusto Frederico Schmidt teria lido os relatórios “romanceados” de prestação de contas que Graciliano enviara ao governador de Alagoas, o que o fez suspeitar da possibilidade do então prefeito de Palmeira dos Índios ter alguma coisa de cunho literário. A outra, reputada pelo biógrafo dele como mais pertinente, alude ao fato de Graciliano ter ficado conhecido no Rio de Janeiro por intermédio de Santa Rosa, que migrara para a capital do país visando a carreira artística. Já a existência de um romance teria sido referida por José Américo de Almeida, daí, então, Schmidt

¹⁰¹ Arquivo IEB-USP, Fundo Graciliano Ramos, Coleção Correspondência Passiva, código do documento GR-CP-058.

entrara em contato com Graciliano.¹⁰² Seja como for, o fato é que a negociação entre editor e autor ocorreu sem que houvesse mediação, nesse primeiro momento, dos demais membros do grupo.¹⁰³

O outro fator interessante diz respeito à maneira incisiva como Rômulo e o próprio Schmidt assediavam Graciliano a fim de torná-lo mais firme em sua decisão de publicar *Caetés*. O secretário da editora refere-se à recepção positiva de dois dos principais críticos da década de 1930, Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) e Agripino Grieco. Schmidt, por sua vez, fala do sucesso daquele que inaugurara a fase dos romances “regionalistas” do Nordeste, José Américo de Almeida, com seu *A Bagaceira*.

Outra correspondência é enviada em 24 de julho de 1930 e, mais uma vez, Rômulo tenta persuadir Graciliano falando da qualidade do romance.

Rio, 24/07/30.

Meu caro Graciliano.

Como vai, meu amigo? Em que está pensando? Ainda não reparou que o seu livro é esperado com ansiedade?

V. precisa decidir-se: ou edita V. mesmo os “Caetés”, ou nos manda os originais.

Ainda não veio resposta a minha última carta. V. está assim tão sem tempo? Junto mais dois jornais para V. ver mais coisas.

Graciliano, V. não poderia mandar um artigo para as “Novidades Literárias”? Escreva, por favor, qualquer coisa sobre Alagoas, sobre os Cangaceiros, sobre o que V. quiser.

Espero sua resposta imediata.

Considere-se abraçado pelo seu am^o

Rômulo

Curioso notar que é pedido a Graciliano colaborações. Provavelmente Schmidt pretendia publicar essas coisas com o objetivo de anunciar o escritor, estratégia comercial que visava potencializar futuras vendas.

Essas correspondências evidenciam as investidas por parte de Schmidt, que estava apostando no escritor de certo modo desconhecido no Sul do país, mas que

¹⁰² MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 73-74.

¹⁰³ José Américo de Almeida não fazia parte do grupo de intelectuais que se reuniu em Maceió no início dos anos 1930, e não localizei qualquer registro de contatos entre ele e Graciliano durante esse momento. Santa Rosa, salvo engano, só desembarcou no Rio de Janeiro em 1932, aproximadamente dois anos após Graciliano iniciar as negociações com Schmidt. Não se descarta, ainda que seja especulação, que José Américo tenha tomado conhecimento de *Caetés* por outros escritores que conheciam Graciliano, como, por exemplo, José Lins do Rego.

tivera boa acolhida por críticos próximos ao editor. E esse assédio entusiasmou Graciliano, ainda que nas correspondências enviadas à sua esposa esse estado seja dissimulado por uma espécie de falsa modéstia. A carta de 26 de setembro de 1930 evidencia isso:

Fiz um capítulo de vinte e cinco folhas e mandei uma carta ao Rômulo. Peça aos santos que esta encrença termine daqui para novembro. E peça também que não me apareçam outros orçamentos e artigos de jornais. Se não surgirem complicações, como dizia o dr. Liberato, julgo que darei o trabalho concluído em fim de outubro. [...] Vi ontem um daqueles pedacinhos de papel que Schmidt me mandou. Estava pregado num dos vidros da casa do Ramalho. Há outros em outras livrarias. De sorte que o pessoal de sua terra está, com razão, espantado e desconfiado. Há de ter graça no fim, quando compreenderem que o livro não presta para nada.¹⁰⁴

Em outra carta endereçada à Heloísa de Medeiros Ramos, de 04 de outubro de 1930, é possível perceber a apreensão de Graciliano com o atraso para enviar o livro ao editor e, mais importante que isso, há elementos que podem ser tomados como sinais de que ele estava atuando sozinho para encontrar um editor para o seu livro, situação que será alterada devido ao incremento das relações com os integrantes da roda de Maceió, que não se restringia apenas às trocas literárias propriamente ditas, como, por exemplo, leitura de capítulos e discussões sobre o que fora escrito, mas também a tarefas ordinárias, que passavam pela datilografia dos originais, negociações junto aos editores e, igualmente importante, ou até mais, pela necessidade de dar publicidade aos autores e livros produzidos pelos integrantes do grupo.

Recebi ontem uma carta do Rômulo exigindo a entrega dos originais. Fiquei aflito, porque estou com dois meses de atraso. Telegrafei ao homem pedindo uma semana de moratória. Com a carta vinha um recorte da *Vanguarda* dizendo cobras e lagartos dos *Caetés*. É necessário que me desenrosque. Por isso arranjei uma datilógrafa. Enquanto lhe escrevo, ela está aqui batendo na máquina: teco, teco, teco. Não se assuste: é uma senhora respeitável, em tipo e em idade. Além disso são apenas cinco horas da tarde.¹⁰⁵

É notória a apreensão de Graciliano devido à iminência da publicação de *Caetés* e, também, em razão da recepção que o livro teria, já que menciona um artigo em que o avaliaram. Pouco tempo depois, em missiva de 7 de outubro de 1930, o escritor relata:

¹⁰⁴ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 144-145.

¹⁰⁵ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 149.

Apesar de andar com muito sono, mandei ontem ao Rômulo cinco capítulos dessa obra-prima que vai revolucionar o país. Isso é que vai ser uma revolução dos mil diabos, v. há de ver. As outras são revoluções de bobagem.¹⁰⁶

Outras correspondências foram trocadas por Rômulo e Graciliano, e apesar da insistência do editor, bem como do entusiasmo do escritor, a publicação de *Caetés* foi adiada, provavelmente pelas dificuldades financeiras enfrentadas pela editora de Augusto Frederico Schmidt. Em carta remetida a Graciliano em 15 de abril de 1931, Rômulo trata da questão financeira da Livraria Schmidt Editora e do consequente atraso da edição do livro: “O Schimdt vai lhe mandar os “Caetés” para correção, mas já em provas. Ele vem demorando por causa da crise. De fato, está um buraco o negócio... principalmente de livros.”¹⁰⁷

Essa situação fez com que o entusiasmo de Graciliano se revertesse em novo desanimo, pois, conforme tratado no capítulo anterior, ele já havia passado por um dissabor quando tentara se inserir nos meios literários do Rio de Janeiro em meados do decênio de 1910. Semelhante aquele momento, e sem negligenciar a situação financeira da Livraria Schmidt Editora, Graciliano ainda não contava com um cabedal de relações vantajoso que pudesse mobilizar a seu favor, o que provavelmente tornava a publicação do livro mais custosa.

Em carta de 25 de abril de 1931, remetida ao seu cunhado, Luís Augusto de Medeiros, Graciliano deixa claro seu descontentamento.¹⁰⁸

Luís:

Recebi tua carta de 16 e depois recebi também uma tapeação do Rômulo. Como te disse, a história do livro acabou. A coisa é esta: eles imaginaram que aquilo era realmente um romance e começaram a elogiá-lo antes do tempo. Quando viram que se tinham enganado, tiveram acanhamento de desdizer-se. Compreendo perfeitamente a situação deles e, para não entrarmos em dificuldades, não toco mais no assunto.¹⁰⁹

¹⁰⁶ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 150.

¹⁰⁷ Arquivo IEB-USP, Fundo Graciliano Ramos, Coleção Correspondência Passiva, código do documento GR-CP-063.

¹⁰⁸ Não me parece exagerado supor que o cunhado de Graciliano, Luís de Medeiros Ramos, fosse um intermediador entre o editor e o escritor, já que Rômulo refere-se a ele em uma das correspondências endereçadas ao escritor alagoano, e esse, por sua vez, trata com Luís em que estado estava as tratativas com Schmidt. Mais uma evidência, portanto, que até esse momento Graciliano não contava com a rede de solidariedade da qual se valerá mais tarde, que o dará uma base sólida para se firmar como escritor.

¹⁰⁹ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 154.

De todo modo, deve-se atentar ao fato de que nesse momento Graciliano ainda não contava com o auxílio de uma rede de solidariedade bem estruturada e que pudesse lhe beneficiar, tendo de negociar, ele mesmo, a edição de seu primeiro romance, que não sairia das gavetas do editor até que o escritor alagoano passasse a frequentar a roda de intelectuais de Maceió, que se valesse do lastro institucional que o grupo lhe conferia e, também, do cabedal de relações sociais que foi construindo desde que iniciou as conversas com Schmidt, mas que seria adensada quando passou a integrar aquela roda.

Não é possível precisar quando foi que Valdemar Cavalcanti passou a atuar como intermediador entre Graciliano e os editores do Rio de Janeiro, todavia, algumas correspondências tratam das negociações, atestando, portanto, o funcionamento da rede de solidariedade mobilizada pelos integrantes do grupo, que será paulatinamente fortalecida na medida em que vão se projetando e conquistando espaço na capital do país.

Nesse sentido, antes de voltar as atenções especificamente para o caso de Graciliano Ramos, acompanhar a maneira como o grupo foi se fazendo presente no centro da produção cultural, a partir da experiência de outros componentes da roda, auxilia na compreensão das estratégias de promoção de que se valeram para se inserirem no meio literário carioca, primeiro passo no possível caminho para o reconhecimento.

Valdemar Cavalcanti, já conhecido na crítica, inclusive do Rio de Janeiro, anuncia e discorre de forma entusiasmada sobre o livro de estreia de José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, que, aliás, ainda estava por ser publicado. Mais do que isso, dá sinais da amizade e da sociabilidade literária compartilhadas. Esse estado de coisas pode ser verificado na seguinte passagem do *Boletim de Ariel*:

De José Lins do Rego a fama que corre, até hoje, é a de grande crítico do Norte. Com um poder raro de penetração analítica, fez-se na crítica literária numa vocação decidida. Mas é de ficção, no entanto, o seu primeiro livro, a sair breve – *Menino de Engenho*, novela de memórias infantis da vida rural nordestina. Bem parece que se deu aí um fenômeno curioso de registrar: o tempo que o meu querido amigo levou a olhar para o fundo das obras alheias era o das sondagens íntimas de suas possibilidades criativas: uma espécie de ricochete em si mesmo, quando mais intensa era a sua preocupação com livros e autores.¹¹⁰

¹¹⁰ Cavalcanti, Valdemar. “Menino de Engenho”. Novela de José Lins do Rego. **Boletim de Ariel. Mensário Crítico-Bibliográfico**, Ano I, n. 9, jun. 1932, p. 19.

Pode-se depreender desse trecho alguns aspectos interessantes. Refere-se, por exemplo, à conversão do crítico em romancista, que não se dera por acaso, pois as prerrogativas criativas já estavam presentes nele quando analisava obras alheias. Isso demonstra a intimidade de ambos, já que Valdemar Cavalcanti dá a entender que o conhece bem, deixando isso claro ao referir-se a José Lins do Rego como amigo.

Ao encerrar o artigo, o crítico deixa mais uma vez em evidência a intimidade que tinham e, como mencionado, não se tratava apenas de uma parceria literária, eram realmente amigos:

Do que José Lins do Rego nos expõe da vida do “Santa Rosa”, com abundância de detalhes num delicioso frescor de tintas – frescor devido ao seu admirável poder evocativo – pode-se ver, como em nenhum outro livro brasileiro, o que é o cotidiano nos engenhos banguês do Nordeste, hoje ameaçados de um trágico “lockout”. E do que sofrem as terras e as gentes dessas zonas açucareiras estão como álbuns coloridos as páginas do grande livro, que eu quase vi dia a dia o meu querido amigo escrever.¹¹¹

A sociabilidade literária entre ambos é evidente, Valdemar Cavalcanti afirma que acompanhou o processo de escrita, de criação mesmo do romancista, cotidianamente, e disso também se extrai a amizade que tinham, que, para mim, foi fortalecida pela intensidade com que experimentaram o convívio na roda intelectual da qual participaram no início dos anos 1930, em Maceió.

Agora, para além desses fatos, deve-se atentar para a estratégia de promoção desses jovens postulantes às carreiras intelectuais, presentes nos dois excertos. Valdemar Cavalcanti, nessa época, e apesar de ser ainda bem jovem, entorno dos 20 anos, portanto, cerca de dez anos mais novo que o amigo e companheiro de grupo, José Lins do Rego, valia-se de seu prestígio como crítico – pois esse artigo saiu no *Boletim de Ariel*, revista prestigiada, que pertencia a dois dos mais importantes críticos da época, Agripino Grieco e Gastão Cruls, proprietários também da Editora Ariel –, e remete-se a dois aspectos nada desprezíveis do ponto de vista da inserção literária de José Lins, já que não está falando de qualquer escritor e de apenas mais um romance, pelo contrário, o que se passa no engenho Santa Rosa pode ser apreendido nas suas miudezas e de maneira inédita, escrito por alguém que conhece intimamente a matéria de sua obra, bem como a técnica necessária para extrair dela seu máximo,

¹¹¹ Cavalcanti, Valdemar. “Menino de Engenho”. Novela de José Lins do Rego. **Boletim de Ariel. Mensário Crítico-Bibliográfico**, Ano I, n. 9, jun. 1932, p. 19.

e isso só ocorre porque o escritor paraibano é um romancista-crítico, detentor de capacidades singulares.

Em outro artigo publicado no *Boletim de Ariel*, agora sobre Santa Rosa, Valdemar Cavalcanti trata da maneira encontrada pelo jovem artista e amigo de roda intelectual para dar vazão à sua poesia, expressada nas artes plásticas. Para além desse aspecto, há sinais da convivência deles em Maceió e, ainda, elementos que se remetem a certas exigências do campo, notadamente a necessidade de migrar para o Rio de Janeiro, conforme discutido anteriormente.

Nos seus desenhos e nas suas pinturas Santa Rosa encontrou em verdade uma solução plástica para a sua poesia. [...] Numa época em que ainda se acreditava na existência e no problemático talento de um Corrêa Dias e de um J. Carlos, Santa Rosa ancorou no Rio e venceu, pôs em ordem do dia a sua personalidade inquieta e tão cheia de apetite da ação. [...] Tudo, nesse jovem paraibano, representa uma reação lírica sobre a sua “atmosfera”: as suas telas, os seus calungas, os seus raros versos, suas cartas de amigo, sua própria vida. Para viver como Santa Rosa, com o seu humor permanente em presença de um mundo tão velho, com o seu impertinente *sans façon*, viver tão *au dessus de la vie*, evadindo-se um dia do Norte para lutar sozinho na cidade grande, abandonando uma vez de repente um emprego do Banco do Brasil, tão displicente nisso tudo, é preciso realmente possuir sobre o reino da razão um quase absoluto domínio da sensibilidade; é preciso chegar-se a um candido e meio infantil senso da realidade, que é o prisma do mundo aos olhos do poeta.

Ainda tenho comigo alguns números especiais de exercícios poéticos em versos deixados em Maceió por Santa Rosa, no tempo em que o Banco do Brasil impunha ao grande lírico a disciplina de oito horas diárias de luta contra os números, um livro de ponto a assinar e uma constante e monótona convivência com homens de negócios. Os seus poemas eram uma evasão ao trágico conflito travado cotidianamente e soturnamente entre a sua sensibilidade extremamente sentimental e a unanime incompreensão do ambiente.¹¹²

Ainda que Valdemar Cavalcanti enalteça a perseverança de Santa Rosa ao afirmar que ele teve êxito no Rio de Janeiro sem contar com a ajuda de ninguém, e que assim foi porque sua sensibilidade o distinguia, a biografia do artista plástico mostra um matiz diferente acerca disso. No decorrer da década de 1930 Santa Rosa se notabilizou com seu trabalho de capista, produzindo principalmente para a Livraria José Olympio Editora a partir de 1934 e, depois, como cenógrafo. Antes disso, porém, quando Graciliano Ramos ainda buscava um editor para seu primeiro romance, *Caetés*, um trabalho de Santa Rosa foi oferecido juntamente do livro à Companhia Editora Nacional. Sem contar ainda com o prestígio que obteria depois por conta de

¹¹² Cavalcanti, Valdemar. “Santa Rosa Júnior”. *Boletim de Ariel. Mensario Critico-Bibliographico*, Ano III, n. 1, out. 1933, p. 8.

seu trabalho, Santa Rosa dependia da mediação de seus companheiros em melhores condições, do ponto de vista do reconhecimento, para se colocar como produtor cultural.

Maceió, 19 de abril de 1933.

Companhia Editora Nacional
São Paulo

Prezados amigos:

enviando com a presente o recorte do meu último rodapé de crítica literária, aproveito a oportunidade para tratar de assunto que muito diretamente afeta os interesses da indústria do livro, de que esta Editora se tem feito a casa de maior relevo em cifras de produção e seleção. Quero consultar se interessa aos amigos a edição de um admirável livro nordestino, de autoria do romancista Graciliano Ramos. O CAETÉS é um romance que focaliza, com uma extraordinária força de descritivo humano, uma época de vida de província, com o seu cotidiano tranquilo, com as suas almas pacatas, mas com os seus dramas anônimos e dolorosos. É um volume que revela ao Brasil, na opinião de um grande crítico que é Prudente de Moraes neto, em carta particular, uma das suas mais seguras organizações de romancista. Um livro grande, não por nos mostrar postais da paisagem física de uma cidadezinha do interior, mas por nos exhibir em água-forte o panorama humano de algumas vidas em desordem dentro da rotina do dia-a-dia sertanejo. É curioso o seguinte: tendo-se interessado por lançar o romancista nordestino à publicidade, o editor A. F. Schmidt obteve em primeira mão os originais do livro. Com a Revolução e outras coisas piores o CAETÉS encalhou. Mas Schmidt deu-o a ler a alguns dos de sua grande roda. E criou-se no pequeno círculo uma sensação de surpresa: a de uma boa descoberta. Uns até levaram seus comentários à imprensa. Lembro-me bem de um artigo de Jorge Amado, o romancista de O PAIZ DO CARNAVAL, no número de novembro do BOLETIM DE ARIEL, no qual se encontra o nome de G. Ramos na vanguarda dos maiores escritores do Norte. E ainda hoje estão empatadas, em composição, as 220 páginas do livro, - na Sociedade Impressora Paulista - o que aliás poderá facilitar, a esta Editora, caso queira entrar em negociações com a edição, um largo beneficiamento econômico. Com a saída do CAETÉS, poderá entrar para a fecundação dos prelos, um outro romance de Graciliano Ramos, o mais recente: S. BERNARDO - retrato da vida rural sertaneja.

Desejo saber se a esta Editora, sempre tão atenta em lançar ao nosso público os grandes livros brasileiros, interessa a edição do romance do meu amigo. E se assim for, que condições poderá (pro)por a Graciliano Ramos. A composição da tipografia da rua Sc(parte fragmentada)ro barateará em muito a publicação, e para a capa já possui (parte fragmentada)tor um desenho admirável e expressivo de Santa Rosa Junior.

No sentido de fornecer aos ilustres amigos uma ráp(ida e) fragmentária visão do valor do romance e do romancista (parte fragmentada) envio junto a cópia das duas últimas páginas do CAETÉS.

Aguarda resposta dentro da possível brevidade, (parte fragmentada) confrade

Valdemar Cavalcanti
33, Barão de atalaia

Maceió – Alagoas¹¹³

Não somente das suas competências técnicas e do seu lirismo dependia Santa Rosa, o artista contava com uma rede de solidariedade que fora construída no período em que viveu em Maceió, ocasião em que convivia com um grupo restrito de intelectuais que depois se tornariam, pelo menos parte deles, representantes da literatura nordestina da primeira metade do século XX.

Já inserido no grupo, Graciliano também se valeu dessas prerrogativas. Os meios utilizados por Valdemar Cavalcanti a fim de promover o amigo e companheiro de roda são vários. Logo de início utiliza-se de sua condição de crítico para conferir a *Caetés* credibilidade, atribuindo-lhe vários qualitativos.

Na mesma direção, e a fim de corroborar o valor do romance, menciona a opinião de outro crítico, Prudente de Moraes Neto, para quem o livro de Graciliano o distinguia como grande romancista. Deve-se observar, também, que a impressão desse crítico chegou a ele por meio de carta particular, portanto, tratava-se de um amigo, mas não qualquer amigo, mas do crítico – alguém autorizado a emitir juízos – e neto do ex-presidente Prudente de Moraes, condição que fornecia um tipo de prestígio diferente, exterior à literatura. Graciliano, agora, contava com o auxílio do crítico e companheiro de roda já reconhecido e, também, de alguém externo ao grupo, Prudente de Moraes Neto, que conferia maior credibilidade a Valdemar Cavalcanti – que negociava o livro com a Companhia Editora Nacional –, bem como ao escritor que procurava alguém disposto a editá-lo. Na tentativa de convencer o editor, o crítico alagoano remete-se também a Jorge Amado, que pouco antes havia sido lançado pela editora de Augusto Frederico Schmidt, que, aliás, foi o responsável por lançar vários escritores da segunda geração modernista.

Esse tipo de recurso foi bastante utilizado pelos grupos, e particularmente pela roda de intelectuais de Maceió.

As trajetórias dos participantes do grupo de Maceió indicam que essa roda imbricava com as de outras capitais da região Norte, e seus membros já contavam com algum grau de reconhecimento entre os pares, e somente entre estes, dos outros círculos de produção restrita.¹¹⁴

¹¹³ Arquivo IEB-USP, Fundo Graciliano Ramos, Coleção Correspondência de Terceiros, código do documento GR-CT-003.

¹¹⁴ SORÁ, Gustavo. **Brasilianas**: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp, 2010, p. 103. O autor analisa a trajetória de Jorge de Lima com o propósito de validar sua opinião.

Esse expediente funcionava como uma anuência. Alguém já inserido no centro da produção literária, e obviamente reconhecido pelos pares, fazia a mediação com o propósito de facilitar a entrada de um autor oriundo das regiões periféricas.¹¹⁵ A trajetória de Graciliano, desde sua primeira investida ainda na década de 1910, mostra isso. Naquele momento ele ainda não contava com figuras que estivessem bem colocadas e, invariavelmente, teve seus planos frustrados. No início do decênio de 1930, mais bem posicionado, já que o cabedal de relações sociais que construiu contava com atores que possuíam algum reconhecimento e trânsito pelo centro cultural, ou, em outros termos, detentor de um lastro institucional robusto, representado pela roda de intelectuais de Maceió, que não apenas o reconhecia socialmente como escritor, mas o auxiliava em suas investidas, conseguiu entrar melhor armado nas disputas.

Isso pode ser apreendido de duas maneiras: uma delas diz respeito à forma como os companheiros de roda de Graciliano o apresentaram, dito de maneira diversa, ao tipo de recepção que fizeram dos seus primeiros romances. A outra remete-se à trajetória editorial do escritor alagoano, isto é, aos recursos utilizados por seus companheiros para levá-lo à uma editora prestigiada, que lhe garantisse inclusive recompensas simbólicas. Ambas as coisas evidenciam a importância dessa rede bem estruturada de alianças que não se limitava ao grupo do qual fazia parte, mas que requeria apoio externo de agentes legitimamente reconhecidos.

Já foi discutida a maneira como Graciliano travou contato com o grupo de intelectuais que se reunia em Maceió no início dos anos 1930. Agora, trata-se de ver como seus integrantes o auxiliaram para que conseguisse chegar e permanecer no centro da produção, recepção e divulgação cultural.

Seja verdadeiro ou não os relatos acerca da maneira como Schmidt conheceu Graciliano, o que importa é notar que foi o editor, num primeiro momento, quem iniciou as conversas com o escritor alagoano. Como foi visto, ainda assim ele encontrou dificuldades para editar seu livro. Claro, não se deve perder de vista que questões que não dependiam dele acabaram impedindo a edição de *Caetés* num curto prazo,

¹¹⁵ Não se trata, aqui, de afirmar que apenas isso garantia aos escritores tanto a entrada quanto a permanência nesses círculos mais restritos de escritores. Fatores literários, propriamente, eram também determinantes. Ao enfatizar aqueles aspectos, procurei mostrar que não bastava ter um bom livro, era necessário cumprir uma série de requisitos sem os quais certamente atrapalhariam, como foi o caso de Graciliano, os planos dos pretendentes à carreira literária.

notadamente as dificuldades financeiras enfrentadas pelo editor após a crise econômica do final da década de 1920 e começo da seguinte.

No entanto, quando se volta as atenções para as negociações, percebe-se a importância de se contar com bases institucionais sólidas como as que os grupos intelectuais forneciam. O auxílio prestado por Valdemar Cavalcanti, figura importante do modernismo alagoano, reconhecido por seus pares, com trânsito pelo Rio de Janeiro e entre intelectuais de outras regiões, aumentou seu poder de barganha. Desse modo, seu livro não apenas foi oferecido a outras editoras, como também recebeu a chancela de mais um crítico, fator que o ajudava, ainda mais se for levado em consideração que o crítico em questão, Prudente de Moraes Neto, distinguia-se também pelo seu prestígio social, já que era neto de um ex-presidente da República.

Nem mesmo Schmidt, que era também crítico literário, prescindiu de um julgamento que poderia dar maior visibilidade a *Caetés*. Conforme correspondência enviada por Rômulo a Graciliano, vê-se que além do próprio parecer de Schmidt – implícito, já que estava disposto a editar o livro –, havia submetido o livro a dois dos principais críticos da época, Tristão de Athayde e Agripino Grieco. Certamente o editor se valeria disso como estratégia comercial para impulsionar as vendas. Já aqui é possível notar que embora a finalidade fosse a mesma, publicar o livro, esse tipo de apoio era diverso daquele levado adiante pelo grupo. O tipo de sociabilidade que a convivência no grupo encerrava – espalhando-se na amizade e nas trocas literária – e, sobretudo, o lastro institucional que ele criava, além de dar suporte aos seus integrantes, gerava entre eles um tipo bastante particular de solidariedade.¹¹⁶

Graciliano Ramos passou a frequentar a roda de Maceió quando já estava em torno dos 40 anos, após ter tido uma experiência frustrada na literatura, já que não conseguira se firmar em sua primeira passagem pelo Rio de Janeiro, trabalhado como comerciante e ocupado cargos na administração pública, inclusive na função de prefeito, em Palmeira dos Índios. Para se ter uma ideia, Valdemar Cavalcanti era quase 20 anos mais jovem, assim como Tomás Santa Rosa, Rachel de Queiroz e Aurélio Buarque de Holanda. José Lins do Rego tinha por volta dos 30 anos. Apesar

¹¹⁶ Sorá e Silva argumentam que havia um compromisso recíproco entre os membros das rodas de Maceió, isto é, um favor teria de ser compensado por outro, gerando, assim, um sistema de dom e contra dom que os favoreceria na medida em que isso se refletia em indicações e proteção. Para maiores esclarecimentos sobre o referido sistema, consultar SORÁ, Gustavo. **Brasileiras**: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp, 2010, e SILVA, Simone. **As rodas literárias nas décadas de 1920-30**: troca e reciprocidade no mundo do livro. 2004. 84 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2004.

da idade e da experiência acumulada na literatura, Graciliano chegava ao grupo em condições similares a dos demais, todos mais jovens que ele, pois ainda tentava publicar algo de fôlego.¹¹⁷

Nesse sentido, o aspirante a romancista valeu-se bastante de todo arcabouço institucional conferido pelo grupo. Nada fortuito é o fato de ganhar o reconhecimento social de escritor por parte de seus integrantes,¹¹⁸ que eram ainda jovens e colocavam-se como representantes de uma nova geração. Tornou-se colaborador da revista *Novidade* – fundada por Alberto Passos Guimarães e Valdemar Cavalcanti –, que se tornou um meio de expressão importante para os intelectuais de Alagoas.¹¹⁹ Graciliano teve em seus novos companheiros leitores primeiros de suas produções literárias e, principalmente, contou com o apoio deles para se projetar no mundo das letras,¹²⁰ o que tentara, até esse momento, sem possuir uma base de apoio consistente.

A função dos componentes do grupo como mediadores entre regiões periféricas e centrais do ponto de vista da produção e consagração literária pode ser apreendida ao se analisar as correspondências trocadas com editores, bem como pelos artigos que anunciavam e davam as primeiras impressões sobre os livros que produziam. Tudo isso numa estratégia de promoção, necessária para se colocarem nos espaços centrais do campo, etapa imprescindível no processo que poderia conduzir à consagração.

Para meus propósitos, importa desvelar o caminho percorrido por Graciliano Ramos até obter o reconhecimento dos seus pares e da crítica, já que a satisfação dessas coisas o levou à consagração literária. Daí ser necessário acompanhar o processo de negociação para a edição de seus romances durante as décadas de 1930

¹¹⁷ Apenas Rachel de Queiroz prescindiu da roda de Maceió para a edição de seu primeiro romance, *O Quinze*. Quando o livro foi publicado, em 1930, Rachel ainda residia no Ceará com sua família, e foi o pai quem custeou a primeira edição junto à Gráfica Urânia, de Fortaleza.

¹¹⁸ Não se deve esquecer que Graciliano Ramos fora reconhecido como escritor em 1910, quando foi procurado pelo *Jornal de Alagoas* para responder a um inquérito literário. Para mim, esse tipo de reconhecimento, ainda que importante, limitava-se a um espaço bastante restrito – a Alagoas, ou, na melhor das hipóteses, à região Nordeste –, já que isso não lhe proporcionou qualquer vantagem quando foi para o Rio de Janeiro em meados do decênio de 1910 na tentativa de levar em frente seu plano de trabalhar em atividades intelectuais, por exemplo, no jornalismo e na literatura.

¹¹⁹ Para uma análise circunstanciada da revista *Novidade*, consultar LEBENSZTAYN, Ieda. **Graciliano Ramos e a Novidade**: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis. São Paulo: Hedra, 2010.

¹²⁰ Essa peculiaridade do grupo de Maceió foi mencionada por Antonio Candido em artigo sobre *Caetés*. Nas palavras dele: “Quando *Caetés* foi publicado, havia em Maceió um grupo intelectual que funcionou como público restrito de alta qualidade, cujo papel foi não apenas receber o livro, mas manifestar o seu juízo sobre ele” (CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012, p. 127).

e 1940. Por um lado, isso deixará claro o funcionamento efetivo do grupo – as estratégias mobilizadas para a consecução de seus objetivos, ou seja, a promoção de seus integrantes –, por outro, e ainda que seja também parte das estratégias de grupo, como conseguiram compor o catálogo da editora mais prestigiada do Brasil concernente à edição de literatura brasileira, a Livraria José Olympio Editora.

Até aqui foi recuperada as tratativas diretas entre Graciliano e Schmidt, que pretendia editar *Caetés*. Como foi visto, a edição do livro emperrou, o que desagradou o escritor. Agora, lastreado pelo grupo, a ação no sentido de publicar o livro foi mais incisiva, determinante mesmo para levá-lo a público.

Nesse interim, como se entreve pela autoria dos artigos sobre José Lins do Rego e Santa Rosa, publicados no *Boletim de Ariel*, e nas correspondências enviadas aos editores na tentativa de publicar o livro de estreia de Graciliano Ramos, Valdemar Cavalcanti teve papel fundamental, figurando mesmo como um importante articulador e divulgador do grupo.¹²¹ Esclarece Lebensztayn que,

Na *Novidade*, além de doze editoriais, muitos Tópicos e Notas da Semana, Valdemar Cavalcanti publicou o esboço de novela “Raul Marques, proprietário de Rio Comprido”, uma crítica sobre *Oscarina*, de Marques Rebelo, e, conforme revelou anos depois em “Uma revista”, vários artigos sob pseudônimos. É interessante notar sua proximidade com a obra nascente do grupo no início dos anos 1930: lia poemas inéditos de Jorge de Lima, ouviu de José Lins do Rego a leitura de originais, datilografou *Menino de engenho*, *Doidinho* e *Banguê*, além de *S. Bernardo*, de Graciliano.¹²²

Há outras evidências de que Valdemar Cavalcanti agia como representante do grupo, provavelmente pelo relativo destaque que alcançou devido ao seu trabalho como crítico e colaborador de uma importante revista do Rio de Janeiro.¹²³ Em carta remetida ao crítico alagoano por Hersen, proprietário da Adersen Editores, depreende-se aspectos da função de intermediador que aquele desempenhava entre os autores – companheiros de roda intelectual e amigos – e o editor.

Rio, 13/04/33

“Meu caro V. Cavalcanti: -

¹²¹ Conforme será visto mais adiante, não apenas Valdemar Cavalcanti atuou nesse sentido, mas não deixa de ser curioso, no mínimo, que ele não tenha tido melhor sorte na literatura, ainda que fosse como crítico.

¹²² LEBENSZTAYN, Ieda. **Graciliano Ramos e a Novidade**: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis. São Paulo: Hedra, 2010, p. 83.

¹²³ Valdemar Cavalcanti foi colaborador do *Boletim de Ariel*, que pertencia aos renomados críticos Gastão Cruls e Agripino Grieco.

Hoje é dia 13, véspera do último dia a que tenho direito de editar o “Caetés”. Não sei se V. será capaz de avaliar o aborrecimento de que estou possuído pela minha impotência financeira atual.

Devo-lhe uma explicação detalhada:

A ADERSEN-EDITORES era composta até Fevereiro do corrente ano de 2 sócios: Adolfo Aizen (AD...) e Sebastião de Oliveira Hersen (...ERSEN). Acontece que o Adolfo, muito versátil, é o termo, desistiu de prosseguir na empresa, alegando falta absoluta de tempo para se dedicar ao assunto, e outras coisas. A verdade nua e crua é que não teve coragem suficiente para enfrentar as primeiras e inevitáveis dificuldades, para as quais uma série enorme de fatores concorriam, notadamente a depressão geral do comércio do país. Esperava que as compensações fossem largas e imediatas, o que é uma grande ilusão. De outra tempera, afeito a qualquer espécie de luta, assumi inteira responsabilidade do ativo e passivo da firma, desfalcando-a, porém, do capital do amigo, que continuou a ser. A ADERSEN-EDITORES (conservo o nome) não sofreu nem sofrerá solução de continuidade, mas ficou abalada, pois não sendo rico estou ainda lutando com dificuldades muito sérias para cobrir o desfalque.

Daí nasceu a impossibilidade de imprimir imediatamente o “Caetés”, extinguindo-se amanhã o prazo (aliás curto), que eu próprio solicitei, pois todo o dinheiro de que dispunha na ocasião empreguei na edição da “Bagaceira”, que vai me dar resultados apreciáveis, mas só depois de 3 meses.

Na expectativa de conseguir, ainda, meu intento, comuniquei-me com os impressores paulistas que estavam fazendo o livro para o Schmidt, na esperança de comprar, por preço razoável, a edição, que me disseram estar pronto há muito tempo, lá. O Gerente da firma esteve aqui no Rio, comigo, mostrou-me as provas (222 páginas), já revistas pelo Graciliano Ramos, mas o orçamento que me fez foi um orçamento comum, sem considerar o chumbo empatado há quase 2 anos, tempo gasto, iminência de perder tudo isso, desde que eu mandasse fazer o livro noutra tipografia, etc., etc.. Diante do fato, não chegamos a acordo e o “Caetés”, malgré tout, continuou na mesma. Tudo isso, eu sei que não interessa ao Graciliano Ramos, que já perdeu um tempo enorme com o Schmidt e não está disposto a perder outro tanto comigo. Mas faço questão de chamar sua atenção para a face humana do caso.

.....

Até o princípio de Maio próximo farei rápida viagem ao norte, onde vou buscar dinheiro para intensificar a produção de minha editora e, portanto, consolidar sua vida. Estarei aí em Maceió, portanto, muito breve, quando poderemos, se lhes interessar ainda, combinar outro prazo para a saída do “Caetés”, assim como para o “S. Bernardo”. Mas só lhe proporei qualquer modalidade de negócio quando estiver com o dinheiro no bolso, isento, pois, de nova gafe. Converse com o Graciliano Ramos e me diga depois qualquer coisa. Aliás, o Gerente da Imprensa Paulista me disse que já recebera proposta de outra editora com referência ao “Caetés”. Os originais dele e do “S. Bernardo” estão em meu poder, à inteira disposição do autor, não pagando aluguel pelo tempo em que continuarem aqui, assim como o desenho do Santa Rosa que, no caso do “Caetés” ser feito noutra parte, eu faria questão fechada de oferecer, gratuitamente, é claro.

Aguarde minha breve chegada a Maceió e então conversaremos melhor e nos conheceremos pessoalmente, já que V. não quis vir aqui em Fevereiro, como me falou uma vez em carta. Dê um abraço no Zélin, a quem escrevi ontem.

Do amigo certo, S. O. Hersen.¹²⁴

¹²⁴ Arquivo IEB-USP, Fundo Graciliano Ramos, Coleção Correspondência de Terceiros, código do documento GR-CT-002.

Fica evidente, assim, a participação do crítico alagoano na intermediação das conversas entre Graciliano Ramos e Sebastião de Oliveira Hersen, que, com a saída de seu sócio, Adolfo Aizen, tornou-se o único proprietário da Adersen Editores. Aproximadamente três anos após iniciar as negociações com Augusto Frederico Schmidt, Graciliano ainda procurava um editor para *Caetés*. E Hersen utilizou-se da mesma justificativa dada por Schmidt para não editar o livro dentro do prazo acordado, alegou estar enfrentando dificuldades financeiras.

A diferença, agora, é que Graciliano, já integrado ao grupo de intelectuais da capital alagoana, contava com um cabedal de relações sociais que o auxiliava nas suas investidas literárias, exemplificada, nesse caso, pela mediação exercida por Valdemar Cavalcanti, que provavelmente tentava fazer da sua preeminência, alcançada graças à visibilidade que a crítica lhe dava, e das relações que já havia costurado com críticos e escritores já conhecidos, um trunfo para conseguir benefícios para os integrantes do grupo, particularmente para Graciliano Ramos, como foi possível apreender tanto pela carta que recebeu de Hersen, proprietário da Adersen Editores, quanto pela correspondência que enviou à Companhia Editora Nacional, a quem, conforme foi visto, ofereceu não apenas os livros do escritor alagoano, mas também a ilustração de Santa Rosa.

A despeito das tentativas de Valdemar Cavalcanti para conseguir um editor para os livros de Graciliano Ramos, *Caetés* acabou saindo pela Livraria Schmidt Editora no final de 1933 e, *S. Bernardo*, pela Editora Ariel quase um ano depois. Para tanto, indo ao encontro do que tenho afirmado acerca das estratégias de promoção, contou com a articulação de seus companheiros de roda, ou de escritores amigos, próximos dela. Após as tentativas frustradas do crítico alagoano, que não obtivera sucesso com os editores com quem havia estabelecido contato, coube a Alberto Passos Guimarães, Santa Rosa e a Jorge Amado a iniciativa de fazer a mediação entre Graciliano e Augusto Frederico Schmidt. Segundo um biógrafo de Graciliano Ramos, o escritor

incumbiu Alberto Passos Guimarães, temporariamente vivendo no Rio, de procurar Schmidt em seu nome para reaver os originais. Santa Rosa e Jorge Amado inventaram, para intimidar o editor, que Alberto fora contratado por Graciliano para processá-lo, caso não devolvesse o texto. [...] Antes que os originais seguissem para Maceió, foram lidos por Jorge Amado. No início de

1933, Jorge partiu no pequeno navio *Baependi* com destino a Maceió, para conhecer Graciliano, tão empolgado estava com o romance.¹²⁵

Não se tratava exatamente de conhecer Graciliano, Jorge Amado, que teve seu romance de estreia editado por Schmidt, queria convencê-lo a deixar os originais de *Caetés* com o editor. Sem acordo com o escritor alagoano, Jorge Amado teria convencido a esposa dele a entregá-lo os originais a fim de os devolver a Schmidt, o que acabou ocorrendo, sendo o livro finalmente publicado.¹²⁶

S. Bernardo, que Graciliano estava por terminar quando *Caetés* chegou às livrarias, acabou saindo pela Editora Ariel. Aliás, essa editora, bem como a Adersen Editores e a Livraria Schmidt Editora, foram as responsáveis por lançar vários escritores que estrearam no início dos anos 1930.¹²⁷ Como foi visto por meio da correspondência enviada por Sebastião de Oliveira Hersen a Valdemar Cavalcanti, o segundo romance de Graciliano também fazia parte das negociações. Inclusive, *S. Bernardo* foi oferecido, juntamente de *Caetés*, à Companhia Editora Nacional, conforme carta remetida à essa editora por Valdemar Cavalcanti.

Antes disso, porém, Graciliano ainda vivia a incerteza que circundava a atividade de escritor. No momento em que procurava um editor para *Caetés*, escrevia *S. Bernardo* sem saber ao certo, apesar do entusiasmo que a composição do livro lhe dava, se ele teria melhor sorte que o anterior. Numa correspondência de outubro de 1932, destinada à Heloísa de Medeiros Ramos, essas coisas ficam nítidas.

Tenho continuado a escrever, Lô, porque ainda não quis perder de uma vez a esperança toda. Mas em alguns dias terei necessidade de dar um coice nisto e afundar-me. Como o tempo é pouco, tenho escrito muito, como lhe disse, para acabar depressa. Não sei bem para que escrevo nem que vantagem há em acabar depressa. Eu é que me estou acabando, Lô. Magríssimo. Passei ontem o dia com febre. Era o que me faltava. Mas isto não tem importância: macacoas de gente velha.¹²⁸

¹²⁵ MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 95.

¹²⁶ MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 95-96.

¹²⁷ Mais à frente tratarei da trajetória editorial dos romancistas da roda de Maceió, pois acredito que isso ajudará a esclarecer as ações do grupo no sentido de conseguirem condições mais vantajosas para seus membros.

¹²⁸ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 173-174.

Em outra carta, enviada também à sua esposa, mais um testemunho da oscilação das expectativas de Graciliano, ocasionadas pela possibilidade de ter seus planos mais uma vez frustrados.

Acabei agora a tarefa diária do S. Bernardo. Os trabalhadores do eito descansam às seis horas. Eu estou aqui desde oito da manhã, e já é meia-noite. Como amanhã temos correio, fico aqui à mesa alguns minutos mais, conversando com você. Amanhã não terei tempo para nada, porque essa gente do S. Bernardo exige todas as horas que Deus dá. Depois de tudo pronto, acontecerá o que aconteceu ao Caetés. Haverá no mundo um sujeito mais besta do que eu? Em todo o caso antes esta ocupação de condenado que os fuxicos da política de Palmeira.¹²⁹

Nesse momento, Graciliano havia retornado para Palmeira dos Índios,¹³⁰ portanto, estava fisicamente mais distante dos companheiros de roda intelectual. Todavia, a amizade e as parcerias estavam consolidadas, o que talvez trouxesse algum alento para o escritor, ainda que estivesse apreensivo com a possibilidade de publicar seus romances, de levar adiante a carreira de escritor, tão cara a ele, mas que até então conhecera apenas o reverso, manifestada na frustração que de tempos em tempos deixava escapar.

Prova dos laços entre Graciliano e os intelectuais que frequentavam a roda de Maceió pode ser apreendida pela referência que faz a José Lins do Rego e a Valdemar Cavalcanti em duas cartas enviadas à Heloisa pouco antes de retornar a Maceió, o que ocorreria no começo de 1933.

Recebi, pelo último correio, o Menino de Engenho, do Zélins. É excelente. Mando amanhã uma carta agradecendo a remessa do volume. Imagine que meu pai leu o livro duas vezes. E um romance que meu pai lê duas vezes só pode ser bom.¹³¹

Faz bem um mês que o Valdemar me mandou uma carta com a reportagem das festas da paz. Pois eu tenho estado tão embebido no S. Bernardo que só agora mando a resposta.¹³²

¹²⁹ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 180.

¹³⁰ Após pedir exoneração da Imprensa Oficial, Graciliano retornou para Palmeira dos Índios, enquanto sua esposa, Heloísa, permaneceu na casa do pai dela, em Maceió, na companhia de dois filhos do casal, Ricardo e Luísa. Apenas em 1933 o escritor retornaria à capital de Alagoas, dessa vez para assumir a Instrução Pública do Estado (MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 83; 90). Mais uma vez Graciliano aproximou-se da elite política para voltar a Maceió, passo importante para as pretensões do escritor, pois assim voltaria a frequentar a roda de intelectuais da qual fizera parte durante o período em que residiu na cidade.

¹³¹ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 182-183.

¹³² RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 184.

Além disso, *S. Bernardo*, que estava sendo negociado junto aos editores por Valdemar Cavalcanti, acabou sendo datilografado¹³³ por ele, além de ter sido lido antes de ser editado pelos companheiros de roda, que atuaram incisivamente na promoção de Graciliano.

Antes de tratar disso, deve-se atentar para um dado interessante quando se estuda os circuitos de consagração literária. Assim como *Caetés*, que fora editado por Augusto Frederico Schmidt, que, entre outras atividades, ocupava-se da crítica literária, sendo, inclusive, prestigiado, *S. Bernardo* foi editado por outra editora que tinha como proprietários críticos renomados, Gastão Cruls e Agripino Grieco. Ainda que não se deva perder de vista que a Livraria Schmidt Editora, assim como a Editora Ariel e, em alguma medida, a Adersen Editores ocupassem uma posição de vanguarda na edição dos romancistas nordestinos, mais tarde legitimados pela crítica literária, esse estado de coisas beneficiou Graciliano na medida em que teve boa acolhida por críticos prestigiados, e que estavam no Rio de Janeiro, local onde se formavam as opiniões que concorriam mais fortemente não apenas para a inserção daqueles que estavam se lançando nas atividades intelectuais, como era o caso do escritor alagoano entre os anos de 1933 e 1934, mas também para a permanência e, talvez, a consagração literária, que como tenho mostrado, não dependia apenas da qualidade dos trabalhos, sendo decisiva também as relações que cada um dos autores conseguissem mobilizar e utilizar em seu favor.

Mas a mediação dos seus companheiros não se limitava a conseguir um editor. Com o lançamento de *Caetés* e, depois, *S. Bernardo*, as estratégias se voltaram para que os livros ficassem em evidência. E não havia recurso melhor do que se valer da condição de críticos, exercida por alguns companheiros de roda, e principalmente de colaborarem com uma das mais importantes revistas da época, o *Boletim de Ariel*, para fazerem isso.

Antes mesmo de *Caetés* ser lançado foi anunciado na revista *Novidade*, que também publicou um capítulo do livro. Portanto, a revista fundada por Alberto Passos Guimarães e Valdemar Cavalcanti também foi utilizada para dar publicidade aos integrantes da roda de Maceió, e mesmo a escritores parceiros de outras rodas, já

¹³³ MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 97.

que as estratégias de promoção do grupo não se limitavam, como foi dito, apenas à costura de alianças regionais.¹³⁴

Não bastava, entretanto, fazer publicidade apenas em veículos regionais, até porque o local onde os juízos eram formados era outro, o Rio de Janeiro. Assim, valendo-se do reconhecimento dos pares, o crítico Valdemar Cavalcanti tratou de recepcionar *Caetés*, analisando-o por meio de um curto artigo publicado no prestigiado *Boletim de Ariel*. Segundo ele,

O que nos impressiona no romance de Graciliano Ramos é a sua força de humanidade, é a sua plástica expressão de vida e movimento. A realidade, atingida pelos processos diretos e incisivos do escritor alagoano, chega a uma rara condensação. [...] Sente-se no *Caetés* é a força íntima do documento humano; ele é uma luminosa fotografia da multidão, realizada por um que acredita naquela realidade histórica dos acontecimentos, tão dentro dos grandes romances, de que Duhamel falou num recente ensaio.

Talvez o que mais influa para dar ao *Caetés* toda essa impressão de vida, toda essa comunicabilidade, seja a segurança de sua fatura, o admirável de sua realização. Graciliano Ramos tem, como romancista, qualidades de poucos no Brasil. Tem uma simplicidade, uma disciplina, uma secura de fala que fazem o caráter meio exótico de sua fisionomia. [...]

Em muitas de suas páginas a gente percebe que Eça deixou nele marcas fundas; muitas de suas qualidades e alguns de seus defeitos se fixaram, sem o querer do autor, no seu caráter. Porém no corpo do romance há uma expressão pessoal do narrador. E esse poder de animar os homens e os fatos, em Graciliano Ramos, não é resto de banquete de Eça de Queiroz: é cozinha especial, é comida de primeira mesa.

Quando eu li *Caetés*, há três anos, senti uma impressão de caricatura: caricatura de massa, com a grandeza natural da boa caricatura mas também com as desvantagens de seu sentido de deformação da realidade, apenas. Sugestionei-me que Graciliano Ramos se especializara em maus tratos com os seus heróis, dando-lhes uma vida de escravos e não de gente. E nunca uma impressão foi mais falsa, nunca me trai tanto a mim mesmo.¹³⁵

¹³⁴ No oitavo número da revista *Novidade*, logo abaixo de uma crônica assinada por Graciliano Ramos, foi feita referência ao breve lançamento de *Caetés* no Rio de Janeiro. No número seguinte, mas uma vez se fez alusão ao lançamento do livro, dessa vez remetendo-se também à editora de Schmidt como a responsável pela edição. No entanto, como foi dito, *Caetés* só seria publicado no final de 1933. O que importa, nesse caso, é evidenciar como a revista serviu para dar publicidade aos integrantes da roda de Maceió e, também, a outros aliados. Foram vários os colaboradores da revista, mas deve-se atentar para o fato de os principais nomes serem dos grupos reunidos em Maceió e Recife, local onde vicejou o movimento regionalista tradicionalista, que teve entre seus maiores artífices Gilberto Freyre. O escritor José Lins do Rego, em sua passagem por Recife, também aderiu ao ideário regional tradicionalista, e isso deve ser levado em conta porque, pouco depois, ele se juntaria aos intelectuais que se reuniam em Maceió. Conforme foi visto, é bastante provável que as ideias do movimento, iniciado na capital pernambucana, tenha tido alguma ressonância entre intelectuais de outras cidades da região Nordeste, sobretudo de Alagoas, Paraíba e Rio Grande Norte.

¹³⁵ Cavalcanti, Valdemar. O romance “*Caetés*”. **Boletim de Ariel. Mensário Crítico-Bibliográfico**, n. 3, dez. 1933, p. 73. Na página 81, do mesmo número, foi reproduzido um capítulo do livro e, ao final, alude-se ao fato de estar por ser lançado. Esse recurso foi fartamente utilizado como maneira de chamar a atenção dos leitores para as obras que estavam por ser publicadas.

O artigo de Valdemar Cavalcanti tem, do início ao fim, o mesmo tom, e não me parece exagerado dizer que seja laudatório. Por meio da análise dos trechos transcritos, vê-se que o crítico procurou mostrar os pontos fortes do romance. Valendo-se de certas expressões que não têm outra função do que apenas causar um efeito positivo, vai reforçando o que, para ele, caracterizaria e engrandeceria *Caetés*, isto é, sua capacidade de representar a realidade. Aos poucos vai construindo a imagem que pretendia fixar acerca de Graciliano Ramos, que se singularizaria entre os romancistas do país. Valendo-se de comparações, coloca o escritor alagoano ao lado do prestigiado Eça de Queiroz. Como tudo no romance é grande, para o crítico e companheiro de roda intelectual, até mesmo o que seria um ponto fraco, observado por ele em uma primeira leitura, realizada há três anos,¹³⁶ é apresentado como equívoco de julgamento, ressaltando, mais uma vez, as qualidades do livro e de seu autor.

A recepção de *Caetés* por amigos e companheiros de grupo não se encerrou no artigo de Valdemar Cavalcanti. Num texto mais extenso, em outro número do *Boletim de Ariel*, Aurélio Buarque de Holanda o analisou.

Relendo agora o *Caetés*, avivou-se a boa impressão que ele me deixara há três anos passados, quando o li no original. Trata-se realmente de um livro sério. O autor não tem nada daqueles escritores que Santo-Thyrso achava admiráveis porque sem nenhuma ideia, sem ter nada a dizer, conseguiam encher 300 páginas. Pelo contrário, a gente nota que ele faz grande economia de papel. Escreve quase como quem passa telegrama, pagando caro por cada palavra. O mundo de observações do romancista parece ficar angustiado nas 230 páginas do romance. O seu horror sagrado pelo verbalismo chega a torná-lo um tanto sem entusiasmos, sem essa vibração que arrasta o leitor para dentro da obra. [...]

O sr. Graciliano Ramos é um admirável técnico do romance. Nenhum dos nossos romancistas vivos o iguala neste ponto. Seu livro é admiravelmente bem construído, um livro em que nada se perde e a que nada falta. Tudo nele é muito justo, muito medido, muito calculado. Daí lhe virá, também, a frieza apontada, e mesmo uma certa monotonia. O tédio do perfeito. Camillo encontrou no Crime do Padre Amaro “admiráveis defeitos”. É de tais admiráveis defeitos que o *Caetés* necessitava para ser um grande romance. Rigorosamente ele é um bom romance. Poderia até chamá-lo de formidável se o comparasse com muito romancezinho ordinário que vem aparecendo de há uns tempos para cá com a fama de grande. Mas convém fazer uma reação contra essa crítica obtusa ou safada que desmoraliza cada vez mais os adjetivos. Os tais grandes romances são em geral medíocres ou pouco mais

¹³⁶ Para mim, a referência à leitura de *Caetés*, três anos antes do artigo publicado no *Boletim de Ariel*, é um índice da amizade e, sobretudo, da sociabilidade literária entre os membros da roda de Maceió, que não se limitava à recepção primeira de suas produções, mas, como tenho mostrado nesse capítulo, de encontrar meios de publicá-los, visando sempre editoras dos centros culturais São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente dessa última cidade, a partir dos anos 1930, por motivos que serão esclarecidos mais adiante, e de fazer a propaganda de autores e de suas respectivas obras a fim de mantê-los em lugares vantajosos, fator determinante para levar em frente suas carreiras.

que medíocres; *Caetés* é bom, como *Menino de Engenho*, *Os Corumbas* e poucos outros dos ultimamente aparecidos.

Que admirável fixador de tipos, o autor de *Caetés*! No meio de uma galeria bem vasta, sabe ele conduzir-se com rara segurança, dando sempre de cada personagem os traços próprios, característicos, fazendo-os realmente viver dentro da narrativa. [...] Dialogador excelente, o sr. Graciliano Ramos abusa, entretanto, do diálogo, fazendo-nos pensar às vezes que estamos a ler uma peça de teatro. [...]

Muito crítico verá certamente no sr. Graciliano Ramos um insensível, um homem de coração fechado aos aspectos dolorosos da vida. O seu estilo seco, a sua composição metódica, a ironia cortante, o travo de pessimismo, o amargo humor espalhados no *Caetés* – tudo isto, que concorre para dar a impressão de absoluta frieza, não impede, no entanto, que haja no livro páginas cheias de viva comoção. [...]

O domínio constante que a inteligência quer ter sobre a sensibilidade, no sr. Graciliano Ramos, é a causa da aridez de muitas páginas do seu romance. [...] Do princípio ao fim do volume a gente está vendo a inteligência que procura reprimir, como ridículas, todas as puras manifestações do sentimento. [...] O sr. Graciliano Ramos ainda tem muito do romancista que fica de cima, rindo superiormente das misérias de seus heróis. [...]

Sem nenhuma preocupação de tese, o sr. Graciliano Ramos, entretanto, parece justificar no seu romance o naturalismo de Rousseau. [...]

Como Machado de Assis, de quem se aproxima pela secura do estilo, o sr. Graciliano Ramos não é homem de exaltações panteístas. [...] Mas, dentro dessa concisão, talvez mesmo em consequência dela, o sr. Ramos é um paisagista seguro. [...]

A construção de certas frases, certos achados de expressão, mesmo certas palavras características do estilo de Eça de Queiroz, traem a influência deste escritor sobre o romancista de *Caetés*. Quando digo influência, deve-se ver que não acho imitação consciente. O que há são pontos de contato resultantes de longa infiltração, através de uma leitura apurada e contínua. [...]

Os defeitos apontados em *Caetés* – insignificantes na sua maioria – não chegam a obscurecer, antes põem em destaque, o que o romance tem de realmente belo. Com ele o sr. Graciliano Ramos pode, sem favor, formar na fileira dos melhores romancistas do Brasil. E dentro de poucos meses – anuncio-o com o maior prazer aos leitores do *Boletim* – a publicação de *São Bernardo*, que já conheço, revelará ao país um dos seus grandes, dos seus maiores romancistas de todos os tempos.¹³⁷

Há nesses trechos selecionados duas referências à amizade e sociabilidade literária entre Graciliano e Aurélio. Uma trata da leitura dos originais de *Caetés* três anos antes dele ser publicado e, a outra, alude ao segundo romance do escritor, *S. Bernardo*, que o crítico já conhecia e que era, na opinião dele, melhor do que aquele que o antecederia.

Diferente do que fez Valdemar Cavalcanti, Aurélio Buarque optou por discorrer sobre os erros e acertos do livro de estreia de Graciliano, colocando-o ao lado de outros bons romances publicados na época, inclusive o de seu companheiro de roda José Lins do Rego. Contudo, de maneira similar aquele, Aurélio não economizou nas

¹³⁷ Holanda, Aurélio Buarque de. “Caetés”. **Boletim de Ariel. Mensario Critico-Bibliographico**, Ano III, n. 5, fev. 1934, p. 127-129.

comparações com o propósito de valorizar as técnicas do romancista alagoano, e apesar de tratar também dos pontos fracos, o elogio aparecia fácil. Em ambos os casos as análises da obra, propriamente, são superficiais, fala-se dela sem, de fato, a discutirem. Finalmente, ao emitir seu juízo sobre o próximo romance de Graciliano Ramos, colocava-o entre os grandes da literatura brasileira. Dito de maneira diversa, ao tratar, pelo menos aparentemente, de maneira imparcial *Caetés*, Aurélio Buarque de Holanda aparece como alguém desinteressado e capaz de emitir um julgamento justo sobre *S. Bernardo*.

Ao avaliar o artigo dessa maneira, não quero colocar dúvidas sobre a integridade do crítico, tampouco sobre a qualidade de *Caetés*, que outros críticos avaliaram, apontando, assim como Aurélio, seus eventuais erros e acertos, minha intenção é outra: evidenciar como a maneira de construir o argumento, aparentemente isento de qualquer interesse, de fazer referências ao conhecimento anterior da obra e da convivência com seu autor, me faz pensar numa estratégia de promoção do companheiro de roda. E, nesse sentido, o fechamento do artigo é esclarecedor, já que enaltece um livro a ser publicado, aguçando o interesse dos leitores. Esse tipo de recepção foi bastante útil no momento em que Graciliano ainda não tinha tanta visibilidade, já que contava apenas com o reconhecimento em sua região e de alguns grupos no Rio de Janeiro, como o que frequentava a roda de Augusto Frederico Schmidt, bem como de Gastão Cruls e Agripino Grieco, seus primeiros editores, além de Prudente de Moraes Neto.

Apesar de mencionarem *S. Bernardo*, aqueles críticos, ou qualquer outro companheiro de roda de Graciliano, não escreveram sobre ele no *Boletim de Ariel*. Cumprida essa etapa que pretendia dar visibilidade ao escritor alagoano para além dos limites regionais, não havia mais a necessidade de semelhante prática. Outros críticos, e dentre eles um ou outro aliado de rodas intelectuais próximas, passaram a receber seus romances no momento em que iam sendo publicados no decorrer da década de 1930. No entanto, não se deve perder de vista que ao anunciarem o segundo romance de Graciliano Ramos, Valdemar Cavalcanti e Aurélio Buarque de Holanda o enalteceram, tratando-o como superior a *Caetés*. Dessa maneira, levando-se em conta isso, a avaliação dos críticos poderia não apenas ser capitalizada para o segundo romance do escritor, mas potencializada mesmo. Diante disso, arrisco-me a dizer que a recepção de *S. Bernardo* fora feita pelo grupo exatamente no momento em que *Caetés* era avaliado.

Outra coisa não negligenciável é o fato do segundo livro de Graciliano ter sido publicado pela Editora Ariel, cujos proprietários eram Gastão Cruls e Agripino Grieco, responsáveis pela revista *Boletim de Ariel*. Assim, tanto a divulgação do livro quanto a sua recepção foram entremeadas também pelos interesses dos críticos-editores enquanto empresários. Além da recepção feita pelos companheiros do escritor no momento em que avaliavam seu romance de estreia, *S. Bernardo* ganhou nas páginas da revista nota sobre sua publicação vindoura, capítulo e duas avaliações.

A recepção imediata, além daquela que fora feita implicitamente pelos companheiros de grupo, foi realizada por Aderbal Jurema, que o avaliou nos seguintes termos:

Li ainda em original o segundo romance de Graciliano Ramos. De *Caetés* para *São Bernardo* o romancista realizou uma admirável ascensão. [...] Embora não seja um romance de massa, porque a história que Graciliano Ramos teceu gira em torno de um fazendeiro, o livro é um documento honesto da vida de fazenda nordestina. [...] O que se destaca, acima das suas outras qualidades, no romancista de *São Bernardo*, é o poder muito forte que ele possui de descrever seus personagens em perfeita correspondência com o ambiente onde se desenvolve a história do romance. [...] Falta no romance o drama do trabalhador do eito. [...] Os diálogos são bem organizados e se estendem naturalmente, sem o escritor forçar os personagens. Eles falam por si, ausentes da censura direta do romancista.¹³⁸

Aderbal Jurema, assim como fizeram Valdemar Cavalcanti e Aurélio Buarque de Holanda, remete-se ao fato de ter lido o livro no original, e dele ser melhor que o anterior. Além disso, o tom de seu artigo, na medida em que faz com que os pontos fortes se sobressaíam aos fracos, assemelha-se aos argumentos dos companheiros de grupo de Graciliano. A alusão à leitura no original me faz inferir que ou ele era próximo do escritor alagoano e da roda intelectual frequentada por ele em Maceió, ou que o crítico circularia entre aqueles que faziam parte da roda literária dos também críticos e proprietários da Editora Ariel.

Em 1934, quando *S. Bernardo* foi publicado, Aderbal Jurema vivia na capital pernambucana e cursava Direito na Faculdade do Recife e, no ano anterior, havia fundado, junto de Odorico Tavares, a revista literária *Momento*. Assim, a suposição dele estar em contato com os intelectuais que viviam em Maceió ganha força, pois havia contato desse grupo com os pernambucanos, e mesmo trânsito intelectual –

¹³⁸ Jurema, Aderbal. “S. Bernardo”, de Graciliano Ramos. **Boletim de Ariel. Mensário Crítico-Bibliográfico**, Ano IV, n. 3, dez. 1934, p. 68.

cujo articulador era José Lins do Rego –, já que Recife, em termos da produção cultural, tinha ascendência sobre Maceió.

Essas coisas ratificam o funcionamento das alianças entre grupos regionais, o que acabava potencializando as estratégias de promoção deles. Ambos na periferia cultural, pelo menos em termos da consagração, o auxílio mútuo representava um elemento importante para ganhar visibilidade no centro e, talvez, permanecer no radar dos críticos das capitais culturais São Paulo e Rio de Janeiro. Esse tipo de expediente fica mais claro quando se atenta para os outros críticos que recepcionaram *Caetés* e *S. Bernardo* no *Boletim de Ariel*. Para além dos críticos mencionados, o livro de estreia de Graciliano foi recepcionado por Cavalcanti Freitas, provavelmente Antonio de Freitas Cavalcanti, que pertencia à uma tradicional família de políticos alagoanos com os quais, aliás, Graciliano manteve relações, evidenciadas pela mediação que fizeram para fazer do escritor candidato e prefeito de Palmeira dos Índios. O outro elemento externo ao grupo que recepcionou *Caetés* foi o baiano Edison Carneiro, vale lembrar, outro baiano, Jorge Amado, envolveu-se nas tratativas para publicar esse livro. Portanto, não é nenhum exagero imaginar que entre as rodas alagoana e baiana houvesse contato e, mesmo, uma aliança.

Essa hipótese ganha força quando se atina para o fato de Jorge Amado ter recepcionado *S. Bernardo*. Para além dos elogios ao romance e ao seu autor, chama a atenção em seu artigo a polêmica travada com Augusto Frederico Schmidt, que editara o primeiro livro de Graciliano, mas que, segundo o escritor baiano, recebera mal *S. Bernardo* não porque ele era ruim, mas pelo crítico estar informado por interesses não literários. Para provar sua tese, Amado transcreveu alguns depoimentos supostamente de outros escritores.

O sr. Augusto Frederico Schmidt num artigo no “Diário de Notícias” sobre o *S. Bernardo*, segundo romance de Graciliano Ramos, tratou o livro com evidente má vontade. O motivo dessa má vontade não sei. O que não quero acreditar é que em vez de má vontade fossem erros tolos de interpretação do livro do romancista alagoano. O sr. Augusto Frederico Schmidt após se rasgar em elogios aos romances aparecidos este ano trata dos dois últimos: *S. Bernardo* e *Vertigem*. Sobre este último não disse nada de interessante, podendo dizer muita coisa. Mas sobre o primeiro foi pior: tratou o livro que é, não pode restar a ninguém a mínima dúvida, um dos maiores romances surgidos por aqui, romance à altura de *Banguê* e *Os Corumbas* e melhor que qualquer outro, como o volume de um estreante a quem não é justo desanimar. Fiquei pensando nos motivos desta atitude e não os encontrei. Mas um rápido inquérito que fiz nos meios intelectuais colhi várias opiniões que para aqui transporto para que o público, principalmente o do interior, tenha ideia de quanta política, e mesquinha política, há na cidade das letras. [...]

Disse-me a primeira pessoa com quem conversei: - “O Schmidt é um velho inimigo do Graciliano. Inimigo gratuito. Já com o primeiro livro do Graciliano o Schmidt pintou o diabo. Prendeu o livro quatro anos na sua casa editora. O livro saiu quando estava velho e não agradava ao Graciliano. O poeta pretendia fazer o mesmo com o *S. Bernardo*. Matar o livro, envelhecendo-o nas suas gavetas. Mas o Graciliano não lhe deu o livro e o Schmidt pensou que o destruiria com aquele artigo. Foi esta a razão.”

Opinião de outro literato: - “O Schmidt queria afastar o livro de Graciliano da concorrência a um prêmio e sendo vaidoso em excesso pensou que com aquele artigo afastaria de vez Graciliano de certos cinco contos.”

Disse o terceiro literato: - “Foi por estes dois motivos e mais um terceiro. É que Octavio de Faria ainda não escrevera sobre o livro e o Schmidt tinha medo de elogiar sem saber se o Octavio elogiaria. Telefonou repetidas vezes para o Octavio, mas não o encontrou em casa. Então fez aquele artigo”.

Opinião de alguém que conhece muito o Schmidt: - “É que o Schmidt não leu o livro. É um velho costume dele. Escreve sobre os livros sem os ter lido. Assim fez um prefácio para o *País do Carnaval*, assim escreveu em *Literatura*, sob pseudônimo, um artigo sobre *Os Corumbas*, assim fez uma faixa para *Maleita*”.

Falou um romancista: - “É que o Schmidt anda triste e abatido”.

Passo estas informações ao público. Fica provado que o poeta Augusto Frederico Schmidt escreveu um artigo sobre *S. Bernardo* por motivos de política literária.

Eu sou dos que não acreditam que o artigo do sr. Augusto Frederico Schmidt possa sequer fazer o livro de Graciliano Ramos perder um único leitor. Mas, se trouxe estas coisinhas desagradáveis para aqui, é que fiquei, como muita gente revoltado com a má vontade do aludido artigo.

Revoltado porque o *S. Bernardo* é, realmente, um dos grandes romances do Brasil. Romance de alguém que é hoje o nosso maior romancista.¹³⁹

Esse excerto ilustra bem as tensões que envolviam as disputas por espaço, visibilidade e legitimação, que faziam com que escritores, críticos e editores se aproximassem ou distanciassem não apenas em virtude de seus próprios interesses, mas dos grupos aos quais estavam ligados, pelas alianças que haviam construído com outras rodas intelectuais, passando ainda por questões empresárias. Ao se indispor com Augusto Frederico Schmidt, deixando clara sua aliança com Graciliano Ramos e, provavelmente, com seu grupo, o escritor baiano explicitou as reservas que tinha em relação ao crítico, que teria escrito sobre seu livro, *País do Carnaval*, sem o ter lido, e, em certa medida, com Octavio de Faria, a quem ataca implicitamente.

Aliás, Graciliano Ramos e Jorge Amado de um lado, e Octavio de Faria, de outro, protagonizariam um debate acalorado na imprensa acerca das perspectivas diferentes que possuíam sobre o romance produzido no Brasil. Vale lembrar, os dois primeiros estavam associados ao romance social, enquanto o último, e também Schmidt, ao intimista. Perspectivas que não deixavam de dizer algo sobre as

¹³⁹ Amado, Jorge. “São Bernardo” e a Política Literária. **Boletim de Ariel. Mensario Critico-Bibliographico**, Ano IV, n. 5, fev. 1935, p. 143-135.

orientações políticas dos contendores, bem como das tensões ideológicas do período entre a esquerda e a direita.

E, obviamente, todas essas coisas evidenciam as disputas e alianças requeridas pelo funcionamento do campo. Jorge Amado estava fazendo a mesma coisa que Schmidt, política literária, e isso é flagrante em seu texto. No mesmo sentido foi a polêmica entre os escritores associados ao romance social e os escritores ligados à proposta intimista, tratava-se de marcar posição.

O terceiro romance de Graciliano, *Angústia*, teve um itinerário diferente. Além do escritor ser relativamente conhecido no Rio de Janeiro, já que seus outros dois romances foram publicados por editores dessa cidade, e tiveram boa recepção por parte da crítica, sua prisão, em 1936, sob a acusação de ser comunista, converteu-se em vantagem na medida em que, por um lado, ficou marcado como injustiçado pelo regime autoritário de Getúlio Vargas e, por outro, por ter se aproximado da esquerda, inclusive se filiando ao PCB quando o partido voltou à legalidade, em 1945, contou com seu apoio institucional, nada negligenciável, já que a esquerda ligada à sigla controlava algumas importantes instituições culturais.¹⁴⁰

No *Boletim de Ariel* saíram artigos avaliando *Angústia*. E aí outra diferença: dessa vez o livro não foi recepcionado por alguém que pertencia ao grupo, nem que fizesse parte da rede de solidariedade mais próxima do escritor. Recepcionaram *Angústia* e *Vidas Secas*, respectivamente, Lydia de Alencastro Graça e Lúcia Miguel Pereira. Isso, para mim, é indício de que Graciliano havia sido aceito e legitimado, assim, não necessitava mais dos expedientes que concorriam para lhe dar visibilidade.

No entanto, ele continuava recebendo o auxílio de seus companheiros de roda na esfera editorial. No momento em que redigia seu terceiro romance, Graciliano estava de volta à capital alagoana, e convivia com outros escritores que residiam na mesma cidade. Numa carta enviada à esposa, de 29 de março de 1935, trata da escrita de seu novo livro e da convivência com Rachel e Zéauto.

Escrevi umas seis ou oito folhas depois da sua saída, quase dois capítulos horrivelmente cacetes. Zéauto e Rachel, que me visitaram no domingo, acharam tudo muito bom, mas tenho a certeza de que a história cada vez mais está ficando indigesta.¹⁴¹

¹⁴⁰ O PCB esteve à frente da Associação Brasileira de Escritores em algumas gestões. O próprio Graciliano Ramos, filiado ao partido, foi presidente entre os anos de 1951 e 1952.

¹⁴¹ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 193.

Há outros registros no mesmo sentido, mas julgo ser mais proveitoso abordar a ocasião da mudança de José Lins do Rego para o Rio de Janeiro, pois ele ocupará uma posição homologa a que tivera Valdemar Cavalcanti quando Graciliano ainda buscava editor para seus dois primeiros romances. Em mais uma correspondência remetida à Heloísa, menciona a breve partida do amigo e companheiro de roda.

Ló: Apenas um bilhete, para aproveitar a visita do Panta, que segue para aí hoje. Como vai a saúde? Hoje é provável que meta a cara no capítulo 24, a história da companhia lírica, que será notável, presumo. Zélin embarcará para o Rio amanhã. Anda triste, por deixar Alagoas. Nenhum artigo novo do Sul, nem no *Boletim de Ariel*, que recebi ontem. Apenas os quatro ou cinco de que lhe falei. Creio que vou transcrever tudo no *Jornal*: um cabotinismo horrível. Abraços. Graciliano. 10 de abril de 1935.¹⁴²

A ida de José Lins para o Rio de Janeiro é particularmente importante porque lá se aproximaria de José Olympio – proprietário da Livraria José Olympio Editora, que se tornaria o principal e mais prestigiado editor de literatura brasileira –, participando ativamente da transferência de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos para a editora dele.¹⁴³ Para todos eles, essa mudança representaria um passo adiante nas suas carreiras. Claro que essa inflexão não ocorreu de maneira imediata, e dependeu da legitimação da Livraria José Olympio Editora como a casa do romance brasileiro e, também, do tipo de relação que tiveram com José Olympio.

A crítica literária caracteriza os anos 1930 como a década do romance social. Houve, nesse período, o recrudescimento pelos assuntos inerentes ao país e, como os autores nordestinos, que iniciavam suas carreiras de romancistas justamente nesse momento, flertaram com essa temática – tratando em suas obras, cada um à sua maneira e privilegiando aspectos distintos –, revelando aspectos do interior do país pouco ou nada conhecidos nos centros urbanos, tornaram-se os principais nomes do catálogo da Livraria José Olympio Editora, principalmente nessa década e em parte dos anos 1940, mas já sem a mesma força que caracterizou o decênio anterior.¹⁴⁴

¹⁴² RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 199.

¹⁴³ Para uma análise pormenorizada sobre a história da Livraria José Olympio Editora, consultar SORÁ, Gustavo. **Brasileiras**: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp, 2010. Agora, para um panorama completo sobre a história do livro no Brasil, consultar HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**: Sua História. São Paulo: Edusp, 2012.

¹⁴⁴ Sorá realizou um levantamento sistemático do catálogo da Livraria José Olympio Editora. Para maiores detalhes sobre o referido levantamento, consultar SORÁ, Gustavo. **Brasileiras**: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp, 2010.

Rachel de Queiroz conseguiu publicar seu primeiro livro, *O quinze*, valendo-se dos recursos de seu pai, que o editou junto à Gráfica Urânia. Seu segundo romance, *João Miguel*, saiu pela Livraria Schmidt Editora, e os dois próximos, *Caminho de Pedras* e *As Três Marias*, foram editados pela Livraria José Olympio Editora. José Lins do Rego iniciou-se como romancista na Adersen Editores, que publicou *Menino de Engenho*, em seguida editou *Doidinho* pela Editora Ariel. A partir daí, com exceção de *Fogo Morto*, editado pela Editora Martins, saíram pela Livraria José Olympio Editora *Banguê*, *Moleque Ricardo*, *Usina*, *Pureza*, *Pedra Bonita*, *Água Mãe* e *Eurídice*. Graciliano Ramos, conforme foi dito, teve seu primeiro romance, *Caetés*, editado pela Livraria Schmidt Editora, e *S. Bernardo* saiu pela Editora Ariel. Seus demais romances, *Angústia* e *Vidas Secas* foram editados pela Livraria José Olympio Editora.¹⁴⁵

Esses autores foram figuras importantes na editora, e vivenciaram momentos decisivos no caminho de sua consolidação num nicho específico, o romance brasileiro. O período de inflexão na vida da editora iniciou-se com sua transferência de São Paulo para o Rio de Janeiro, em 1934. Atentando apenas para os episódios que se relacionam aos autores da roda de Maceió, pouco tempo depois de José Lins do Rego passar a ser editado por José Olympio, foi criada a coleção Ciclo da cana-de-açúcar, que tinha como proposta unificar a edição do escritor, e é nesse momento que ele estreita relações com o editor, atuando como uma espécie de agenciador entre a Livraria José Olympio Editora e os seus companheiros de grupo.¹⁴⁶

O incremento da opressão varguista coincidiu com o período em que José Olympio se aproximou da elite política, garantindo, assim, a circulação dos autores considerados de esquerda que estavam sob sua tutela. Foi em torno desse momento que a livraria conheceu seu ponto alto como local de encontro dos intelectuais. Em 1939, Rachel de Queiroz, que já era editada por José Olympio, se estabeleceu no Rio de Janeiro e passou a integrar a roda de intelectuais da livraria, reencontrando antigos companheiros do grupo de Maceió. Finalmente, como dado importante, na segunda

¹⁴⁵ Os dados acerca da edição da produção romanesca de Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Graciliano Ramos foram tomados de SORÁ, Gustavo. **Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro**. São Paulo: Edusp, 2010. Deve-se atentar para o fato de eu ter me referido apenas aos livros publicados durante as décadas de 1930 e 1940. Ainda de acordo com a mesma fonte, Graciliano Ramos e José Lins do Rego tiveram, na segunda metade dos anos 1940, suas obras completas publicadas. Não foram contabilizadas as duas obras de memórias de Graciliano, *Infância* e *Memórias do cárcere*, ambas editadas por José Olympio.

¹⁴⁶ Em 1936, ocorreu a padronização estilística das edições com a utilização de desenhos e capas produzidas por Santa Rosa, que também frequentara a roda de Maceió (SORÁ, Gustavo. **Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro**. São Paulo: Edusp, 2010). Sorá também se refere à função de *broker* exercida por escritores que trabalharam para José Olympio.

metade da década de 1940, Graciliano Ramos e José Lins do Rego tiveram suas obras completas editadas.¹⁴⁷

É sob esse pano de fundo, como se depreende dessa breve retrospectiva, que Graciliano negociou seu terceiro romance com o editor José Olympio. E, assim como ocorrera das outras vezes, foi um companheiro de roda que intermediou o negócio. O escritor trata disso na correspondência enviada à Heloísa em 1935, quando ainda trabalhava na administração pública de Alagoas.

Na repartição encontrei, com um expediente enorme que encoivarei depressa, uma carta do Zélins. Recados para a Rachel, que ainda não voltou do Recife, e uma proposta do José Olympio, que se oferece para editar o Angústia, ainda não escrito. Edição de três mil exemplares. Acabo de escrever ao Zélins dizendo que o livro só estará terminado lá para o fim do ano, se estiver.¹⁴⁸

As negociações entre José Olympio e Graciliano não contaram apenas com a intermediação de José Lins do Rego. Jorge Amado, que já havia realizado semelhante função quando o escritor alagoano procurava editor para seu primeiro romance, voltou a atuar como elo entre autor e editor, mas dessa vez se tratava de algo mais formal devido ao tipo de relação que tinha com José Olympio, que não se baseava apenas na amizade, pois ele agia como representante da editora. Essas coisas podem ser observadas em trechos de cartas que Graciliano remeteu à sua esposa.

Continuo a emendar o romance, que o Zé Olympio quer publicar em janeiro. Mas ultimamente suspendi o trabalho: serviço da repartição e respostas a umas cartas do Zélins, do Jorge e do Benjamin Garay. Ainda não mandei o conto ao argentino. Mandá-lo-ei com o retrato, que ele pediu há meses para umas revistas de Buenos Aires. Endireitando o livro, vejo que não me será possível publicá-lo agora. Talvez até não o publique o ano vindouro. Não sei. Continuo a consertá-lo e projeto um novo romance. Talvez saiam dois ao mesmo tempo.¹⁴⁹

O Angústia vai indo. Estão emendadas duzentas e quatro páginas. Dentro de um mês estará concluído e datilografado. Recebi novas cartas do Zélins e do Jorge pedindo-o. Ainda não dei resposta, mas vou dizer que mandarei os originais quando o editor enviar os cobres. Não tenho confiança nos editores, uns ratos. Estou projetando outro conto para o argentino, mas isto não tem importância e será arrumado quando o romance estiver concluído.¹⁵⁰

¹⁴⁷ SORÁ, Gustavo. **Brasilianas**: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp, 2010, p. 441-443

¹⁴⁸ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 205-206.

¹⁴⁹ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 207.

¹⁵⁰ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 215.

Quanto a essas negociações, acredito que continuavam a ser orientadas pela solidariedade que existia entre os membros do grupo de Maceió, e com auxílio de intelectuais de rodas com quem tinham contato. Não obstante, não deve ser negligenciado o fato de José Lins e Jorge Amado também atuarem conforme os interesses de José Olympio, com quem procuravam ou já tinham estabelecido laços sólidos.

A última carta em que Graciliano dá notícias à esposa sobre as negociações para editar *Angústia* data do final de janeiro de 1936: “Zélins e o Jorge Amado têm insistido para que eu remeta logo os originais. Mas ainda não dei resposta às cartas deles. E só mandarei os originais quando o dinheiro vier.”¹⁵¹ Cerca de um mês depois seria preso sob a acusação de ser comunista. Enquanto transitava de prisão em prisão, seu livro finalmente foi editado pela Livraria José Olympio Editora.

Dessa vez, a recepção imediata não foi realizada por um companheiro de grupo, como ocorrera quando da publicação de *Caetés*. Graciliano já era estimado, e a repercussão de sua prisão jogou ainda mais luz sobre ele. Daí em diante, tratava-se de um escritor reconhecido pelos pares e prestigiado pela crítica. Por conta disso, acredito que não seja nenhum exagero supor que a relação dele com a Livraria José Olympio Editora ter sido baralhada. Se antes o prestígio da editora, bem como a possibilidade de auferir retornos financeiros maiores, teria o motivado a negociar com ela seu romance *Angústia*, agora, reconhecido pelos pares e prestes a ser definitivamente consagrado, o que ocorreria com a publicação de *Vidas Secas*, cerca de dois anos depois, e ainda que não tivesse consciência, foi capaz de transferir à editora parte do reconhecimento simbólico que conquistara.

Uma análise apressada poderia sugerir que o escritor alagoano teve uma ascensão extraordinária, já que pouco tempo depois de publicar seu primeiro romance conheceu a consagração. Não obstante, várias foram as constrições que teve de superar. Na esfera pessoal, as finanças volta e meia o deixavam numa situação difícil, e várias foram as vezes que teve de morar longe da esposa e filhos, quando não morar com um ou outro filho para amenizar a escassez material, remediada pelos trabalhos de tradutor que realizava na Livraria José Olympio Editora e pelos trabalhos que escrevia sob encomenda. Outro fator não negligenciável era a sua idade relativamente avançada quando comparada a idade com que estrearam seus outros companheiros

¹⁵¹ RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 218.

de roda, todos aproximadamente entre os 20 e 30 anos, quando ele já estava por volta dos 40.

Talvez seja exatamente por isso e, também, por ter experimentado o fracasso ainda jovem, que Graciliano tenha sido obstinado na segunda vez que investiu em seu projeto literário. Aproximou-se da elite política de Alagoas, por meio da qual conseguiu empregos na administração pública local, migrou para Maceió, onde pôde frequentar uma roda intelectual, estabelecendo laços de amizade e sociabilidade literária firmes com seus integrantes, que o auxiliaram tanto na obtenção de editores quanto na recepção primeira de seus livros, garantindo, assim, num caso e no outro, sua circulação pela capital cultural, desde que tomada como o lugar onde as reputações eram construídas. Se assim fez, foi porque provavelmente sua experiência anterior tenha lhe mostrado que seria necessário cumprir as exigências impostas pelo funcionamento do campo literário que há algum tempo vinha se estruturando, diferenciando, portanto, o papel de cada agente – escritores, editores e críticos –, que em outros momentos atuaram em mais de uma frente.

3 A chancela dos críticos

No momento em que Graciliano Ramos iniciou propriamente sua carreira como romancista, com a publicação de *Caetés*, em 1933, a crítica literária era feita sobretudo em jornais e revistas. Era a época em que predominavam os críticos de rodapé, cujo lugar de exercício eram os jornais. Tratava-se de uma atividade não especializada, geralmente realizada por bacharéis em Direito, que comunicavam aos leitores o lançamento dos livros, além de darem a impressão que eles haviam lhe causado. Nessa modalidade de escrita não faltavam elementos subjetivos e traços do jornalismo, portanto, critérios não literários.¹⁵²

Discutirei, agora, a recepção que a obra de Graciliano teve por parte da crítica literária, pois sem dúvida ela cumpriu um papel decisivo em seu processo de consagração. Todavia, conforme foi demonstrado ao longo deste trabalho, não foram apenas os fatores literários – e sem exageros pode-se falar mesmo que em vários casos tampouco foram determinantes – que concorreram para alçarem os escritores a posições centrais no campo, bem como darem a eles recompensas simbólicas, cujo ponto mais alto pode ser resumido na inscrição de seus nomes no cânone literário.

A crítica literária, assim como o conjunto da produção cultural produzida no período, foi afetada por elementos não literários, dito de outra maneira, não passou ilesa às tensões e disputas sociopolíticas que marcaram a sociedade brasileira na primeira metade do século XX. Ela refletiu, em maior ou menor grau, as agitações causadas pelo advento da primeira e segunda grandes guerras, o conflito interno pelo poder, que colocou em lados opostos a velha oligarquia rural e a coalizão liderada por Getúlio Vargas, resultando na Revolução de 1930, e na ascensão de seu líder ao governo central, as clivagens entre a direita e a esquerda, bem como os movimentos originados a partir disso, que, inclusive, contribuíram para dividir os intelectuais.

Tendo isso em vista, com o propósito de oferecer um panorama relativamente amplo da recepção obtida por Graciliano Ramos, e de dar inteligibilidade à ingerência de fatores externos à literatura no julgamento dos críticos, quando for o caso, foram selecionados os seguintes críticos: Agripino Grieco, Sérgio Milliet, Álvaro Lins e Antonio Candido. Em comum, o fato de todos terem sido críticos de rodapé e, principalmente, de serem emissores de juízos que orientaram a leitura dos livros de

¹⁵² SÜSSEKIND, Flora. **Papéis colados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

Graciliano Ramos. Desse ponto de vista, Agripino Grieco talvez tenha sido mais determinante, pois sua recepção foi imediata, notadamente em *O Jornal*. Os demais, por terem escrito sobretudo na década de 1940 – Sérgio Milliet e Antonio Candido no *Diário de S. Paulo*, e Álvaro Lins, no *Correio da Manhã*, importantes jornais da época –, fizeram suas críticas com certo distanciamento e, no caso dos dois últimos, tomando as obras em seu conjunto.¹⁵³ Quanto à escolha de Antonio Candido, a despeito de ter atuado também na imprensa, ela pode ser pensada pelo fato da recepção dele ter sido realizada com base em critérios científicos. Em outros termos, foi o crítico literário e professor universitário quem teria levado Graciliano ao panteão dos escritores brasileiros no âmbito acadêmico, fornecendo-lhe credências incontestáveis. Creio que a recepção feita por ele possa ser tomada como o fim de um processo cumprido pelo escritor alagoano no caminho da consagração, tributária de fatores literários e não literários.¹⁵⁴

¹⁵³ Para essa pesquisa recolhi na Hemeroteca da Biblioteca Nacional as críticas escritas por Agripino Grieco, quanto aos demais, consultei o material recolhido em livros que reuniram a obra deles, seja ele apenas acerca de Graciliano Ramos, como é o caso de Antonio Candido, ou de boa parte daquilo que saía na imprensa sobre assuntos variados, no qual se enquadram Sérgio Milliet e Álvaro Lins. Em todos os casos as referências serão indicadas oportunamente.

¹⁵⁴ Duas coisas precisam ser acrescentadas à discussão do processo de consagração de Graciliano Ramos. A primeira refere-se à uma impressão que precisa ser melhor explorada, trata-se da disseminação da obra de Graciliano por todas as regiões do país, que oscilava para mais ou para menos de acordo com o número e alcance dos jornais impressos em cada lugar. Enquanto pesquisava no Acervo Graciliano Ramos, no Instituto de Estudos Brasileiros-USP, deparei-me com uma quantidade enorme de recortes de jornais de todas as regiões do país, e talvez não seja exagerado dizer que da maioria dos estados. Isso provavelmente esteja vinculado à política comercial levada adiante pela Livraria José Olympio Editora no sentido de impulsionar as vendas dos livros de seu catálogo, e particularmente de Graciliano Ramos, e ao alcance que teve as notícias veiculadas pelos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, já que nas páginas dos recortes de jornais encontrados no referido acervo via-se que a fonte das notícias era geralmente os *Diários*. A segunda diz respeito à imagem de Graciliano como intelectual da esquerda, que a consulta ao mesmo acervo, bem como as biografias do escritor tendem a reforçar. Após sua prisão por se supor que ele era comunista, e a partir de seus posicionamentos políticos após a implementação, por Getúlio Vargas, do Estado Novo (1937-1945), a correlação entre comunismo e Graciliano parece ser quase que automática, no entanto, seria leviano afirmar isso sem uma pesquisa mais detalhada da imprensa de esquerda, principalmente a partir da filiação do escritor alagoano ao PCB, ocorrida quando o partido voltou à legalidade, em 1945 e, ainda, da forma como sua imagem foi veiculada por essa imprensa, pois, ao que parece, com base na leitura dos recortes de jornal encontrados no acervo do escritor, sua imagem foi fortemente ligada ao partido, inclusive servindo como uma espécie de porta-voz dele, provavelmente porque o escritor havia adquirido grande reputação e prestígio. Deve-se lembrar que, no início dos anos 1950, Graciliano fez parte de uma delegação que visitou países que faziam parte da extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, bem como que esteve à frente, por duas gestões, da Associação Brasileira de Escritores, à época controlada pelos comunistas, que prevaleceram, também, em algumas frentes da produção cultural, situações que acabam concorrendo para reforçar a correlação quase que simbiótica que se faz entre o comunismo e Graciliano Ramos. Nesse sentido é que talvez se possa falar de um benefício que tenha servido ao escritor e ao PCB naquele momento, já que ambos deram e foram recompensados pela imagem que se faziam deles.

A recepção primeira de Graciliano Ramos foi feita por Aurélio Buarque de Holanda e Valdemar Cavalcanti, ambos companheiros de roda intelectual do escritor. Conforme foi visto, para além de tratarem do livro, o tipo de recepção que fizeram serviu para tornar o nome de Graciliano conhecido nos meios literários do centro da produção e consagração, localizado no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo em que os referidos críticos se manifestaram sobre *Caetés*, Agripino Grieco¹⁵⁵ escreveu sobre ele em *O Jornal*.

O crítico era proprietário e redator-chefe do *Boletim de Ariel*, além de dono da Editora Ariel, responsável pela edição de *S. Bernardo*. Apenas com isso, vê-se que não se tratava de um especialista, já que as atividades de editor e crítico eram exercidas concomitantemente.

A crítica praticada por Grieco é representativa da época: o tom jornalístico prevalecia, as análises eram superficiais e diziam mais sobre as impressões que as obras haviam deixado nele do que pelo seu valor estritamente literário, primava-se o ecletismo estético, a sátira, o uso desmedido da linguagem e de imagens, as analogias também foram vastamente utilizadas. Além disso, os textos dele traziam informações biográficas, por meio das quais situava o autor com o propósito de encontrar alguma homologia entre a sua personalidade e a obra.¹⁵⁶

Seus comentários sobre o livro de estreia de Graciliano Ramos mostram isso. Logo de saída o crítico alude ao fato de já conhecer o autor de *Caetés*, bem como outros companheiros da roda intelectual dele. Essa referência não deve ser vista de maneira fortuita, pois não era apenas da ação estratégica do grupo que dependia os escritores para se colocarem nas disputas por visibilidade e permanência no campo, mas também de alianças regionais e inter-regionais. Dessa maneira, a menção ao conhecimento pregresso de Graciliano e do grupo do qual fazia parte joga luz sobre esse tipo de relação que poderia ser mobilizada vantajosamente por ambos os lados.

Voltando ao teor da crítica de Grieco, ele a inicia nos seguintes termos:

Da minha parte, não tenho prazer algum em registrar mau tempo nas letras. Sinto-me, ao contrário, alegríssimo quando há a perspectiva de belos dias, quando há mesmo a certeza de um belo dia a desfrutar de pronto.

¹⁵⁵ Agripino Grieco nasceu em 1888, na Paraíba do Sul, Rio de Janeiro. Descendente de italianos, fez seus primeiros estudos na cidade em que nascera e, em 1906, migrou para o Rio de Janeiro. Nessa cidade trabalhou no funcionalismo público e como jornalista, mas destacou-se na crítica literária devido ao seu tom satírico e panfletário (COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. **Enciclopédia de literatura brasileira**. São Paulo: Global Editora, 2001. 2 v, p. 801).

¹⁵⁶ LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o Modernismo**. São Paulo: Editora 34, 2000.

É o caso deste admirável romance do sr. Graciliano Ramos, intitulado “Caetés”.

Conheci o autor em Maceió. Passava eu por lá, em direção a Recife, quando José Lins do Rego, Valdemar Cavalcanti, Aloysio Branco e o sr. Graciliano me foram buscar a bordo [...]. Mas uma das coisas que vi com mais gosto foi o romancista dos “Caetés”, alto, magro, pouco palrador, sem nenhum talento no sorriso, com um jeito de revisor suplente de jornal aqui no Rio, dos que recebem sempre em atraso. Indo para a terra ou voltando para bordo [...], quase não lhe ouvi dez palavras.

Leio-lhe agora o volume de estreia e verifico que tal romance é bem de tal homem. Nada de gastar saliva inutilmente. Nada de consumir papel quando não seja para dizer qualquer coisa realmente proveitosa ao gosto ou à sensibilidade dos demais.

[...] E que civilizada finura manteve em lugares como Palmeira dos Índios, onde o seu livro decorre e onde, se não estou equivocado, foi prefeito, por sinal prefeito pouco panglossiano quanto aos frutos da própria administração, aludindo com um desdém, meio swiftiano à sua municipalidade e respectivos munícipes.

Hoje é diretor da instrução de Alagoas, mas, ao contrário daquele oficial superior da instrução do Eça que perguntava se na Inglaterra havia literatura, sabe que existem literatura inglesa, francesa, portuguesa e mesmo brasileira. “Caetés” é um belíssimo trabalho, dos que mais me têm deliciado nestes Brasis, em qualquer tempo. Esse homem sequíssimo entrou logo para o número da “minha gente”, na minha biblioteca. Romance bem pensado, bem sentido, bem escrito e com o mínimo de romance possível.¹⁵⁷

Esse trecho oferece uma amostra significativa do tipo de crítica realizada por Agripino Grieco. Seu argumento é construído por meio de analogias e comparações, sejam com outras obras literárias, sejam com seus autores, assim, acaba afastando-se do que deveria ser seu objeto principal, o livro. Outra coisa característica é a utilização de jogos de palavras e imagens, bem como digressões acerca da biografia de Graciliano, que utiliza inclusive para tratar do livro, como se houvesse correspondência entre ambos, expedientes que, uma vez mais, deixam o exame da obra em segundo plano. Se extrai facilmente da leitura do excerto a tentativa, por parte do crítico, em estabelecer relações entre os traços da personalidade do escritor e a sua obra.

A recepção é bastante favorável, o elogio é gratuito, já que não há análise do romance. Dessa maneira, não surpreende que coloque Graciliano como um de seus autores preferidos apesar dele ter, naquele momento, apenas um livro publicado. Deve-se notar que os comentários do crítico e, conseqüentemente, seu julgamento ficam sempre em torno da impressão que o escritor e o seu livro causaram nele, inclusive o tom do texto é indicativo disso, pois o trata de modo ameno, ainda que logo na primeira linha tenha indicado, implicitamente, que sua reputação era de um crítico

¹⁵⁷ Grieco, Agripino. “Corja”, Sinhá Dona” e “Caetés”. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1934.

mordaz. O efeito disso: engrandecimento do autor e da obra. Recepcionado favoravelmente por um crítico temido por conta da forma insidiosa com que geralmente tratava suas vítimas, principalmente pelo poder que tinha de abrir ou fechar as portas para os escritores estreantes, Graciliano conseguiu dar mais alguns passos no caminho da permanência em lugares vantajosos do campo, notadamente no local onde as reputações eram construídas.

Mais do que isso, a sociabilidade com o próprio escritor, e com seus companheiros de roda intelectual – e essas coisas ficam nítidas tanto pela forma como Grieco vai mobilizando os dados biográficos de Graciliano, como se o conhecesse bem e, caso se atente ao fato de Valdemar Cavalcanti, José Lins do Rego e Aurélio Buarque de Holanda e, mais tarde, Graciliano escreverem para o *Boletim de Ariel*, do qual o crítico era um dos donos e diretor-chefe – permite-me afirmar que se tratava de um tipo de solidariedade entre grupos, já que esses escritores haviam estreitado relações e contavam com o apoio de um crítico reconhecido, que ocupava posição central no campo.

Significativo acerca da recepção feita por Grieco é o teor de uma carta trocada entre Graciliano e Rômulo, secretário de Schmidt, quando negociavam a edição de *Caetés*. No trecho selecionado dessa correspondência, que já foi mencionada anteriormente, há evidências das intrincadas relações entre editores, críticos e escritores nos jogos por visibilidade nos lugares vantajosos do ponto de vista do reconhecimento.

Meu caro Graciliano.

Hoje lhe mandei, registrada, uma prova em 2 volumes da simpatia do Tristão de Athayde. [...]

Quanto à sua obra, já não lhe direi mais nada além disso. V. conta com os dois maiores críticos do Brasil, Tristão e Agripino; V. obterá um êxito formidável. [...]

Rômulo de Almeida.

Sr. Graciliano Ramos.

Pedi licença ao meu amigo e companheiro de trabalho Rômulo para reforçar o pedido dele Rômulo, para que fique a Livraria aqui depositária do seu romance *Caetés*.

Estou absolutamente certo do sucesso do seu livro, me autorizando a pensar assim o capítulo que mandou ao (trecho ilegível). A edição deve ser grande. Quem sabe se o sr. não logrará o êxito, de “A Bagaceira”, por exemplo.

Saudações

A. F. Schmidt.¹⁵⁸

Rômulo refere-se ao fato de Graciliano já contar com o apoio de dois importantes críticos em atividade na década de 1930: Tristão de Athayde e Agripino Grieco. Tristão fazia parte dos círculos católicos, assim como Augusto Frederico Schmidt, editor do livro de estreia de Graciliano, ou seja, ele já contava com a acolhida de uma das rodas intelectuais da capital, fator novo e importante em sua tentativa de se firmar como escritor. Isso ganha contornos nítidos ao se retomar a primeira investida de Graciliano para se tornar literato, em meados dos anos 1910. Sem qualquer figura que o recepcionasse, teve frustrada suas expectativas, cujo ato final foi seu retorno para Alagoas. Claro que naquele momento suas moedas eram de menor valor, tratavam-se de artigos e crônicas, mesmo assim poderia ter tido melhor sorte caso contasse com um cabedal de relações sociais que pudesse mobilizar em benefício próprio, o que aliás tentou, mas aqueles com quem contava não podiam, naquele momento, arranjar-lhe nada mais que colocações modestas em jornais da capital, e, também, indicações para publicar em revistas e jornais de menor visibilidade.

A recepção de *S. Bernardo* segue, em linhas gerais, o mesmo itinerário. Agripino Grieco lança mão dos mesmos recursos do artigo em que analisara o primeiro romance de Graciliano. Se naquela oportunidade não transcrevera partes do livro, dessa vez valeu-se fartamente disso, citando dois longos trechos. Mais uma vez tratou de uma suposta homologia entre a obra e a personalidade de seu autor, extraíndo disso as impressões que o livro deixara nele. Para além disso, vale-se, como no outro texto, de analogias e comparações, enquanto o livro é apresentado superficialmente. Um exemplo basta para se ter ideia do tratamento dispensado pelo crítico ao segundo livro do escritor alagoano.

Mas leia-se o romance sem apriorismo, admita-se a maneira do autor, sem rebeldia em aceitá-lo tal qual é, e reconhecer-se-á que ele, mau grado essa presença constante em tudo o que escreve, é um notável romancista. Até o uso dos rifões e frases feitas sertanejas prova que não há no sr. Graciliano Ramos nenhuma arrogância de esteta, nenhum orgulho de artista que observe tudo refrangido numa estante de livros. Achei nele um dos maiores amigos do meu espírito, dentre os que fiz ultimamente, e este “S. Bernardo” não deixa de robustecer a admiração com que recebi os “Caetés”. [...]

¹⁵⁸ Arquivo IEB-USP, Fundo Graciliano Ramos, Coleção Correspondência Passiva, código do documento GR-CP-058.

Reticente por vezes, não se abandonando de todo ao leitor, o sr. Graciliano Ramos, primeiro crítico dos seus heróis, como que já selecionou a vida inteligentemente em seu livro e facilita o trabalho dos críticos profissionais.¹⁵⁹

Após uma e outra ressalva ao longo do artigo, por meio das quais expunha aquilo que no romance poderia ser um problema, abrandava-as elogiando seu autor. A modalidade de crítica praticada por Grieco transmite a ideia de que mais do que a obra, o que estaria propriamente em jogo são suas afeições, suas preferências, pois não são poucas as vezes que se remete à afinidade entre a sua personalidade e a do autor. Antes de qualquer coisa, o crítico impressionista fazia um juízo, asseverando o que valia a pena ou não de ser lido. E, na medida em que se colocava na condição de árbitro, fazia do escritor alagoano alguém que deveria ser respeitado, colocava-o entre os grandes literatos nacionais justamente porque ele havia passado por seu crivo.

E Graciliano, para além do que escrevera, sem dúvida importante para a avaliação da crítica literária – do contrário não receberia a chancela de tantos críticos, inscrevendo-se no campo –, encontrou acolhida por parte de Grieco por haver entre eles uma espécie de compatibilidade de gênios, e isso passava, insisto, pelas alianças locais, regionais e mesmo inter-regionais, como essa se afigura, necessárias para aqueles que investiam nas esferas culturais, e particularmente na literatura, caso quisessem ser recompensados em suas carreiras.

Além de alguns companheiros de roda de Graciliano escreverem para o *Boletim de Ariel*, S. Bernardo fora publicado pela editora de Agripino Grieco e Gastão Cruls, a Editora Ariel. Ora, era no mínimo razoável, ainda que se tentasse ter algum grau de independência, recepcionar o livro bem. Deve ser por isso, inclusive, que o tom do artigo que trata do segundo romance do escritor é menos laudatório, apontado aqui e ali algumas falhas, ainda que em seguida seja feito um abrandamento, e mesmo o elogio, conforme o trecho transcrito. Pode-se falar, portanto, de interesses que não dizem respeito apenas à qualidade do livro, mas também à sua comercialização, fator não literário que de certo modo pode influenciar a recepção quando feita por alguém imediatamente interessado no sucesso comercial do romance, como é o caso de Grieco em relação a S. Bernardo.

¹⁵⁹ Grieco, Agripino. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1934.

Sérgio Milliet,¹⁶⁰ um dos principais críticos paulistas, sobretudo na década de 1940, também dedicou um espaço de sua atividade à obra de Graciliano Ramos. Não obstante, sua atenção se voltou principalmente aos contos e às memórias do escritor.¹⁶¹

Em dezembro de 1948, num texto que suscita, no mínimo, duas interpretações, Milliet trata do seu quase silêncio sobre Graciliano, denotando admiração e respeito, que podem ser tomados como uma recepção favorável, e também dos motivos pelos quais não escrevera sobre certos autores, e em particular o escritor alagoano. Nesse caso, talvez, Milliet esteja falando de si, ou melhor, do ato de escrever, demanda sua, portanto, que se relaciona à atividade de crítico.

Nunca escrevi sobre o “Ateneu” e é a meu ver o melhor livro da literatura brasileira. À exceção de pequenas notas ocasionais nunca escrevi sobre Graciliano Ramos e entre os romancistas vivos do Brasil é o que me comove mais profundamente. É o que eu mais admiro. No entanto, silêncio. Dir-se-ia uma espécie de pudor. E o medo das injunções da objetividade... Embora me esforce por não fazer jamais de meu comentário um julgamento, nele, sub-repticiamente, se imiscuem os juízos. E quando menos espero, estou tomado pelo desejo de imparcialidade, estou talvez magoando, sem motivo, a quem menos desejo magoar.¹⁶²

Antes de se ocupar do livro de memórias *Infância*, o crítico discorre sobre a questão da arte pura. Segundo ele,

A obra de arte pura perdeu qualquer sentido em nossa existência “civilizada” e chegamos mesmo ao extremo triste de nos envergonharmos de quaisquer tendências esteticistas. Entretanto... entretanto a todo instante verificamos que a arte verdadeira, mesmo quando desejosa de se conformar com a moda do dia, supera o naturalismo e alcança a transcendência tão vilipendiada. O artista, digno do epíteto, ainda que se proponha reproduzir fielmente a realidade, vai além e a penetra e despe-a de sua exterioridade para colocar à nossa frente uma verdade essencial, atingida de chofre, com a mesma imediatez do primitivo, com a mesma simplicidade e pureza da criança.

¹⁶⁰ Nasceu em São Paulo, em 1898. De ascendência francesa, estudou inicialmente onde nascera, depois em Genebra e Berna, na Suíça. De volta ao Brasil, participou da Semana de Arte Moderna de 1922 e, em nova passagem pela Europa, residiu na Bélgica e na França, onde ajudou na divulgação da literatura brasileira. Voltou a São Paulo em 1926, assumiu cargos públicos – como, por exemplo, a direção do Departamento de Cultura da Prefeitura e da Biblioteca Municipal de São Paulo – trabalhando, também, como jornalista. Atuou, ainda, em várias atividades culturais, destacando-se na crítica (COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. **Enciclopédia de literatura brasileira**. São Paulo: Global Editora, 2001. 2 v, p. 1071).

¹⁶¹ O crítico chega a sugerir que Graciliano é um grande contista, colocando lado a lado seus contos e romances (MILLIET, Sérgio. **Diário crítico de Sérgio Milliet**. São Paulo: Martins, 1981, (VIII), p. 278-282).

¹⁶² MILLIET, Sérgio. **Diário crítico de Sérgio Milliet**. São Paulo: Martins, 1981, (VI), p. 248.

Não sei por que, toda essa metafísica se desenvolve em mim após a leitura de duas obras recentes, muito semelhantes em suas qualidades mas totalmente diferentes no assunto, na intenção, na importância e mesmo no “fôlego” dos escritores. Trata-se de “Infância” de Graciliano Ramos [...] e “João”, de Amadeu de Queiroz [...].¹⁶³

Como se depreende da leitura do excerto, trata-se de uma discussão acerca do fazer artístico, mais exatamente da possibilidade de realização de uma arte pura. Dessa maneira, coloca-se, mais uma vez, a questão da qual me ocupei anteriormente: se a intenção primeira do crítico era tratar daquilo que Graciliano escrevera, ou se o tomou para elucidar a discussão precedente. Seja qual for a motivação principal de Milliet, o importante é que ele teceu comentários sobre *Infância*, dos quais se pode extrair, dentre outras coisas, a maneira como recepcionou o escritor.

“Infância”, embora publicado na coleção de “memórias, diários e confissões” não se classifica, adequadamente, em nenhuma dessas categorias. Não tem a preocupação cronológica das memórias, nem revela qualquer intenção de reconstituir um período de vida, como subsídio para os futuros biógrafos, nem sequer põe em relevo fatos que elucidem bastante a formação intelectual e psicológica do autor. É antes uma seleção de páginas literárias que se situam entre a cônica e o conto e se apoiam em vagas reminiscências da infância. Reminiscências vagas demais e insuficientemente marcadas na bruma do passado para que se tenha uma ideia exata de seu valor como fonte de inspiração ou como fator constituinte do caráter do homem feito. Entretanto por vezes é o contrário que se observa: a precisão da lembrança, o luxo de pormenores, a nitidez do desenho, a própria interpretação da cena rememorada sugere uma intervenção excessiva do adulto, um artifício literário deturpador da realidade.

Nada disso importa do ponto de vista da realização artística. Esta é alcançada amiúde, num ou outro período, mais raramente em um capítulo inteiro. Mas como podemos percebê-la e assisti-la? Pela imediatez da penetração do escritor em certas “interioridades” essenciais e pelo deslumbramento que sentimos ao depará-la. Então Graciliano Ramos transcende o pessoal e o particular e chega ao universal, através desse equilíbrio perfeito de seu estilo, cuja característica mais sensível é a limpeza, é a simplicidade, é a elegância sem pose nem maneirismos, nem mesmo vaidades intelectualizantes. Então temos algo tão elevado e tão profundo quanto certos trechos de Raul Pompeia ou daquele admirável “Grand Mauntes”, de Alain Fournier.¹⁶⁴

O tom do texto de Sérgio Milliet é diverso daquele que se observa em Grieco. Menos empolado, os recursos meramente retóricos não ficam tão evidentes quanto naquele crítico. A análise da obra também é menos superficial, pois, como foi dito, Grieco a todo tempo utilizava-se de comparações, analogias e digressões que o desviavam do seu objeto. Não que esses elementos não sejam mobilizados pelo

¹⁶³ MILLIET, Sérgio. **Diário crítico de Sérgio Milliet**. São Paulo: Martins, 1981, (IV), p. 201.

¹⁶⁴ MILLIET, Sérgio. **Diário crítico de Sérgio Milliet**. São Paulo: Martins, 1981, (IV), p. 201-202.

crítico paulista, no entanto, não predominam no texto, ficando em primeiro plano as discussões que dizem respeito à criação artística, e mesmo à obra. Assim, tornam-se mais sutis as homologias que eventualmente possam ser verificadas entre autor e obra. A atenção do crítico, quando comparado a Grieco, recai sobre o ponto de vista estético, o que talvez reflita a inflexão da crítica, e mesmo da literatura, a partir da segunda metade da década de 1940, quando as discussões pendem para a esfera estética, numa espécie de contraponto ao predomínio da ingerência de cunho ideológico observado desde o início dos anos 1930, que beneficiou os escritores de alguma maneira associados à essa perspectiva, como foi o caso dos romancistas nordestinos, particularmente os do grupo de Maceió.¹⁶⁵

Voltando à recepção de *Infância*, Milliet não economiza no elogio, e o faz pautado mais em critérios propriamente literários do que com vistas a fatores não literários, conforme se verifica em Agripino Grieco, que valorizava bastante a personalidade do criador, ou então a impressão que a obra lhe causara. Para o crítico paulista, a figura do escritor, ou sua personalidade, para ficar no mesmo registro, não era imprescindível para sua avaliação, enquanto que para Grieco – talvez mais afeito ao academicismo, impressionismo, jornalismo, enfim, por ter incorporado apenas superficialmente os princípios da Semana de 1922 – isso ficasse mais evidente e repercutisse em seus julgamentos e mesmo nos seus textos.¹⁶⁶ No caso de Sérgio Milliet, devido às suas experiências – ou mais exatamente, sua passagem pela Europa, onde fez seus estudos de nível superior, aproximou-se de movimentos vanguardistas e atuou na divulgação da literatura brasileira e, claro, seu envolvimento com os modernistas brasileiros da primeira geração –, talvez estivesse mais afastado

¹⁶⁵ Tomei como referência as discussões empreendidas por Lafetá e Bolle. Enquanto aquele asseverava ter havido um deslocamento do projeto estético, predominante nos anos 1920, para o projeto ideológico, nos anos 1930, essa argumentava ter ocorrido uma união entre ambos os projetos durante o decênio de 1930 e uma ruptura, que provocava, segundo as filiações de cada um, uma guinada à ideologia político-social ou ao espiritualismo no decorrer dos anos 1940. Para uma discussão esclarecedora acerca da crítica produzida entre as décadas de 1930 e 1940 consultar, respectivamente, LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o Modernismo**. São Paulo: Editora 34, 2000, e BOLLE, Adélia Bezerra de Meneses. **A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica**. Petrópolis: Vozes, 1979.

¹⁶⁶ Conforme sugestão de Lafetá, na medida em que Agripino Grieco investia contra os escritores pré-modernistas, ajudava indiretamente os autores da segunda geração do Modernismo. Essa ajuda indireta seria o resultado de uma desmoralização apenas, que não atingia de fato aqueles, já que não havia propriamente uma oposição. Agripino mirava tão somente a mediocridade, não os princípios norteadores de tal estética, a qual estava ligado (LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o Modernismo**. São Paulo: Editora 34, 2000).

da perspectiva pré-moderna, ainda que o fato de escrever em jornais tenha influenciado em suas abordagens.¹⁶⁷

O excerto que foi transcrito, diferente do que ocorrera no caso dos textos de Grieco, não fornece elementos para que se possa afirmar haver uma suposta proximidade entre Graciliano e Milliet, nem que existisse uma aliança inter-regional entre os grupos alagoano e paulista. A despeito disso, a recepção favorável de Milliet, bem como o prestígio do crítico na imprensa paulista certamente serviram a Graciliano, ajudando-o a consolidar sua imagem de grande escritor em São Paulo.

A recepção empreendida por Álvaro Lins,¹⁶⁸ figura de grande importância da crítica dos anos 1940, a Graciliano Ramos, pode ser pensada, inicialmente, a partir dessa passagem:

Por coincidência, em nosso caso, dos dois livros do sr. Graciliano Ramos que nos parecem especificamente romances, um, *Angústia*, é a sua obra-prima, e uma das realizações importantes e características da ficção brasileira, enquanto o outro, *Caetés*, é uma obra de todo falhada e inexpressiva. As duas novelas, por sua vez, são ambas excelentes e consideráveis, embora com alguns defeitos fundamentais de idealização e de construção, que serão indicadas no decorrer destes artigos, com os quais voltamos pela terceira vez a tratar de um autor especialmente estimado e de uma obra calorosamente admirada por todos os seus companheiros de vida literária.¹⁶⁹

Antes de fazer qualquer afirmação acerca da recepção de Graciliano com base nessa passagem, importa indicar que Álvaro Lins está lidando com um autor já reconhecido, como ele mesmo adverte. Desse ponto de vista, está mais próximo de Sérgio Milliet, que também o recepcionou na década de 1940, e distante de Agripino Grieco, que, como foi dito, fez a recepção dos dois primeiros romances do escritor alagoano no momento em que foram lançados. E isso não pode ser negligenciado, pois se no caso de Grieco tratava-se de discorrer sobre a obra de um estreante, podendo, por isso, impulsionar ou dificultar sua colocação e permanência no campo,

¹⁶⁷ Para uma discussão sobre a crítica de rodapé paulista entre as décadas de 1920 e 1950, consultar SERRANO, Pedro Bueno de Melo. **A crítica bandeirante (1920-1950)**. 2016. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

¹⁶⁸ Nasceu em 1912, na cidade de Caruaru, Pernambuco, onde realizou seus primeiros estudos, concluindo-os em Recife, onde, mais tarde, formou-se em Direito. Ainda na capital de Pernambuco trabalhou como professor e realizou conferências literárias, atuando, ainda, como secretário de Estado. No Rio de Janeiro a partir 1941, destacou-se como crítico literário. Trabalhou no Colégio Pedro II e, no início da década de 1950, foi professor de letras em Lisboa. Pertenceu à UNESCO na condição de delegado (COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. **Enciclopédia de literatura brasileira**. São Paulo: Global Editora, 2001. 2 v, p. 945).

¹⁶⁹ LINS, Álvaro. Visão geral de um ficcionista. In: LINS, Álvaro. **Jornal de Crítica**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951. (6), p. 54-55.

acredito que no caso de Milliet e Lins seus posicionamentos tiveram o sentido de ratificar ou não uma posição conferida anteriormente pela crítica e pelos outros escritores e, como desde já pode ser apreendido, Álvaro Lins confirma a posição de grande literato desfrutada por Graciliano aproximadamente quinze anos depois de sua estreia como romancista.

Outra passagem significativa fornece elementos acerca das atenções do crítico. Segundo ele,

Nas crônicas anteriores, o meu objetivo foi interpretar o sentido geral da obra do sr. Graciliano Ramos, procurando fixar os traços da personalidade do escritor e a projeção dela através da arte literária. Tinha imaginado discutir desta vez a significação política da sua obra, e com uma opinião contrária à que se acha estabelecida, no que me vejo impedido pelas circunstâncias exteriores, pois não seria leal e correto abrir esse debate num momento que lhe é pouco oportuno, prestando-se a minha atitude a explorações extraliterárias. [...] Procuremos, então, outro terreno para esses comentários [...]. Este terreno poderá ser o da evolução literária do sr. Graciliano Ramos, vista melhor através de uma leitura de conjunto dos seus romances e novelas, fixada em cada um dos seus livros.¹⁷⁰

Conforme se depreende desse trecho, a visada daquilo que escreve sobre a obra de Graciliano aproxima-se do impressionismo, algo eclético, já que tinha por objetivo conhecer o sentido geral da obra, bem como encontrar relações entre a personalidade do escritor e os textos dele. Já foi dito que semelhante intenção fora levada à frente por Grieco, exemplo típico da crítica impressionista. Todavia, a comparação entre ambos se encerra aqui, e apenas será possível fazê-la se o impressionismo for tomado no sentido de crítica não especializada. A qualidade dos textos, em termos das análises e sugestões que ofereciam aos leitores, é diversa, destacando-se positivamente Álvaro Lins, que inclusive fez da crítica sua profissão, diferente de Grieco, que, como foi visto, atuou no mercado editorial. Em outras palavras, ainda que elementos característicos do impressionismo estivessem presentes nos artigos de Álvaro Lins, suas análises, principalmente quando comparadas as de Grieco, mostram que ele se valia também de critérios objetivos, assim, pode-se falar em certa ponderação do crítico, que concorria para dar aos seus textos um certo tom analítico.

¹⁷⁰ LINS, Álvaro. Visão geral de um ficcionista. In: LINS, Álvaro. **Jornal de Crítica**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951. (6), p. 55.

Sem perder de vista o que foi dito, vale notar a alusão que o crítico faz às tensões políticas e às disputas causadas por ela na literatura, pois deixaria de tratar do significado político da obra do escritor alagoano devido a circunstâncias não literárias. O artigo de Álvaro Lins é de 1947, nesse momento, a imagem de Graciliano já estava relacionada ao comunismo. No âmbito mais geral, permanecia na sociedade brasileira uma clivagem político-ideológica em torno das alternativas da esquerda e da direita – intensificadas pela recente redemocratização do país após a queda de Getúlio Vargas e, também, do fato do PCB ter recuperado, ainda que por pouco tempo, a legalidade, que de alguma maneira rearranjava as forças políticas nas esferas institucionais –, que, inclusive, ainda permeavam as discussões do fazer literário.

Consciente disso, e sensível às questões sociais e políticas,¹⁷¹ o crítico, colocando-se como árbitro, arroga-se o direito de tomar outro caminho, o da evolução literária de Graciliano Ramos. Acredito que tanto na posição de sentenciador quanto na alternativa escolhida por Álvaro Lins, pode-se vislumbrar o tipo de crítica que empreendeu, de cunho estetizante, que não deixava de ter relação com os debates que ocorriam na literatura, que passavam, no decênio de 1940, por um momento de recrudescimento da perspectiva espiritualista, que, de certa maneira, fora escamoteada na década anterior.

O tema escolhido pelo crítico acabou condicionando a leitura que fez da obra de Graciliano. Tratou-a como se o autor e a obra estivessem necessariamente, e de forma linear, evoluindo. Nesse sentido, colocou *Caetés* no patamar mais baixo desse processo e, como não poderia deixar de ser, enxergou em *S. Bernardo*, segundo romance do escritor, avanços consideráveis, que, no entanto, só seriam consolidados e confirmados em seu terceiro livro, *Angústia*. Esse estado de coisas pode ser observado nas seguintes passagens:

A primeira edição de *Caetés* apareceu em 1933; o seu autor, nessa época, era uma figura municipal, tendo vivido até a maturidade numa cidade do interior de Alagoas. Não se tinha aí a estreia de um rapaz, de um jovem, pois ao publicá-lo já entrara o romancista na casa dos quarenta anos. Essa circunstância explicará, talvez, que, sendo um livro falhado e sem valor, *Caetés* nem sequer tenha deixado suspeitar o grande escritor que surgiria depois em *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas secas*. Não havia nele as indecisões, os erros, as perplexidades, os excessos, misturados, porém, a certas revelações de talento, que nos livros de alguns estreantes nos levam

¹⁷¹ Essa sensibilidade, bem como aspectos gerais da crítica realizada por Álvaro Lins foram discutidas por BOLLE, Adélia Bezerra de Meneses. **A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica**. Petrópolis: Vozes, 1979.

a jogar certo no futuro deles. Não, não era este o caso de *Caetés*. Tudo nas suas páginas revelava segurança e estabilidade, mas de má qualidade. Um livro maciçamente ruim. [...]

Por que não me agradou nada este romance *Caetés*? Não quero ser categórico na minha opinião, e tomo a iniciativa de sugerir ao leitor que talvez ela tenha decorrido da circunstância de só agora o haver lido, depois de conhecer toda a capacidade e toda a arte do autor de uma obra como *Angústia*. [...]

Apenas um ano depois de *Caetés*, em 1934, aparecia *São Bernardo*; e dir-se-ia que era o livro de um novo escritor, tal a diferença entre um e outro, quanto ao valor literário e à significação humana. A não ser que o primeiro tenha sido escrito muitos anos antes do aparecimento, a evolução tão fundamentalmente marcada no segundo, num insignificante espaço de tempo, é inexplicável, é um dos muitos mistérios da criação artística. Isso seria assunto, aliás, para uma página de depoimento ou interpretação a ser escrita por alguns dos companheiros que viveram em intimidade com o sr. Graciliano Ramos na sua fase alagoana, como a sra. Rachel de Queiroz ou os srs. José Lins do Rego, Aurélio Buarque de Holanda, Valdemar Cavalcanti e Raul Lima. [...]

Este capítulo XXXI de *São Bernardo* é sem dúvida uma pequena obra-prima, que contrabalança os defeitos e deficiências que porventura possam ser apontados em toda a novela. Para encontrar páginas semelhantes na obra do sr. Graciliano Ramos será preciso buscá-las em capítulos culminantes de *Angústia*, como veremos na próxima crônica.¹⁷²

Crônica, algo próximo ao tom jornalístico, assim poderia ser definido o tipo de texto escrito por Álvaro Lins. E isso importa porque a partir desse dado se compreende melhor a recepção de Graciliano Ramos. Como se depreende da leitura dos excertos transcritos, a ideia de evolução está explícita – toma um exemplo como de má qualidade, um outro onde observa um salto para, então, cravar que o terceiro livro do escritor é sua obra-prima, tudo obedecendo, até aqui, uma única direção. Enquanto crônica, antes de interpretação, o que o crítico apresenta são dados biográficos, como o fato de Graciliano ter estreado tardiamente como romancista e que morava no interior de Alagoas e, também, coisas que dizem respeito à história literária, notadamente, quando alude à roda de Maceió, que como foi mostrado, tratou-se de um agrupamento cultural que encerrou um tipo específico de sociabilidade literária.

Evidentemente, esse tipo de arranjo do texto dava ao crítico maior liberdade no tratamento do assunto, assim, suas opiniões sobre a obra de Graciliano ficavam, por vezes, na superficialidade, e isso provavelmente se relaciona também ao fato de suas críticas saírem em jornais, e que um público não especializado iria ler suas colunas. E como não poderia deixar de ser, justamente pelo fato de exercer a crítica no jornal, ele precisava prender a atenção dos leitores e fazê-los se interessarem não

¹⁷² LINS, Álvaro. Visão geral de um ficcionista. In: LINS, Álvaro. **Jornal de Crítica**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951. (6), p. 56-61.

apenas pelo livro do escritor, mas pelo seu próprio texto, condição satisfeita pelo estilo adotado.

Seus comentários, sejam eles positivos ou negativos, são assertivos, indicando, por um lado, sua autoridade e, por outro, o tom de noticiário que a crítica impressionista possuía. Acredito que não seria exagerado pensar que ambas as coisas permitiam a ele passar ao largo de uma discussão aprofundada dos livros – ainda que por vezes elementos objetivos aparecessem em seus artigos –, aliás, esse aspecto fica mais nítido quando se observa a saída que encontra: trata os pontos fortes do livro como lampejos de criação artística, algo imponderável.

O segundo texto de Álvaro Lins inicia-se novamente com informações biográfica para, depois, resvalar no significado político e social de Graciliano e, suponho, também da obra – ainda que isso tivesse sido refutado pelo crítico –, já que um traço do impressionismo é justamente encontrar correspondência entre um e outro.

Em 1936, dois anos depois de *São Bernardo*, aparecia *Angústia*, num momento, aliás, que o sr. Graciliano Ramos se achava na cadeia, perseguido de maneira estúpida e inexplicável pela polícia-política que preparava o ambiente para a ditadura. Não era ele naquela época um homem de partido, mas apenas – e como ainda hoje nos seus livros de ficção – um escritor independente, tendo a consciência da sua arte como expressão de realidades humanas, honestamente observadas e superiormente reveladas. *Angústia*, por sinal, é o menos “social” dos seus romances, e o mais introspectivo, o mais impregnado de subjetivismo, o mais voltado para a vida interior dos personagens, a despeito de alguns aspectos que dizem respeito à organização da sociedade. [...]

Defeito de técnica, talvez, será que a primeira parte se tenha alongado demais em prejuízo da segunda. De orientação, porém, nenhum defeito. [...]

Contudo, o que principalmente valoriza *Angústia* é que sobre um enredo dessa espécie o sr. Graciliano Ramos tenha realizado um dos mais apaixonantes e intensos romances da nossa literatura contemporânea. De que se formou, então, o romance? Da vida interior e da análise psicológica de Luís da Silva. [...]

Deve-se ainda assinalar que, dentro embora de um processo de romance universalmente utilizado, *Angústia* não se liga particularmente a qualquer modelo europeu ou norte-americano, sendo um livro brasileiro quanto ao espírito e à forma.¹⁷³

Os dados biográficos mobilizados pelo crítico não são fortuitos, pois logo após relatar a prisão injusta de Graciliano Ramos, de preparar o terreno, trata dos aspectos políticos que envolveram a prisão do escritor, e do aspecto “social” que suas obras

¹⁷³ LINS, Álvaro. Visão geral de um ficcionista. In: LINS, Álvaro. **Jornal de Crítica**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951. (6), p. 61-65.

possuíam. Arrisco a dizer que Álvaro Lins falava também de si, já que fora perseguido e preso quando ainda residia em Pernambuco, mudando, após, para o Rio de Janeiro,¹⁷⁴ igualmente como fizera o escritor alagoano, que, transferido para a então capital do país ainda preso, ao ser solto decidiu se estabelecer definitivamente na cidade. Para além de alguma solidariedade, essa é mais uma marca da crítica impressionista, que dentre outros aspectos, já referidos, valorizava também a compatibilidade entre crítico e autor, o que pode ser inferido desse trecho.

Quando o crítico trata dos defeitos que eventualmente a obra de Graciliano apresenta, reputa-os à deficiência de técnica do autor, contrapondo ao que foi sugerido no excerto anterior, que tratava a qualidade como algo intrínseco ao criador, de ordem pessoal, portanto, bem como à sensibilidade artística e humana do escritor, exemplificada pela destreza em manipular aspectos interiores das personagens. A análise psicológica, vale dizer, é algo recorrente em Álvaro Lins, pois isso o autorizava a falar na universalidade da obra, e esse aspecto pode ser notado quando começa a discorrer sobre *Vidas Secas*.

Aliás, o mais brasileiro dos livros do sr. Graciliano Ramos é sem dúvida a novela *Vidas secas*, publicada em 1938. Revelaram-se nesta obra algumas das melhores qualidades do seu autor, ausentes no que escrevera antes. Antes, em *São Bernardo* e *Angústia*, a sua atitude humana era quase simplesmente de sarcasmo e revolta egoísta. Em *Vidas secas*, ele se mostra mais humano, sentimental e compreensivo, acompanhando o pobre vaqueiro Fabiano e sua família com uma simpatia e uma compaixão indisfarçáveis. Aliás, não será significativo e explicativo a este respeito que *Vidas secas* seja a sua primeira obra de ficção em que a pessoa encarregada de narrar a história não é um personagem, mas o próprio romancista? Não será isto um sinal de que antes deixava os personagens entregues à própria sorte, enquanto agora se identifica com os desgraçados nordestinos de *Vidas secas*? [...]

Contudo, tecnicamente, *Vidas secas* apresenta dois defeitos consideráveis. Um deles é que a novela, tendo sido construída em quadros, os seus capítulos, assim independentes, não se articulam formalmente com bastante firmeza e segurança. [...] O outro defeito é o excesso de introspecção em personagens tão primários e rústicos, estando constituída quase toda a novela de monólogos interiores. A inverossimilhança, neste caso, não provém da substância da novela, mas da técnica. [...] Porque, no mais, nenhuma inverossimilhança, nenhum defeito fundamental será encontrado em *Vidas secas*. [...]

Além de ser o mais humano e comovente dos livros de ficção do sr. Graciliano Ramos, *Vidas secas* é o que contém maior sentimento da terra nordestina, daquela parte que é áspera, dura e cruel sem deixar de ser amada pelos que a ela estão ligados teluricamente. O que impulsiona os seres desta novela, o que lhes marca a fisionomia e os caracteres, é o fenômeno da seca. [...]

¹⁷⁴ Esse dado biográfico acerca de Álvaro Lins foi retirado de BOLLE, Adélia Bezerra de Meneses. **A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica**. Petrópolis: Vozes, 1979.

Parece-me que *Vidas secas* representa ainda uma evolução na obra do sr. Graciliano Ramos quanto ao estilo e à qualidade estritamente literária. Em nenhum outro dos seus livros encontramos tanta beleza e tanta harmonia na construção verbal. E somente aqui este autor, de espírito tão pouco poético, consegue atingir às vezes um estado de poesia. Foi também em *Vidas secas* que o sr. Graciliano Ramos pela primeira vez se libertou inteiramente de algumas quedas no mau gosto ou na vulgaridade de expressão, com que nos surpreende tão desagradavelmente em *São Bernardo* e até em *Angústia*. Afinal, se *Angústia* é a sua maior realização como ficcionista, *Vidas Secas* é a obra que nos oferece toda a sua medida como escritor, justamente com *Infância*.¹⁷⁵

Logo no início desse trecho Álvaro Lins enfatiza aquilo que lhe parece caro na boa literatura: o que ela tem de humano. É justamente nesse aspecto que ela se torna universalizante, porque diz respeito indistintamente a todos. A partir disso pode-se extrair outra característica que ele reclama, a verossimilhança, procurando uma correspondência entre o mundo social e a obra literária. Com as considerações sobre *Vidas Secas*, vê-se que a crítica de Álvaro Lins se diferencia daquela que era levada adiante por Grieco por equilibrar melhor características do impressionismo com visadas interpretativas, e isso certamente confere a seus textos algo a mais, pois vai mais fundo na análise dos livros de Graciliano Ramos.

Agora, não deixa de ser curioso notar, uma vez mais, a identificação que ocorre entre o crítico e o escritor. Álvaro Lins, natural do interior de Pernambuco, identifica-se com Graciliano, que nascera no interior alagoano, ambos, portanto, estariam conscientes dos dilemas ocasionados pela seca. Projetando-se no escritor, numa espécie de conciliação de pontos de vista, o crítico encontra uma correspondência de si naquele, que assim lhe ganha, recebendo do julgador uma sentença favorável.

Álvaro Lins prossegue com uma leitura sintética do livro de contos *Insônia*, que, em resumo, acha ruim. Não cabe aqui tratar desse assunto porque minha preocupação é a recepção dos romances de Graciliano Ramos, todavia, vale dizer, isso o colocava em rota de colisão com outro crítico do período, Sérgio Milliet, que via no escritor um grande contista, eclipsado apenas por sua projeção como romancista.

Finalmente, em outro trecho, Álvaro Lins reforça o veredicto que antecipara no início de seu texto.

Com meia dúzia de livros, a obra do sr. Graciliano Ramos já avulta hoje como uma das mais expressivas e valiosas da literatura brasileira, a despeito da desproporção que existe entre a riqueza da sua vida interior e a insuficiência

¹⁷⁵ LINS, Álvaro. Visão geral de um ficcionista. In: LINS, Álvaro. **Jornal de Crítica**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951. (6), p. 67-68.

do seu material de observação, entre a sua arte de escrever e o pequeno mundo de ficção.¹⁷⁶

O tipo de abordagem realizado por Álvaro Lins, e mesmo seus julgamentos, fazem-me supor que ao tratar de alguém já solidamente consolidado como escritor – pelo menos no plano das recompensas simbólicas –, ao cravar a qualidade de Graciliano Ramos, ao mesmo tempo, e muito provavelmente inconscientemente, reforçava seu prestígio como crítico. Nesse caso, o escritor prescindia da rede de solidariedade forjada em Alagoas, que não apenas o ajudou na projeção como romancista, recepcionando-o na crítica carioca, como o auxiliou na sua trajetória editorial. Com isso, não estou questionando a honestidade do crítico, apenas sugerindo que a posição desfrutada pelo escritor poderia rearranjar as tensões e disputas na medida em que as forças eram similares.

Resta, agora, ver como foi a recepção empreendida por Antonio Candido¹⁷⁷ que, embora escrevesse rodapés quando tornou pública a primeira série de textos sobre a obra de Graciliano Ramos, estava impregnado pelos conhecimentos acadêmicos e vivências universitárias.

Numa primeira visada, Candido destoa dos demais críticos justamente e fundamentalmente pela sua inserção acadêmica, que se refletiu no tipo de abordagem do texto literário, priorizando a perspectiva estética das obras. Além de ter cursado ciências sociais, entre 1941 e 1944 integrou o grupo de *Clima*, por meio do qual se projetou como crítico literário na cena cultural de São Paulo,¹⁷⁸ e escreveu nos rodapés da *Folha da Manhã*, entre 1943 e 1945, e *Diário de São Paulo*, de 1945 a 1947.

Portanto, a relação de forças entre o crítico e o escritor estava equilibrada, pois ambos já haviam adquirido prestígio entre os pares. Aqui, uma primeira semelhança com Álvaro Lins, que durante os anos 1940 gozou de grande reconhecimento pela sua obra como crítico. Daí minha insistência quanto às leituras tardias sobre Graciliano Ramos: não se tratava apenas de emitir juízos sobre a obra dele, importava, também,

¹⁷⁶ LINS, Álvaro. Visão geral de um ficcionista. In: LINS, Álvaro. **Jornal de Crítica**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951. (6), p. 69.

¹⁷⁷ Nasceu no Rio de Janeiro, em 1918. Estudou em São Paulo, formando-se em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Além da crítica literária, foi docente e pesquisador em Sociologia e Teoria Literária (COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. **Enciclopédia de literatura brasileira**. São Paulo: Global Editora, 2001. 2 v, p. 421-422).

¹⁷⁸ Para uma análise minuciosa sobre *Clima*, consultar PONTES, Heloísa. **Destinos Mistos**: os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940-1968). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

firmar posição entre os críticos. Uma via de mão dupla, o prestígio de ambos – críticos e escritor – os fortalecia na medida em que ao mesmo tempo que era importante ter sua posição de grande escritor ratificada pelos críticos legitimados, a esses era de bom grado ocupar-se dos escritores reconhecidos, e isso conferia distinção a ambos.

Do mesmo modo que Álvaro Lins, e praticamente no mesmo período – pois quando Candido se ocupou da obra de Graciliano Ramos, com exceção do livro póstumo, *Memórias do cárcere*, os demais já haviam sido publicados –, pôde analisá-la conjuntamente. Com uma perspectiva relativamente próxima a do crítico pernambucano, afirma que a qualidade dos livros do escritor estavam numa crescente, e que isso poderia ser percebido na leitura desde que se acompanhasse a ordem em que apareceram. Quanto a esses aspectos, Candido teve a primazia, já que seus textos são de 1945, e os de Álvaro Lins, de 1947. Contudo, as semelhanças acabam aqui, notadamente porque a abordagem do crítico uspiano está atravessada por uma perspectiva inclinada à ciência, cujo foco da análise encontra-se no texto.

Antes de trazer exemplos da recepção dispensada por Candido ao escritor alagoano, é significativo observar o que diz Sérgio Milliet sobre o crítico:

Acerca da obra, muito louvada e pouco estudada ainda, de Graciliano Ramos, escreveu Antonio Candido um excelente ensaio, digno de servir de modelo à nossa jovem crítica, porquanto nele se alia a inteligência interpretativa à sensibilidade; e tem o leitor não apenas a chave para a compreensão de Graciliano Ramos como ainda o prazer da leitura de umas tantas páginas limpas e elegantes do ensaísta.¹⁷⁹

Se à primeira vista esse excerto pode parecer anedótico, ele ganha sentido quando se atina que o texto é de outubro de 1956, pouco tempo depois da inclusão do ensaio de Candido, *Ficção e Confissão*, nas edições de *Caetés* que circularam entre 1955 e 1969, e depois em *S. Bernardo*, dessa data até 1974.¹⁸⁰ Com esse gesto, Milliet reconhecia Candido como o intérprete de Graciliano Ramos, sugerindo que sua leitura sobre o autor devesse servir de orientação. E para Candido, tratava-se mesmo de marcar posição:

Quando Graciliano publicou *Infância* (1945) eu era crítico titular, como se dizia, do *Diário de São Paulo*. Naquela altura ele já me parecia destacar-se de maneira singular entre os chamados “romancistas do Nordeste”, que nos

¹⁷⁹ MILLIET, Sérgio. *Diário crítico de Sérgio Milliet*. São Paulo: Martins, 1981, (X), p. 222.

¹⁸⁰ CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão*: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012.

anos de 1930 tinham conquistado a opinião literária do país. Por isso, resolvi aproveitar a oportunidade a fim de marcar minha opinião por meio de um balanço da sua obra. Escrevi então cinco artigos, um para cada livro, terminando pelo que estava aparecendo.¹⁸¹

Como se vê, havia um jogo intrincado, marcado por tensões e disputas que envolviam afinidades e alianças entre escritores e críticos, entre os escritores e, da mesma maneira, entre os críticos, e nesse jogo valiam-se de expedientes variados para se cacifarem nas disputas por reconhecimento. E isso não significa afirmar que essas coisas se davam deliberadamente, e que as alianças sempre existissem, de todo modo as relações de força estavam postas e baralhavam o jogo, que poderiam ou não trazer ganhos individuais ou para ambos os lados.

Isso posto, importa acompanhar como Graciliano foi recepcionado por Antonio Candido. Em relação aos outros críticos mobilizados nesse trabalho, que a grosso modo podem ser caracterizados como impressionistas, a despeito de se diferenciarem acerca do método e da abordagem das obras e do autor, o crítico uspiano pode ser tratado, sem reservas, como crítico-acadêmico, já que se valeu não apenas de sua erudição, onde geralmente se apoiava a crítica amadora, mas também dos conhecimentos adquiridos no curso de ciências sociais.

O crítico, já nesse momento, levava em consideração texto e contexto, sem que isso significasse qualquer tipo de condicionamento social. Assim, aquilo que era externo, ao invés de ser visto como causa ou significado, deveria ser tomado como elemento constituinte da estrutura, mais exatamente, como elemento interno do texto. Essa inversão daria ao elemento social outro papel, devendo ser analisado na medida em que atuava na determinação do valor estético. Isso relaciona-se com a perspectiva de Candido sobre a crítica, para a qual o interessante seria saber quais os fatores que atuam na organização interna da obra.¹⁸²

Ao analisar os livros de Graciliano Ramos, o crítico se deteve exatamente nos elementos constituintes da estrutura interna dos textos. Ao discorrer sobre *Angústia*, por exemplo, na medida em que tratava da forma como o escritor construía a personagem principal do seu romance, mostrava concomitantemente como a

¹⁸¹ CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012, p. 9.

¹⁸² CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

constituição psicológica dela acabava por estruturar toda a trama, as outras personagens, o enredo, a ambientação.

Desespero oriundo do sentimento de um drama não só pessoal, mas também coletivo. Drama de todos, de tudo; da vida malfeita, dos homens mal vividos. Drama da velha Germana, “que dormiu meio século numa cama dura e nunca teve desejos”; de José Baía, matando sem maldade e de riso claro; de seu Evaristo, enforcado num galho de carrapateiro; do Lobisomem e suas filhas. Gente acuada, bloqueada, esmagada pela vida, espremida até virar bagaço, sem entender o porquê disso tudo. E a dureza, a incrível dureza desse pequeno mundo sem dinheiro nem horizonte, cuja existência é uma rede simples e bruta de pequenas misérias, golpes miúdos e infinitas cavilações. Não há saída. O judeu Moisés prega a revolução social e distribui boletins. Nada, porém, penetra a opacidade das vidas pequeno-burguesas, inacessíveis à renovação e tropegamente aferradas à migalha. A filosofia de *Angústia* pressupõe, além do nojo, a inércia, amarela e invicta. Na realidade, nojo, inércia e desespero são características de Luís da Silva, mas se estendem por todo o livro porque ele assimila o mundo ao seu mundo interior.¹⁸³

A análise se adensava conforme o crítico esmiuçava as possíveis causas que influenciaram a constituição psicológica de Luís da Silva, além de tratar da técnica narrativa do escritor, etc. Não se trata, aqui, de discutir essas coisas, o importante é esclarecer como o método empregado por ele é mais acurado quando comparado àqueles que os demais críticos mobilizaram, mais do que isso, o fato dele seguir uma orientação teórico-metodológica científica consoante o que foi esboçado sobre a perspectiva acerca da crítica literária defendida por ele.

Ainda quanto à estruturação interna da obra, de como elementos externos, passando pela mediação do autor, são colocados em funcionamento, como se tornam, assim, elementos constituidores do texto, pode-se tomar o exemplo, caro ao crítico, que foi sintetizado no título do livro que reúne seus trabalhos sobre Graciliano Ramos: *Ficção e Confissão*. Para Candido, o escritor alagoano teria caminhado da ficção para a confissão porque aquela teria deixado de ser suficiente para ele expressar-se.¹⁸⁴ Em *Angústia*, segundo o crítico, isso já seria perceptível.

Além disso, surge elemento novo, o recurso à evocação autobiográfica, que se junta frequentemente, por associação, às coisas vistas e à experiência cotidiana, para construir o fluxo da vida interior. [...] Nesta altura cabe uma interrogação: até que ponto há elementos da vida do romancista no material autobiográfico do personagem?

¹⁸³ CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012, p. 49-50.

¹⁸⁴ CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012, p. 92.

Ninguém dirá que sou vaidoso referindo-me a esses três indivíduos

- disse ele no discurso em que agradeceu o jantar do cinquentenário -

porque não sou Paulo Honório, não sou Luís da Silva, não sou Fabiano.

Quanto ao primeiro e ao terceiro, não há dúvida. Do segundo, nota-se que a sua meninice é, pouco mais ou menos, a narrada em *Infância*. Só que reduzida a elementos da etapa anterior aos dez anos, quando morou na fazenda, à sombra do avô materno (aqui, paterno), e na vila de Buíque; aproveitou, pois, a parte do sertão, como quem quer dar maior aspereza às raízes do personagem. Pelas *Memórias do cárcere*, sabemos ainda que emprestou a este emoções e experiências dele próprio, inclusive o desagrado pelo contato físico e o episódio com a filha da dona da pensão, no cinema, que o obseda. E não é difícil perceber que deu a Luís da Silva algo de muito seu: a vocação literária, o ódio ao burguês e coisas ainda mais profundas. [...] Poder-se-ia talvez dizer que Luís é personagem criado com premissas autobiográficas; e *Angústia*, autobiografia potencial, a partir do eu recôndito. Mas no processo criador tais premissas (que cavam funduras insuspeitas no subconsciente e no inconsciente) receberam destino próprio e deram resultado novo – o personagem –, no qual só pela análise baseada nos dois livros autobiográficos podemos discernir virtualidades do autor.¹⁸⁵

Opõe-se, com isso, aos críticos impressionistas que procuravam homologias entre a obra e a personalidade de seu autor, ou verossimilhança sem qualquer mediação, algo como um espelhamento da vida ou do social, por exemplo, na obra. Além de uma análise detida no texto, e que não negligenciava o contexto, Candido não emitia o elogio fácil, e se pretendia ser o intérprete de Graciliano Ramos, como chega a sugerir Sérgio Milliet, era mais para um público especializado do que o simples leitor de jornal. Disso se extrai mais um elemento que diferencia sua crítica quando comparada aos demais, inscrevendo-a numa tradição acadêmica.

Agora, se a recepção de Candido é também favorável, ela ganha significado diverso das anteriores: Graciliano estava sendo reconhecido na universidade, a legitimação vinha de um agente especializado e reconhecido entre seus pares da crítica. Tratou-se, definitivamente, de inscrever o escritor no cânone literário brasileiro e, ao mesmo tempo, de o crítico marcar sua posição, e isso ganha maior expressividade quando se atina para o fato de que anos mais tarde o crítico se transferiria em definitivo da Sociologia para a Crítica Literária, bem como que esses textos começaram a circular quase que no mesmo momento nas edições de *Caetés* e, depois, *S. Bernardo*, ou seja, passaram a ser uma interpretação sobre o conjunto

¹⁸⁵ CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012, p. 56-58.

da obra de Graciliano Ramos. Em carta remetida por Graciliano a Candido essas coisas podem ser apreendidas.

Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1945

Antonio Candido:

Só agora, lido o último artigo da série que V. me dedicou, posso mandar-lhe estas linhas e conversar um pouco. Muito obrigado. Mas não lhe escrevo apenas por causa dos agradecimentos: o meu desejo é trazer-lhe uma informação ajustável ao que V. assevera num dos rodapés.

Arriscar-me-ia a fazer restrições ao primeiro e ao segundo, se isto não fosse considerado falsa modéstia. E impertinência: com as vivas atenções dispensadas ao meu romance de estreia, foram apontados vários defeitos, o que de certo modo atenua a parcialidade otimista.

Onde as nossas opiniões coincidem é no julgamento de **Angústia**. Sempre achei absurdos os elogios concedidos a este livro, e alguns, verdadeiros disparates, me exasperaram, pois nunca tive semelhança com Dostoiévski nem com outros gigantes. O que sou é uma espécie de Fabiano, e seria Fabiano completo se a seca houvesse destruído a minha gente, como V. muito bem reconhece.

Por que é que **Angústia** saiu ruim? Diversas pessoas procuraram razões, que não me satisfizeram. Olívio Montenegro usou frases ingênuas e pedantes, misturando ética e estética. João Gaspar Simões afirmou que o americano é incapaz de introspecção – e com esta premissa arrasou-me. Veja só. Nada há mais falso que um silogismo. Álvaro Lins veio com aquele negócio de tempo metafísico. Mas isso diz pouco, não é verdade? Se eu constituísse uma exceção à regra de João Gaspar Simões e contestasse Olívio Montenegro e Álvaro Lins, **Angústia** não deixaria de ser um mau livro, apesar de haver nele páginas legíveis.

Por que é mau? Devemos afastar a ideia de o terem prejudicado as reminiscências pessoais, que não prejudicaram **Infância**, como V. afirma. Pego-me a esta razão, velha e clara: **Angústia** é um livro mal escrito. Foi isto que o desgraçou. Ao reeditá-lo, fiz uma leitura atenta e percebi os defeitos horríveis: muita repetição desnecessária, um divagar maluco em torno de coisinhas bestas, desequilíbrio, excessiva gordura enfim, as partes corruptíveis tão bem examinadas no seu terceiro artigo. É preciso dizermos isto e até exagerarmos as falhas: de outro modo o nosso trabalho seria inútil. E aqui vem a informação a que me referi. Forjei o livro em tempo de perturbações, mudanças, encrascas de todo o gênero, abandonando-o com ódio, retomando-o sem entusiasmo. Matei Julião Tavares em vinte e sete dias; o último capítulo, um delírio enorme, foi arranjado numa noite. Naturalmente seria indispensável recompor tudo, suprimir excrescências, cortar pelo menos a quarta parte da narrativa. A cadeia impediu-me essa operação. A 3 de março de 1936 dei o manuscrito à datilógrafa e no mesmo dia fui preso. Nos longos meses de viagem obrigatórias supus que a polícia me houvesse abafado esse material perigoso. Isto não aconteceu – e o romance foi publicado em agosto. Achava-me então na sala da capela. Não se conferiu a cópia com o original. Imagine. E a revisão preencheu as lacunas metendo horrores na história. Só muito mais tarde os vi. Um assunto bom sacrificado, foi o que me pareceu.

Esta explicação tem apenas o fim de exhibir-lhe o prazer que me causou o seu juízo. Quando um modernista retardatário e pouco exigente me vem seringar amabilidades a **Angústia**, digo sempre: - “Nada impede que seja um livro pessimamente escrito. Seria preciso fazê-lo de novo”.

Permita-me que apenas toque nos seus estudos relativos a **São Bernardo**, **Vidas secas** e **Infância**. Ser-me-ia difícil estender-me sobre eles. O que faço é agradecer. Por muito vaidoso que sejamos, às vezes certas opiniões nos amarram: diante delas ficamos atrapalhados e sem jeito.

Adeus, Antonio Candido. Abraços do admirador e amigo
Graciliano Ramos¹⁸⁶

Depreende-se da leitura da carta pelo menos duas coisas: uma é o reconhecimento de Antonio Candido como alguém que teria realizado corretamente a leitura dos livros de Graciliano e, a outra, a legitimação e consagração mútua que as palavras do escritor encerram, já que ela pode servir, acredito, como complemento aos artigos publicados pelo crítico. Acerca da primeira dimensão, minha afirmação se apoia nas considerações feitas por Graciliano acerca dos críticos, que teriam realizado interpretações parciais ou mesmo incorretas sobre sua obra. Ao refutar os pareceres deles, colocava Candido como seu intérprete legítimo. Com isso, o crítico marcava uma posição definitiva acerca da obra do escritor alagoano, já que recebera o reconhecimento dele, deixando isso explícito ao publicar a carta junto dos artigos que escrevera. Corroborando essa perspectiva, afastando, portanto, a ideia de que a carta pudesse representar apenas um sinal de amizade e gratidão de Graciliano para com o crítico, vale mencionar duas situações. Quando a obra do escritor foi reeditada por José Olympio, em 1947, Graciliano enviou a Candido exemplares com dedicatórias, e numa delas se lê: “Antonio Candido: A culpa não é apenas minha: é também sua. Se não existisse aquele seu rodapé, talvez não se reeditasse isto”.¹⁸⁷ Reconhecimento, por parte do escritor, da centralidade das opiniões do crítico, por isso não surpreende o fato de Graciliano ter manifestado o desejo de que Candido escrevesse uma introdução à sua obra.

Tempos depois da sua morte, Antonio Olavo Pereira, que dirigia a sucursal paulista da Editora José Olympio, me convocou para dizer que Graciliano tinha manifestado o desejo de que fosse escrita por mim a introdução à próxima edição de sua obra. Foi assim que refundi os cinco artigos, escrevi a análise de *Memórias do cárcere* e uma conclusão, compondo o ensaio *Ficção e Confissão*, que de 1955 a 1969 foi, situada no primeiro volume, *Caetés*, a introdução desejada pelo grande escritor. A princípio, na edição José Olympio, do Rio; depois, na edição Martins, de São Paulo. Em 1969, Martins a deslocou para *São Bernardo* e, em 1974, resolveu aposentá-la. Deste modo saiu de circulação o meu ensaio, do qual José Olympio fizera em 1956 uma tiragem à parte em pequeno volume, cujos mil exemplares se esgotaram depressa. Agora, no centenário de Graciliano, a Editora 34 teve a ideia de reeditá-lo com outros para formar este livro, cujo ar comemorativo implícito me agrada, pois serve para manifestar mais uma vez o meu constante apreço por um dos maiores escritores da nossa literatura, um dos raros cuja alta

¹⁸⁶ CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012, p. 9-12.

¹⁸⁷ CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012, p. 12.

qualidade parece crescer à medida que o relemos. E como costumava dizer Alfredo Mesquita, a releitura é quase sempre fatal para a maioria absoluta da narrativa ficcional brasileira.¹⁸⁸

Se a legitimação do crítico como o intérprete de Graciliano ocorre por meio dessa correspondência, bem como da vontade do escritor de ter como introdução à sua obra um texto redigido por Candido, os artigos do crítico reforçaram a recepção favorável que Graciliano obtivera, colocando-o, de uma vez por todas, numa posição central entre os literatos. Ambos, contando com o reconhecimento de seus pares, atuaram, ainda que inconscientemente, para a inscrição dos seus nomes entre os atores legitimados no campo na medida em que o reconhecimento foi recíproco.

Esse estado de coisas é mais uma evidencia das variáveis necessárias para se chegar à consagração literária, que não depende exclusivamente da competência do escritor e da qualidade de seus livros. Antes, relaciona-se às estratégias de promoção individual que, por sua vez, passam pelo reconhecimento social do escritor, e pelas alianças locais, regionais e mesmo inter-regionais que envolvem escritores, críticos e editores, responsáveis pela produção, recepção, edição e circulação dos livros, enfim, exigências que deviam ser cumpridas, pois, de outro modo, as chances de lograr um espaço seriam praticamente nulas, como ficou evidenciado pela primeira investida do escritor em meados dos anos 1910. Tratava-se, portanto, de percorrer todo um circuito para se colocar nas disputas e, eventualmente, consagrar-se, o que acabou acontecendo com Graciliano Ramos.

¹⁸⁸ CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012, p. 13.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Modernismo e regionalismo no Brasil: entre inovação e Tradição. **Tempo Social**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 191-212, nov. 2011.

BOLLE, Adélia Bezerra de Meneses. **A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica**. Petrópolis: Vozes, 1979.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil. 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a Cultura. In: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

_____. **Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012.

_____. **Formação da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2013.

CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CASTELLO, José Aderaldo. **José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo**. São Paulo: Edart, 1961.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro. **Do Recife nos anos 20 ao Rio de Janeiro nos anos 30: José Lins do Rego, Regionalismo e Tradicionalismo**. 2007. 211 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. **Enciclopédia de literatura brasileira**. São Paulo: Global Editora, 2001. 2 v.

D'ANDREA, Moema Selma. A polêmica revisitada: Regionalismo e Modernismo. **Estudos de Sociologia**, Pernambuco, v. 1, n. 1, p. 53-62, 1995.

ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

GINZBURG, Carlo. **Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil: Sua História**. São Paulo: Edusp, 2012.

HOLANDA, Bartolomeu Buarque de. **Buarque, uma família brasileira: ensaio histórico-genealógico**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

JOHNSON, Randal. A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945). **Revista USP**, São Paulo, n. 26, p. 164-181, ago. 1995.

LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o Modernismo**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LEBENSZTAYN, Ieda. **Graciliano Ramos e a Novidade: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis**. São Paulo: Hedra, 2010.

LINS, Álvaro. Vidas Secas. In: LINS, Álvaro. **Jornal de Crítica**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943. (2).

LINS, Álvaro. Infância de um romancista. In: LINS, Álvaro. **Jornal de Crítica**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1947. (5).

LINS, Álvaro. Visão geral de um ficcionista. In: LINS, Álvaro. **Jornal de Crítica**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951. (6).

MICELI, Sérgio. Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945). In: MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MILLIET, Sérgio. **Diário crítico de Sérgio Milliet**. São Paulo: Martins, 1981. p. 200-205. (IV).

MILLIET, Sérgio. **Diário crítico de Sérgio Milliet**. São Paulo: Martins, 1981. p. 278-282. (VIII).

MILLIET, Sérgio. **Diário crítico de Sérgio Milliet**. São Paulo: Martins, 1981. p. 126-129. (IX).

MILLIET, Sérgio. **Diário crítico de Sérgio Milliet**. São Paulo: Martins, 1981. p. 222-223. (X).

MORAES, Dênis de. **O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: Um Estudo dos Editores, das Editoras e das "Coleções Brasileiras", nas Décadas de 1930, 1940 e 1950. **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 26, p. 56-89, 1988.

_____. **Destinos Mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940-1968)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

QUEIROZ, Rachel de; SALEK, Maria Luiza de Queiroz. **Tantos Anos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

RAMOS, Graciliano. **Caetés**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. **Angústia**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

_____. **Memórias do Cárcere**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

_____. **Linhas tortas**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

ROCHA, Tadeu. **Modernismo e regionalismo**. Maceió: EDUFAL, 2014.

SALLA, Thiago Mio; LEBENSZTAYN, Ieda (Org.). **Conversas**: Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SAPIRO, Gisèle. Elementos para uma história do processo de autonomização: o exemplo do campo literário francês. **Tempo Social**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 93-105, jun. 2004.

SERRANO, Pedro Bueno de Melo. **A crítica bandeirante (1920-1950)**. 2016. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SILVA, Simone. **As rodas literárias nas décadas de 1920-30**: troca e reciprocidade no mundo do livro. 2004. 84 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2004.

SOARES, Lucila. **Rua do Ouvidor, 110**: uma história da Livraria José Olympio. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

SORÁ, Gustavo. **Brasileiras**: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp, 2010.

SOUZA, Gilda de Mello e. Teatro ao Sul. In: SOUZA, Gilda de Mello e. **Exercícios de leitura**. São Paulo: Editora 34, 2008.

SÜSSEKIND, Flora. **Papéis colados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

WILLIAMS, Raymond. O Círculo de Bloomsbury. In: WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

PERIÓDICOS CONSULTADOS

Boletim de Ariel. Mensario Critico-Bibliographico. Ano I – Outubro de 1931 a Setembro de 1932. 12 números.

Boletim de Ariel. Mensario Critico-Bibliographico. Ano II – Outubro de 1932 a Setembro de 1933. 12 números.

Boletim de Ariel. Mensario Critico-Bibliographico. Ano III – Outubro de 1933 a Setembro de 1934. 12 números.

Boletim de Ariel. Mensario Critico-Bibliographico. Ano IV – Outubro de 1934 a Setembro de 1935. 12 números.

Boletim de Ariel. Mensario Critico-Bibliographico. Ano V – Outubro de 1935 a Setembro de 1936. 12 números.

ARQUIVOS CONSULTADOS

Arquivo IEB-USP, Fundo Graciliano Ramos, Coleção Correspondência Ativa.

Arquivo IEB-USP, Fundo Graciliano Ramos, Coleção Correspondência Passiva.

Arquivo IEB-USP, Fundo Graciliano Ramos, Coleção Correspondência entre Terceiros.